

Coleção
Sexualidade & Mídias

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
Ana Cláudia Bortolozzi
Gabriel Câmara Branco
[organizadores]

LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE

GÊNERO E GERAÇÃO

VOLUME 20

 **Pedro & João**
editores

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:
Gênero e Geração**

**Coleção Sexualidade & Mídias
Volume 20**

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
Ana Cláudia Bortolozzi
Gabriel Câmara Branco
(Organizadores)

LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:
Gênero e Geração

Coleção Sexualidade & Mídias
Volume 20



GEPESec



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu (s) respectivo (s) autor (es).

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho; Ana Cláudia Bortolozzi; Gabriel Câmara Branco [Orgs.]

Leituras sobre a sexualidade: gênero e geração. Vol. 20. Coleção Sexualidade & Mídias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 235p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0995-1 [Impresso]

978-65-265-1001-8 [Digital]

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Geração. 4. Sexualidade & Mídias. I. Título.

CDD – 150

Capa: Felipe Roberto

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Débora de Aro Navega	
Capítulo 1	15
A COR PÚRPURA: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE	
Táhcita Medrado Mizael	
Mariana Ribeiro de Castro	
Capítulo 2	31
MÉTODO KOMINSKY: DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E SEXUALIDADE MASCULINA	
Isabela de Oliveira Fogaça	
George Miguel Thisoteine	
Andre Gellis	
Capítulo 3	51
CONSIDERAÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS INTER-RACIAIS EM ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR	
Manoel Antônio dos Santos	
André Villela de Souza Lima Santos	
Capítulo 4	73
NAVILLERA: ESCOLHAS E REALIZAÇÃO DE SONHOS NA FASE ÚLTIMA DO CICLO VITAL FAMILIAR	
Marianne Ramos Feijó	
Nelson Iguimar Valerio	

Capítulo 5 FEEL GOOD: REFLEXÕES ACERCA DA RIGIDEZ DAS IDENTIDADES DE GÊNERO Letícia Carolina Boffi Amanda Brandane Minari	85
Capítulo 6 POSE: REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DAS CASAS DE ACOLHIMENTO E A UNIÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NO FINAL DA DÉCADA DE 80 Juliana Alves Messias da Silva Paloma Gonçalves Nunes	105
Capítulo 7 DISJOINTED: ROMANCE, AVENTURA E REBELDIA NA 3ª IDADE Bianca Longhitano Tamires Giorgetti Costa	121
Capítulo 8 A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE POR UMA ADOLESCENTE LÉSBICA EM CONECTADAS: UMA PERSPECTIVA KLEINIANA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL Amanda Brandane Minari Bruna Bortolozzi Maia Érika Arantes de Oliveira-Cardoso Manoel Antônio dos Santos	133
Capítulo 9 SUK SUK: A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA LGBTQIAP+ Amanda de Pádua Cruz Mayra Grava de Moraes Tatiana de Cássia Ramos Netto	159

Capítulo 10	173
ANOREXIA NERVOSA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS INSPIRADAS PELO FILME O MÍNIMO PARA VIVER	
José Eugênio Valério Pereira	
Thaís Yumi Shirane	
Bruna Bortolozzi Maia	
Érika Arantes de Oliveira-Cardoso	
Manoel Antônio dos Santos	
Capítulo 11	199
VELHA PARA ISSO? ESTEREÓTIPOS SOBRE ENVELHECIMENTO, GÊNERO E SEXUALIDADE	
Adriano Nicolau Selpis	
Marcela Pastana	
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	219
SOBRE AS ORGANIZADORAS E O ORGANIZADOR	227
SOBRE O GEPESec	229
OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS	231

APRESENTAÇÃO

Débora de Aro Navega

Este vigésimo volume da Coleção “*Sexualidade e Mídias*” fecha um ciclo de intensa produção - sob o entusiasmo e a dedicação das/os Organizadoras/es - que nos últimos anos frutificou em um corpo de conhecimentos originais, englobando uma miríade de assuntos do “guarda-chuva” da sexualidade, e que reuniu contribuições de autorias diversas. Sem dúvidas, temos na Coleção um material rico para embasar estudos, incitar novas reflexões e a (re)construção de concepções e saberes.

Este volume tem autores/as graduandos/as, pós-graduandos/as, profissionais, docentes e pesquisadores/as da área da Psicologia. A partir de análises críticas de filmes, de séries, de um livro de ficção juvenil e de uma peça publicitária, os capítulos tensionam ficção e realidade, descortinando problemáticas atuais e revelando suas camadas constitutivas. As análises adotam perspectivas interseccionais de gênero, raça, classe, identidade sexual e idade.

Também defendem transformações sociais e simbólicas, apontando horizontes de emancipação e realização humana, trazendo contribuições científicas e no campo do ativismo político. Por tudo isso, nos informam e sensibilizam, despertando a vontade de saber mais sobre os assuntos e a curiosidade de saborear as obras analisadas.

No Capítulo 1, “*A cor púrpura: reflexões sobre o feminismo negro e a interseccionalidade de gênero, raça e classe*”, as autoras Táhcita Medrado Mizaél e Mariana Ribeiro de Castro mostram como a sociedade racista patriarcal - historicamente - oprime, silencia e violenta mulheres negras. E apresentam a união e a solidariedade das mulheres negras como uma via de empoderamento e de emancipação.

O racismo também é abordado pelos autores Manoel Antônio dos Santos e André Villela de Souza Lima Santos no Capítulo 3 *“Considerações sobre relacionamentos inter-raciais em adivinhe quem vem para jantar”*. Eles apresentam um panorama de eventos históricos que denotam funestas mentalidades sociais racistas, e, em contraposição, fatos marcantes da resistência e da luta do movimento negro. E mostram como estas tensões raciais atravessam e se manifestam em conflitos no nível interpessoal, como nas apreensões de familiares de um casal inter-racial.

Ainda sob uma perspectiva interseccional de raça, classe e identidade sexual, no Capítulo 6 *“Pose: reflexões sobre as potencialidades das casas de acolhimento e a união da comunidade LGBTQIA+ no final da década de 80”*, as autoras Juliana Alves Messias da Silva e Paloma Gonçalves Nunes ressaltam como as Casas de acolhimento são importantes fontes de apoio emocional, de convívio social, de resgate da dignidade, de fomento de potencialidades e de perspectivas de futuro para pessoas da Comunidade LGBTQIA+.

O Capítulo 5 *“Feel good: reflexões acerca da rigidez das identidades de gênero”* também aborda a diversidade sexual. As autoras Letícia Carolina Boffi e Amanda Brandane Minari discutem os desafios das vivências de autopercepção e constituição de identidades sexuais dissidentes das normas hegemônicas, especialmente as de gênero não-binário, e da pressão para performar o modelo de relacionamento heteronormativo. Mostram ainda possíveis implicações destes desafios para as relações amorosas e a saúde mental das pessoas envolvidas.

Os capítulos 2, 8 e 10 trazem análises psicanalíticas. O Capítulo 8 *“A descoberta da sexualidade por uma adolescente lésbica em conectadas: uma perspectiva Kleiniana do desenvolvimento emocional”* é de autoria de Amanda Brandane Minari, Bruna Bortolozzi Maia, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso e Manoel Antônio dos Santos. Os/as

autoras/es analisam os processos de cisão e integração do ego no decorrer das vivências de uma adolescente que descobre o afeto e o desejo lésbicos, e precisa lidar subjetivamente com o preconceito familiar e o internalizado. Neste ínterim, enquanto o avatar no jogo virtual possibilita alguma liberdade de experimentação e interação, o apoio do amigo e da amada auxiliam na resolução dos conflitos no plano real.

O Capítulo 10 “*Anorexia nervosa: reflexões psicanalíticas inspiradas pelo filme o mínimo para viver*” é de autoria de José Eugênio Valério Pereira, Thaís Yumi Shirane, Bruna Bortolozzi Maia, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso e Manoel Antônio dos Santos. Os autores apresentam uma leitura dos sintomas de transtornos alimentares pelo referencial psicanalítico Winnicottiano, mostrando como os vínculos familiares estão relacionados à (des)nutrição e ao (des)amparo nos processos de constituição do self (des)integrado, reverberando na ausência ou presença do desejo de viver.

Pelos referenciais de Freud e Lacan, no Capítulo 2 “*Método Kominsky: diálogos entre psicanálise e sexualidade masculina*”, Isabela de Oliveira Fogaça, George Miguel Thisoteine e Andre Gellis analisam o sofrimento masculino (sobretudo na velhice) diante da repressiva moral sexual vigente. Mostram que a restrição da virilidade à ereção e à prática sexual penetrativa repercute em angústias e ansiedades pelo desempenho sexual “ideal”, desconsiderando a dimensão afetiva e outras possíveis práticas sexuais prazerosas.

Os capítulos 4,7,9 e 11 seguem enfocando na temática da sexualidade no envelhecimento, trazendo outras reflexões necessárias para romper esse duplo tabu, questionando mitos e preconceitos presentes em nosso meio social, bem como, em outros lugares do mundo.

No Capítulo 4 “*Navillera: escolhas e realização de sonhos na fase última do ciclo vital familiar*”, Marianne Ramos Feijó e Nelson Iguimar Valerio discutem, pela Perspectiva Sistêmica e Complexa, como expectativas atreladas aos estereótipos e papéis de masculinidade da sociedade sul coreana (além das condições materiais) dificultam a identificação de desejos, sonhos e interferem nas escolhas e projetos ao longo da vida. Mostram ainda que na velhice estão mantidas as possibilidades de rompimento de padrões, assim como, de concretização de aspirações e realizações, catalisadas por interações sociais positivas.

A abertura para novas experiências de vida durante o envelhecimento também é abordada no Capítulo 7 “*Disjointed: romance, aventura e rebeldia na 3ª idade*”, de Bianca Longhitano e Tamires Giorgetti Costa. As autoras discutem assuntos como o uso medicinal da cannabis durante o envelhecimento e a transgressão de padrões nessa fase. Problematizam o mito da assexualidade na velhice e abordam tópicos relativos aos relacionamentos afetivo sexuais (após a viuvez): a comunicação, a autoestima, e a variedade de expressões afetivas e eróticas possíveis. Discutem ainda sobre o papel de cuidadora comumente assumido por mulheres idosas.

No Capítulo 9 “*Suk Suk: a dupla estigmatização da pessoa idosa LGBTQIAP+*”, as autoras Amanda de Pádua Cruz, Mayra Grava de Moraes e Tatiana de Cássia Ramos Netto discutem o duplo preconceito enfrentado por idosos/as chineses/as LGBTQIAP+ que enfrentam a falta de liberdade para expressar sua orientação sexual. Esta exige o enfrentamento de conflitos e/ou dos distanciamentos no âmbito familiar, assim como, da discriminação em espaços públicos e em Instituições de Longa Permanência.

A autonomia e o direito de uma vivência plural do envelhecimento também são abordados no Capítulo 11 “*Velha para isso? estereótipos sobre envelhecimento, gênero*”

e sexualidade”. Adriano Nicolau Selpis e Marcela Pastana apresentam concepções sociais do envelhecimento ao longo da história, bem como, exploram significados do envelhecimento na atualidade. E mostram como a repressão atua tanto na censura dos prazeres e na negação da sexualidade de idosos/as, quanto na imposição de padrões estéticos, de relacionamentos, e de papéis de gênero.

Desejamos a todas/os uma boa leitura!

Capítulo 1

A COR PÚRPURA: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECIONALIDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Táhcita Medrado Mizael¹
Mariana Ribeiro de Castro

Introdução

O pensamento feminista negro, enquanto movimento social e teoria crítica, adquire extrema relevância ao afirmar a impossibilidade de se pensar a categoria *mulher* de maneira única e uniforme, visto que tal categoria abarca em si mesma as intersecções de diferentes identidades sociais - oriundas de raça, gênero e classe, entre outras -, que devem ser consideradas para a sua utilização como ferramenta metodológica de análise. Nesse processo, tem-se em mente que, assim como o patriarcado - definido como um conjunto de práticas culturais que hierarquizam homens e mulheres, com primazia masculina, e presente em todas as áreas de convivência humana consolida uma posição subordinada da mulher na sociedade (Saffioti, 2004/2015) - o racismo - enquanto uma estrutura que estabelece uma hierarquização de indivíduos brancos e não-brancos, com os brancos no topo e os negros na base, levando a privilégios para a população branca e a desvantagens para populações não-brancas (Almeida, 2019; Munanga, 2004) - também ocupa e reforça esse lugar quando intersecionado com gênero.

¹ Táhcita M. Mizael é bolsista de pós-doutorado na University of South Australia (Processo Número 2022/14309-2).

Assim, a discussão acerca do feminismo negro enquanto teoria social crítica oferece caminhos para construirmos um olhar sobre a influência de um conjunto de elementos político-jurídico-culturais na construção e manutenção de opressões racistas-patriarcais-classistas-heterossexistas (Collins, 2019); a opressão, por sua vez, pode ser conceituada como “qualquer situação injusta onde, sistematicamente e por um longo período de tempo, um grupo nega ao outro acesso aos recursos da sociedade” (Collins, 2019, p. 33). Apesar disso, ainda se nota baixa visibilidade e representatividade de obras literárias e acadêmicas que se debruçam sobre os tensionamentos propostos por mulheres negras. Uma das possíveis causas de tal lacuna é o fato de que, tanto nos movimentos de mulheres feministas brancas quanto nos movimentos negros e nas instituições mistas, o atravessamento das categorias de gênero e raça delega a essas mulheres uma situação de sub-representação (Davis, 2013; Assis, 2019).

Os sistemas de opressão que operam em nossa sociedade atuam com base em uma escala de valores arbitrária, que considera uma associação entre traços do indivíduo (e.g., fenotípicos, culturais) e suas qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais (Munanga, 2004). Dessa associação, resulta um conjunto de valores propagados por imagens estereotipadas, que cerceiam a subjetividade do indivíduo a partir de sua inserção em uma ideologia generalizada de dominação (Collins, 2019). Ao analisar-se a condição social da mulher negra, observa-se o papel dos grupos autoritários de elite na definição de um conjunto de *imagens de controle*, isto é, da manipulação de ideias relacionadas à condição da mulher negra, objetivando naturalizar contextos sociais injustos, tais como o racismo, o machismo e o elitismo classista, que nos são apresentados como inevitáveis ao bom funcionamento da vida cotidiana, enquanto auxiliam na manutenção da subordinação das

mulheres negras na sociedade (Bueno, 2020; Collins, 2019). Essas imagens de controle delegam a mulher negra à posição do *Outro* em nossa sociedade; isto é, a um elemento objetificado, que deve ser sistematicamente silenciado, manipulado e controlado (hooks, 1989).

No presente texto, dá-se ênfase ao panorama do feminismo negro estadunidense, que surge em resposta a uma contradição estrutural da sociedade norte-americana: se, por um lado, vemos a defesa de práticas democráticas em prol da liberdade individual, da justiça social e da igualdade perante a lei a todos os cidadãos estadunidenses, por outro lado, observamos a persistência de um tratamento diferenciado a alguns grupos sociais, baseando-se em critérios de raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência, etc. Dentro dessa contradição, as mulheres negras estadunidenses são vítimas de uma matriz de dominação que é constituída pelo modo de organização das opressões interseccionais (Collins, 2019); essas, por sua vez, fundamentam práticas discriminatórias que afetam suas condições de moradia, educação, emprego, interações sociais e expressões culturais (Roberts; Rizzo, 2021).

No que se refere à condição da mulher negra no contexto social norte-americano, há uma importante trajetória histórica a ser considerada, visto que grande parte das afro-americanas descendem de mulheres que foram sequestradas para trabalharem como escravizadas, tendo seus direitos negados sistematicamente por todo o tempo em que esse regime durou (Nascimento, 2016). Nesse contexto, identidades sociais como raça, classe, gênero, sexualidade, idade, etnia e deficiência constituíram-se como algumas das principais formas de opressão; e, por sua vez, a convergência das opressões de raça, classe e gênero, características do cenário de escravidão, embasou e ajudou a manter todas as subsequentes relações de opressão vivenciadas por mulheres afro-americanas nas famílias e

comunidades negras do país (Collins, 2019; Nascimento, 2016). Apesar de sua suposta emancipação, com a abolição da escravatura, as mulheres negras continuaram vivenciando as feridas da articulação entre o racismo e machismo estruturais que reverberam nas diversas esferas políticas, culturais e econômicas da sociedade.

Uma das principais dimensões em que se percebe os reflexos oriundos do contexto de opressão vivenciado pelas mulheres afro-americanas durante a escravidão se refere à persistência da exploração do trabalho, baseada no sistema capitalista estadunidense. Durante ao menos 75 anos após a emancipação, a maior parte das famílias negras ainda permanecia no sul, e as trabalhadoras negras foram submetidas a duas principais ocupações. A maioria delas trabalhava no campo, sob a supervisão de um homem - o chefe da unidade familiar - que recebia todo o salário ganho pela produção e que submetia a mulher a condições laborais que pouco diferiam daquelas vivenciadas durante a escravidão. O trabalho doméstico, por sua vez, era outra ocupação básica, e desde cedo as meninas negras eram treinadas para tal função, ao ficarem responsáveis pela execução dos afazeres domésticos e pelo cuidado dos irmãos. Todas essas condições laborais submetiam as mulheres afro-americanas a condições tão deploráveis de vida que poucas tiveram oportunidade de ter acesso ao estudo formal e a um trabalho intelectual, o que acentuava sua condição de submissão e reiterava os estigmas de inferioridade e de incapacidade intelectual a elas atribuídos (Collins, 2019).

Ainda, durante a escravidão, as mulheres negras eram condicionadas à “imagem da mulher procriadora” (Collins, 2019, p. 150), pela qual eram submetidas a um processo de mercantilização de seus corpos, convertidos na forma de unidades de capital. Perpetuada no contexto pós-escravidão, essa imagem ofereceu justificativa para a interferência direta

do chefe da família na vida reprodutiva da mulher e nas decisões sobre sua fecundidade, que era vista como processo gerador de renda. As crianças geradas pelas afro-americanas representavam uma propriedade valiosa, que poderia ser utilizada localmente como força de trabalho ou vendida a outras famílias.

Essa imagem de controle se relaciona intimamente com questões relativas à sexualidade das mulheres negras. Durante todo o período de escravização, mulheres negras foram estupradas pelos seus senhores, os quais se utilizavam do argumento da “cor do pecado”, da “mulata sensual”, entre outras expressões ainda hoje utilizadas, para justificar os abusos cometidos. Deste modo, a junção da ideia de homem como um ser com “instintos irrefreáveis” com as “provocações causadas” pelas mulheres negras, com seus corpos “irresistíveis”, foi e ainda é utilizada como argumento para culpabilizar as mulheres negras e desresponsabilizar os homens por suas agressões (e.g., Munanga, 2004).

As consequências dessa hipersexualização do corpo da mulher negra são ainda refletidas em uma série de outros atos de opressão, tais como o abuso doméstico, o incesto e a exploração sexual; essas práticas, ao serem acompanhadas do uso da violência, privam as vítimas da vontade de resistir e as tornam submissas e passivas à vontade do opressor (Anderson; Holland; Heldreth; Johnson, 2018). Nesse sentido, Collins (2019, p. 235) ressalta que “a exploração das mulheres negras como procriadoras as objetificou como menos que humanas, porque somente os animais podem ser levados a se reproduzir contra a própria vontade”.

A sexualidade das mulheres negras, como assinala Hammonds (1997, p. 171, *apud* Collins, 2019, p. 217) “é frequentemente descrita por metáforas que fazem referência à falta de palavras, espaço ou visão; como um ‘vácuo’ ou espaço vazio que é ao mesmo tempo sempre visível (exposto) e invisível, no qual o corpo das mulheres

negras já está colonizado”. Esse silenciamento é resultante de uma supressão da voz das mulheres negras pelos grupos dominantes, que, ao controlarem as principais instituições de poder existentes na sociedade - a escola, a mídia, as igrejas e o governo - reprimem seu discurso individual e coletivo.

Outra questão abordada por Giddings (1992) acerca de tal silenciamento se refere à impossibilidade de mulheres negras desenvolverem análises da sexualidade que impliquem homens negros, uma vez que as normas de solidariedade racial as aconselham a colocarem suas próprias necessidades em segundo lugar. Ao discutir sobre tal temática, Collins (2019, p. 253) afirma que “esse silêncio esconde uma questão importante”, uma vez que os homens negros, por fazerem parte de uma cultura machista e racista, podem internalizar e reproduzir tais imagens de controle aplicadas às afro-americanas, inclusive por vias de abuso sexual e estupros. Assim, por “fidelidade” à raça, muitas mulheres negras não denunciavam condutas de exploração vinda dos homens brancos, por medo de represálias, uma vez que os homens brancos têm mais poder enquanto grupo privilegiado, nem dos homens negros, por uma adesão a uma falsa ideia de hierarquização dos marcadores, no qual a raça deveria vir antes do gênero. Esse silêncio é, portanto, fruto de um sistema de violência legitimada contra as mulheres negras, que propaga ideologias hegemônicas que naturalizam a violência cotidiana a ponto de muitas mulheres não verem a si mesmas nem às outras como vítimas.

Por fim, ressalta-se ainda a questão da valoração da beleza em mulheres negras, em que convergem as noções de raça, gênero e sexualidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que o aspecto da estética é experimentado de maneiras diferentes nas vivências dos indivíduos: as mulheres, em geral, carregam consigo um estigma de objetificação intimamente ligado à valoração de sua

aparência. E, nesse sentido, as mulheres negras encaram a dor de nunca conseguirem viver de acordo com o que é determinado pelos padrões de beleza vigentes, pautados na brancura - como, por exemplo, a cor da pele clara, o cabelo liso e traços europeus. Esses valores são inconscientemente internalizados, conduzindo a sentimentos de inferioridade, baixa autoestima e passividade em relação aos sistemas de dominação vigentes:

Os padrões dominantes de beleza dizem que, por mais inteligente, educada ou “bonita” que seja, uma mulher negra com traços ou cor da pele mais africanos deve “voltar para trás”. No pensamento binário que sustenta as opressões interseccionais, as loiras magras e de olhos azuis não poderiam ser consideradas bonitas sem o Outro – as mulheres negras com características tipicamente africanas: pele escura, nariz largo, lábios carnudos e cabelo crespo (Collins, 2019, p. 167).

Esse entrelaçamento entre raça e gênero, dentro de uma cultura patriarcal e machista leva ao fenômeno descrito como *solidão da mulher negra* (e.g., Fernandes, 2018; Pacheco, 2013; Souza, 2008). Esse fenômeno resulta da intersecção entre a raça negra e o gênero feminino em uma cultura racista e patriarcal, e pode ser descrito enquanto um conjunto de experiências aversivas, onde a mulher negra se sente e pode, também, estar sozinha no contexto de relacionamentos amorosos (e.g., estar solteira, celibato involuntário, ser abandonada pelo namorado/esposo) ou não (e.g., ser abandonada pelo pai, ser a única mulher negra em uma empresa ou sala de aula, ser considerada irrelevante do ponto de vista afetivo – “sem importância”). O fenômeno descrito como *solidão da mulher negra* tem sido importante, por congrega em um único termo, muitas das experiências de privação e exploração a qual mulheres negras são submetidas cotidianamente.

Não há saída?

Embora o entrelaçamento dos diferentes marcadores sociais seja uma potente ferramenta para a análise de situações de opressão, ela também pode ser utilizada para analisar possibilidades de agência, como preconizam as noções de interseccionalidade construcionistas (Piscitelli, 2008). No próprio pensamento feminista negro, uma das características distintivas deste movimento é a autodefinição, considerada um ponto chave para o empoderamento (Collins, 2019). Assim, do mesmo modo que as imagens de controle auxiliam na dominação e no silenciamento das mulheres negras, a autodefinição serve como um contraponto, dando voz e agência para essas mulheres. Portanto, a união das mulheres negras, na forma do conhecimento coletivo e o reconhecimento de que este conhecimento não vem apenas da academia, mas também das artes, da música, do dia a dia e de outros contextos é um dos pontos mais importantes para a sua emancipação (Collins, 2019).

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Color Purple</i>
Nome Traduzido	A Cor Púrpura
Gênero	Drama
Ano	1985
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América – Idioma inglês americano
Duração	2h34min
Direção	Steven Spielberg

O filme é ambientado no início do século XX, em uma pequena cidade da Geórgia, localizada no sul dos Estados Unidos. Acompanhamos a trajetória de vida de Celie, uma

mulher afro-americana constantemente violentada sexualmente por parte de seu próprio pai, e que se torna mãe de duas crianças. Celie, após ser imediatamente separada de seus filhos e de sua irmã mais nova, Nettie, é levada às mãos de Sr. Albert Johnson, que se casa com ela no intuito de utilizá-la como empregada doméstica e cuidadora de seus filhos, além de submetê-la cotidianamente a abusos físicos e psicológicos.

Como modo de fugir de uma realidade hostil que a oprime e a silencia, Celie começa a expressar sua aflição por meio de cartas, endereçadas primeiramente a Deus e, mais tarde, à sua irmã Nettie, que atua como missionária na África, e a quem Celie espera um dia poder reencontrar. O contexto de passividade e resignação de Celie começa a mudar com a chegada de Shug Avery – famosa cantora de Blues e amante de Albert – e da esposa de Harpo, filho de Albert, chamada Sofia. Esse encontro permite a construção de vínculos afetivos e de solidariedade entre tais mulheres, despertando em Celie a consciência de seu próprio valor e a possibilidade de transformar a realidade hostil e opressora na qual ela vive.

Análise Crítica

O filme apresenta diversos pontos que podem ser discutidos, e que se relacionam com o entrelaçamento de raça, gênero e sexualidade. Como apresentado na introdução, a intersecção entre os marcadores sociais gera experiências muito ímpares aos indivíduos, e, de maneira geral, a experiência de ser uma mulher negra na sociedade brasileira (ou estadunidense, onde o filme se passa) significa, muitas vezes, estar na base da sociedade; isto é, com os maiores níveis de privação de recursos materiais, atenção, afeto, o que facilita a entrada e manutenção em relacionamentos abusivos e outros tipos de exploração. No filme, essa submissão, quase que forçada por uma sociedade

racista e patriarcal (machista), é evidente nas diversas cenas em que Celie é explorada, tanto do ponto de vista de seu trabalho, como de seu corpo (exploração sexual).

Logo no início do filme, somos apresentados ao contexto de violência doméstica vivenciado por Celie, uma adolescente negra de 14 anos de idade que vive na Geórgia durante o século XX, com seu pai e sua irmã, Nettie. Celie é estuprada pelo pai e, como resultado desses abusos, acaba sendo mãe de duas crianças - Adam e Olivia - dos quais ela é forçosamente separada, pois eles são entregues por seu pai a um casal de missionários. Essa cena, intimamente relacionada à representação da “imagem da mulher procriadora” discutida por Collins (2019, p. 150), retrata a problemática da hipersexualização e objetificação do corpo da mulher negra, que é acompanhada pelo incesto, pela violência física e pela mercantilização de seu corpo, que é usado como fonte de renda a partir da venda dos filhos gerados por esses atos brutais.

Celie sofre outros abusos ao ser forçada a se casar com Albert, viúvo e pai de quatro filhos. Albert casa-se com Celie com o intuito de usá-la como uma empregada doméstica, forçando-a a cuidar da casa e de seus filhos, e mantendo relações sexuais com ela contra sua vontade (estuprando-a); as agressões dele contra Celie não eram apenas físicas, mas também emocionais, no sentido de sempre reforçar que a moça não tinha beleza, inteligência ou qualquer outro atributo relevante. Em uma das cenas, por exemplo, Albert diz a Celie: “*você é negra, pobre, feia e mulher. Você não é nada*”. Tal como mencionado na parte introdutória do presente capítulo, esses valores de inferioridade, ao serem internalizados pela personagem, conduzem-na a uma posição de passividade e resignação frente ao contexto de opressão por ela vivenciado.

Outro ponto relevante que ilustra a interação entre os marcadores raça e gênero é a solidão vivenciada por Celie,

como resultado do progressivo silenciamento a ela imposto por atos de violência física e emocional. Descrito na literatura brasileira como *solidão da mulher negra* (Fernandes, 2018; Pacheco, 2013; Souza, 2008), esse fenômeno pode ser visto em diversos momentos no filme, ficando marcada em alguns momentos, como na conversa que Celie tem com Shug Avery, sobre Albert:

Shug: Você gosta (de dormir com Albert)?

Celie: Não. Na maior parte das vezes, eu finjo que nem estou lá. Ele nem nota a diferença. (Ele) nunca me pergunta como eu me sinto. Nunca me pergunta sobre mim. Só vem pra cima de mim e faz o negócio dele (sexo/estupro).

Apesar de essa intersecção entre a raça negra e o gênero feminino gerar diversas experiências de opressão, esses entrelaçamentos também podem servir como potencial para resistência, em alguns contextos (Piscitelli, 2008). Isso pode ser visto na importância de três mulheres na vida de Celie: Nettie, Shug e Sofia. Uma das principais cenas que ilustra essa questão é o diálogo ocorrido entre Celie e sua irmã, Nettie, quando Nettie, fugindo de casa por conta das violências sistemáticas sofridas pelo pai, visita a irmã em sua casa e, ao ver o contexto de opressão vivenciado por Celie em seu ambiente doméstico, começa a questioná-la sobre a posição de inferioridade à qual ela é submetida. Elas têm o seguinte diálogo:

Nettie: Não deixem que a desrespeitem. Você tem que mostrar quem é que manda!

Cellie: São eles.

Nettie: Você tem que enfrentar, Celie.

Celie: Não sei fazer isso. Só o que sei fazer é continuar viva.

O período em que Celie e Nettie ficam juntas na casa de Albert retrata a união das mulheres como estratégia de

enfrentamento às opressões por elas vivenciadas. Nettie, durante esse período, ensina Celie a ler para que, após a separação das duas, elas possam continuar se comunicando por meio de cartas. Tal separação ocorre quando Albert tenta estuprar Nettie, e ela reage machucando-o; depois disso, Albert expulsa Nettie de casa, e passa a esconder todas as cartas que ela manda à irmã pelo correio. Esse episódio reforça a condição de solidão experienciada por Celie, que chega a questionar se a irmã morreu ou esqueceu dela.

Sofia, por sua vez, é outra personagem que traz um tom de rebeldia e resistência ao filme. Ela é uma mulher forte e independente, que, logo no início, quando é apresentada a Albert por Harpo (filho de Albert), deixa claro que não pretende se submeter à força de nenhum homem. Ela chega a dizer para Albert: *“Você não vai me dizer como cuidar de mim e do meu bebê. Posso cuidar dele sozinha”*. Harpo se casa com Sofia, e podemos perceber que a relação dela com o marido é completamente diferente da de Celie e Albert. Sofia é uma figura de autoridade em seu ambiente doméstico, o que leva Celie a questionar-se acerca de sua própria perspectiva fatalista e resignada frente às opressões que vivencia diariamente.

Outra personagem essencial ao processo de emancipação de Celie é Shug Avery, cantora e amante de Albert. Albert é apaixonado por Shug, mas foi impedido de casar-se com ela pelo pai devido à má reputação da moça. Quando Shug fica doente, Albert a leva até sua casa para cuidar dela. Durante esse episódio, Celie e Shug acabam virando amigas; mais do que isso, Celie parece ver em Shug tudo aquilo que chamam de amor e que ela nunca esperava ter. Shug auxilia Celie a desmistificar muitas crenças autodepreciativas que Celie tinha com relação a si mesma, levando-a a construir novas concepções acerca de si mesma e de sua posição social na realidade que vivencia.

Shug também é responsável pela reconstrução dos laços afetivos entre Celie e sua irmã. Em determinado momento do filme, Shug pega as cartas do correio da casa de Albert e revela a Celie uma carta de sua irmã, Nettie. Celie se emociona ao perceber que, diferente do que pensava, não estava sozinha no mundo, pois sua irmã continuava escrevendo periodicamente a ela. Ainda, depois desse episódio, Shug ajuda Celie a procurar todas as outras cartas que foram enviadas pela irmã, e Celie, com isso, passa a saber tudo o que aconteceu na vida dela desde a separação das duas.

Vale também ressaltar que as interações entre os marcadores sociais não se restringem à raça e ao gênero. No filme, é possível ver os desdobramentos da sexualidade com tais marcadores. Como já mencionado, o filme se passa no início do século XX, e a homossexualidade compulsória (Rich, 2010) ainda hoje praticada, era a norma naquela época. As mulheres não tinham a escolha de se relacionar com o gênero que sentiam desejo; pelo contrário, as mulheres, especialmente as negras, não tinham escolha quanto à pessoa que elas se relacionariam ou se casariam, e, como ilustrado no filme, os casamentos eram praticamente arranjados e decididos pelo pai dessas mulheres. Em algumas cenas do filme, podem ser notados indícios de um relacionamento/desejo lésbico entre Celie e Shug. Em um de seus shows, por exemplo, Shug dedica uma de suas músicas a Celie, em que fala:

*Mana, da minha cabeça você não sai
Nós somos iguais
Então, mana, estou de olho em você (...)
Eu sou alguém
Tomara que você também ache que é alguém.*

Em outro momento, Celie diz o seguinte sobre Shug:

*Shug é como mel
E agora estou como uma abelha
Devo segui-la para tudo quanto é lugar
Vou para onde ela vai*

Essa obra cinematográfica ilustra, no decorrer dos episódios retratados, a importância da união entre as mulheres para seu empoderamento e emancipação. As relações de afeto e solidariedade construídos entre Celie e Nellie, Sofia e Shug são essenciais para a superação, por parte de Celie, dos sentimentos de inferioridade e de resignação por ela experienciados. Ao longo do filme, podemos notar a mudança de comportamento da personagem, que passa a se perceber como indivíduo que merece ser respeitado, ouvido, compreendido e amado. Assim, Celie, antes, totalmente resignada, começa a questionar o seu papel enquanto pessoa submissa, mudando seu comportamento, de modo a acreditar cada vez mais em si e em seu valor.

Considerações Finais

A análise da obra cinematográfica de “A Cor Púrpura” possibilitou a discussão de vários temas relativos às condições de opressão vivenciadas pela mulher negra em uma sociedade racista e patriarcal, evidenciando o papel da interseccionalidade de marcadores sociais nos processos de naturalização de práticas de violência física e psicológica. Tais práticas, por sua vez, conduzem ao progressivo silenciamento da mulher negra em meio à sua realidade vivida, resultando no apagamento de sua própria subjetividade e cristalizando sua condição subalterna, destituída de desejos, necessidades e expectativas de vida.

Por outro lado, o filme demonstra a possibilidade de superação de uma visão resignada e fatalista desse contexto de

opressão, através de laços de união e solidariedade construídos entre mulheres negras. Como discutido anteriormente, a partilha de experiências vivenciadas pelas personagens da obra culmina na construção de uma posição crítica frente às injustas relações de poder estruturadas. Essa tomada de consciência, para além de possibilitar a transformação da consciência individual das mulheres negras, também contribui para uma reformulação das dinâmicas sociais coletivas e das imagens de controle que perpetuam as práticas de opressão de raça e gênero ao longo das gerações (Collins, 2019). Por tudo isso, essa obra promove reflexões e ensinamentos extremamente necessários para a construção de uma sociedade mais igualitária, ressaltando o papel das redes de suporte construídas entre mulheres negras para a construção contínua de um processo de empoderamento e emancipação.

Referências

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDERSON, J. R.; HOLLAND, E.; HELDRETH, C.; JOHNSON, S. P. Revisiting the Jezebel stereotype: The impact of target race on sexual objectification. **Psychology of Women Quarterly**, v. 42, n. 4, p. 461–476, 2018.
- ASSIS, D. N. C. **Interseccionalidades**. 1. ed. Salvador: UFBA, 2019.
- COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERNANDES, E. G. **A cor do amor: o racismo nas vivências amorosas de mulheres negras**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Núcleo da Saúde, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

GIDDINGS, P. The Last Taboo. In: MORRISON, T. (Org.). **Racing Justice, Engendering Power**. Nova York: Pantheon, 1992, p. 441-469

HAMMONDS, E. M. Toward a Genealogy of Black Female Sexuality: The Problematic of Silence. In: ALEXANDER, J.; MOHANTY, C. T. (Orgs.). **Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures**. Nova York, Routledge, 1997, p. 170-183.

hooks, b. **Talking back: Thinking feminist, thinking black**. 1. ed. Boston: South End Press, 1989.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A. A. P. (Org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF; 2004, p.17-34.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PISCITELLI, A. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROBERTS, S. O.; RIZZO, M. T. The Psychology of American Racism. **American Psychologist**, v. 76, n. 3, p. 475-487, 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. Original publicado em 2004.

SOUZA, C. A. da S. **A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Estudos dos Pós-graduandos em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paul, São Paulo, SP, Brasil.

Capítulo 2

MÉTODO KOMINSKY: DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E SEXUALIDADE MASCULINA

Isabela de Oliveira Fogaça
George Miguel Thisoteine
Andre Gellis

Introdução

Freud em seu artigo de 1915, “Instinto e vicissitudes” (1996g), destacou a existência da pulsão, elemento já presente em outros importantes escritos (1996c; 1996d), mas que só agora foi articulado teoricamente de forma mais consistente com o restante de suas formulações psicanalíticas. Nesse texto, Freud está em busca inicialmente de tentar reformular a definição de instinto, uma vez que, segundo ele, o mesmo é utilizado para a reação fisiológica do corpo orgânico e para a reação mental que acontece no plano das representações. Em verdade, ambos teriam um estímulo que desencadearia uma força ou reação instintual; porém enquanto uma fonte é de ordem elétrica e sensorial, a outra é produto mnêmico, da memória, presente como imaterialidade no psiquismo e na história do indivíduo. E, por mais que as neurociências possam ter avançado em encontrar relações entre as substâncias químicas do funcionamento cerebral e o inconsciente, não cabe aqui tentar reduzir os processos psíquico e as representações mentais ao orgânico.

Em prol de levar esses dois aspectos a uma relação idiossincrática é que Freud deu destaque para a ideia da pulsão. Assim, a pulsão surge como um substituto para ser

utilizado dentro das formulações teóricas em psicanálise para uma dimensão daquilo que na medicina era tido como instintual (Freud, 1996g), mas que obrigava a dicotomia entre mente e corpo. De outro modo, a ideia de pulsão resgata a dicotomia e permite pensar o inconsciente sem o binarismo mente-corpo como dimensões separadas e sim como um novo tipo: o corpo erógeno/libidinal (Freud, 1996c).

Esse corpo libidinal implica em recorrer ao conceito de apoio, característica que indica partes, ou zonas, em que cada corpo sente prazer e desprazer. São sobre as zonas de apoio que constituem as zonas erógenas, pelas quais o corpo sente de forma particular, ou seja, a idiossincrasia produzida para o indivíduo do material (físico) e o representacional (imaterial).

Tome-se um exemplo: acariciar a barriga de um bebê. Essa circunstância de contato traz calor para a barriga, o calor pode ser necessário para trazer conforto sobre aquela região, que se acredita ser onde está acontecendo o desconforto e por se atribuir a ela o local da digestão, que com o calor pode se processar mais facilmente. Porém, o bebê cresce e pode se tornar uma criança que gosta, mesmo de estômago vazio, de receber carinho na barriga, pelo puro prazer que essa situação traz para si. Aí estão implicadas duas questões: a imaginarização do corpo e a inscrição de uma memória de prazer (Lacan, 1996).

É nesse ponto, recorrendo a leitura feita de Freud pelo psicanalista Jacques Lacan, que algumas questões podem continuar a ser melhor elucidadas. A sensação do indivíduo sobre um corpo orgânico, de órgãos, que adoce e onde só a ausência de desconforto faz alusão ao seu normal é uma imaginarização característica do discurso biomédico. Discurso fundamental para a modernidade e para as subjetividades que dela decorrem, mas que institui um imaginário social sobre o corpo, cria representações

coletivas e uma mediação sócio-histórica da sensação do que poderia ser chamado de corpo real (Birman, 2020)¹.

No entanto, o corpo não é apenas isso, ele é resultado de um contínuo processo de significação, que produz representações sobre suas partes e sobre o todo. Esse processo acompanha aquilo que Freud localiza como organização libidinal, em que a memória corporal é construída em conjunto com as zonas erógenas. Com relação a isso, pode-se falar também em corpo simbólico, que Freud (1996h) tentou localizar sobre “representação do ego corporal”, entretanto, essa é uma ideia que não encontra muitas definições em sua obra (Birman, 2020); a não ser pelo uso que Freud faz do conceito de pulsão e, no entanto, Lacan irá abordá-la longamente ao pensar no campo do simbólico e na formação do Eu (Lacan, 1996).

Retomando a conclusão de que o conceito de pulsão abole a dicotomia entre corpo material e corpo imaterial, ou seja, o dualismo mente-corpo. Agora ela pode ser pensada como um corpo que vive outro conflito: o da significação infinita. O corpo, ou a vida, reflete a condição do sujeito: ele está preso às instituições imaginárias produzidas sobre si, portanto, de seu corpo ao mesmo tempo da experiência particular que tem dele. Pensar a subjetividade, o sujeito e o inconsciente se inscrevem nessa condição, que não permite sustentar um dualismo mente-corpo, pois ela é o próprio resultado uníssono da imaginarização e simbolização do corpo.

Assim, a ideia de formular um conceito como o de pulsão justifica-se à medida que falar de instinto exige sempre localizar de onde se está partindo: uma relação material eletroquímica ou imaterial de sentido-memória?

¹ Importante ressaltar que o corpo real é diferente sobre o real do corpo. Enquanto o primeiro é a tentativa de falar do corpo apenas pelo que ele produz de estimulação e sem relação de sentido sobre isso; o segundo ponto trata dos eventos do Real que podem incidir ou surgir sobre o corpo.

Ambos. Com isso, Freud produz um avanço que permite pensar em outros elementos determinantes sobre a subjetividade, de modo que o material e o psíquico estejam integrados, tais como: o desejo e a angústia.

Pensar o desejo em psicanálise remonta a primeira grande obra psicanalítica “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1996c). Todo o esforço empreendido nesse momento por Freud se trata de provar a hipótese de que o *sonho é a realização de um desejo* como algo que pode ser usado de forma prática, à medida que expressa um fato sobre a construção dos sonhos. No caminho da construção dessa hipótese é realizada uma integração dos estratos neurológico e representacional o que dá um novo lugar para a compreensão do que é necessidade e o que é desejo.

Além disso, seguindo o caminho de Freud, o psicanalista Jacques Lacan também opera uma diferença importante entre desejo e necessidade que insere a questão do desejo diretamente ligada à angústia (Lacan, 2005). Então, Lacan formula duas etapas sobre essa questão. Primeiro, a diferença entre necessidade e desejo (Lacan, 1996), de modo que a primeira será relacionada com a privação e a segunda com a demanda. A necessidade surgiria de uma privação, inicialmente se pode pensar na fome que o bebê sente e que é sanada pela mãe. Essa situação inicial cria uma modificação entre o desprazer da fome e a incidência do prazer. Esse prazer está ligado impreterivelmente ao outro, a mãe por exemplo, mas a partir disso cria um campo de memória em que é possível obter prazer e não apenas sanar uma privação orgânica. Por conta disso, se fala que o desejo surge da demanda do outro, no caso em que o bebê que vive a imposição da satisfação da necessidade, mas que acompanha um prazer, no caso o oral e, portanto, parcial, que é o definidor da diferença entre a satisfação da necessidade e do desejo.

Assim, é pertinente a observação de que o sonho é a necessidade de realização de um desejo, pois assim se entende que o objeto de necessidade não é apenas da realidade material, mas passa necessariamente pela realidade psíquica. A necessidade é a medida da privação que o corpo passa, porém, muito pouco ocorre de forma instintual a partir disso. O sujeito deseja, por isso as formas de satisfação sempre são particulares e possuem relação com a história de vida de cada indivíduo.

Nesse sentido, o objeto do desejo é aquele que resolve o prazer de que se está em busca, causado por um objeto que Lacan apontou como *faltante* e *causa do desejo* - o objeto *a*. Esse objeto faltante está na produção da inscrição do desejo sobre a necessidade, o que muda radicalmente a relação entre a busca de objetos. Lacan aponta que a demanda é estruturante do lugar do grande Outro, lugar pelo qual existe o desejo no sujeito e por isso ele diz: “eu o tomo [o outro] pelo objeto, desejado-o, sem dúvida sem saber disso, sempre sem saber, eu o tomo pelo objeto, por mim mesmo desconhecido, de meu desejo” (Lacan, 2005, p.37).

Nesse ponto, se inscreve a dimensão da falta e, portanto, da angústia para o sujeito. A angústia *não é sem objeto* (Lacan, 2005), porém, esse objeto é de duas ordens: representacional do prazer obtido e inconsciente (como objeto faltante). É nesse sentido que Freud também relaciona o desejo com a angústia. Quando em suas análises sobre a realização do desejo em sonhos específicos ele conclui dizendo

As traquinagens [“*Hetzen*”] infantis, se é que posso empregar um termo que comumente descreve todas essas atividades, são o que se repete nos sonhos de voar, cair, ter tonteiras e assim por diante, ao passo que as sensações prazerosas ligadas a essas experiências transformam-se em angústia. Mas, com bastante freqüência, como toda mãe

sabe, a traquinagem entre crianças acaba realmente em altercações e lágrimas. (Freud, 1996c, V.5, p.428)

Freud relaciona nessa passagem o surgimento da angústia nos sonhos com as sensações sexuais infantis. A angústia aqui é resultado do recalçamento sexual. Parte desse processo de recalçamento produz a perda do objeto idealizado da infância, como também reprime sexualmente o adulto e ambos os processos produzem angústia, relacionada a sexualidade e a obtenção de prazer.

Ao mesmo tempo, é a angústia neurótica que mobiliza a castração, a inibição e o sintoma. São diferentes condições pelas quais o sujeito está destinado a submeter-se, uma vez que depende da realização parcial do desejo, condição que não cessa e que em alguns momentos pode mobilizar mais angústia do que o próprio eu suporta. Por isso, a angústia e a sexualidade são elementos fundamentais para pensar na etiologia das formas de sintoma, sofrimento e adoecimento na neurose. Nesse sentido, se inscrevem uma série de casos clínicos relatados por Freud por meio da construção desses diagnósticos e análise de sonhos (1996a; 1996b; 1996c) onde a excitação sexual se transforma em ansiedade por meio da repressão.

Ainda pensando sobre a relação entre repressão e ansiedade, observa-se desde Freud que a sexualidade é alvo de diversos tabus e mitos que foram construídos socialmente ao longo da história da humanidade. Disso decorre a repressão e mesmo estigmas, que segundo Araújo (2009) recaem sobre os indivíduos, moldam as expressões e vivências relacionadas ao campo da sexualidade que, por sua vez, limitam as experiências que um sujeito possa vir a ter. Uma destas limitações pode ser observada no próprio processo de envelhecimento em que, pautado na ideia de que a sexualidade está condicionada apenas a uma certa fase

da vida, há um silenciamento da vivência afetivo-sexual conforme a chegada da velhice (Risman, 2020).

Risman (2020) também aponta que as modificações fisiológicas que ocorrem naturalmente por conta do envelhecimento são entendidas como fatores limitantes, até mesmo excludentes, para a manutenção das experiências sexuais. A cultura, concebida e influenciada por valores machistas, centraliza a expressão da sexualidade em torno do ato sexual, valorizando especialmente a penetração vaginal (Brigeiro; Maskud, 2009). Neste sentido, apesar de homens e mulheres estarem submetidos a esta mesma concepção, há problemas específicos vivenciados pelos sujeitos a depender do gênero.

No caso dos homens, com o avanço da idade, há a chegada de algumas mudanças nas relações sexuais que, apesar de naturais, reforçam o estigma de que a sexualidade só é vivida em sua plenitude durante a juventude. Com o passar do tempo, a ereção costuma não ocorrer tão facilmente, sendo necessário um tempo maior de estimulação para que esta ocorra, ocorrem modificações na fase ejaculatória, podendo inclusive diminuir o tempo da experiência orgástica e o tempo refratário também aumenta, podendo levar horas ou até dias para que ocorra uma nova ereção (Risman, 2020).

Num primeiro momento, tais mudanças podem parecer como um declínio da vida sexual, no entanto, o corpo ainda é capaz de sentir e proporcionar prazer de diferentes formas. Com a maturação, os homens tendem a adquirir um maior controle da ejaculação, tornando possível, por exemplo, explorar de forma prazerosa outras partes do corpo antes da ejaculação (Risman, 2020). A centralização do sexo em torno da penetração vaginal exige que o homem sempre tenha e mantenha uma ereção, o que acaba por criar uma abertura para o surgimento de patologizações da sexualidade

masculina, como é o caso do aparecimento das disfunções sexuais (Freud, 1996b).

Um outro aspecto dessa problemática se expressa na crença de que a relação afetiva está intrinsecamente ligada ao bom desempenho sexual, fazendo com que o sofrimento se estenda para além do contexto sexual, como por exemplo o afetivo e o conjugal (Freud, 1996b). A expressão do afeto fica restrita à atividade sexual, impedindo que outras formas de afeto sejam expressas. Há neste ponto uma relação dialética: a relação afetiva que é abalada pela vida sexual, também é produtora deste sofrimento na medida em que, muitas vezes, o sexo acaba ocorrendo sob pressão e cobrança por parte de um dos parceiros, gerando ansiedades que, por sua vez, irão inibir o desejo (Araújo, 2009).

Nesse sentido, para abordar a problemática de como a ansiedade e os afetos se envolvem com questões sociais, como os relacionamentos, será abordada a análise de um episódio da série *Método Kominsky*. Assim, espera-se mostrar como fatores sociais também estão ligados a fatores afetivos, uma vez que considerado o ser humano em sua integridade psicossocial.

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>The Kominsky Method</i>
Nome Traduzido	Método Kominsky
Gênero	comédia/drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América Inglês
Duração	24min
Direção	Chuck Lorre e Michael Douglas

O *Método Kominsky* é uma série que aborda questões sobre envelhecimento masculino, passando por problemas de saúde até questões sobre sexualidade e luto. O enredo é focado no personagem Sandy Kominsky, um professor de teatro que sonhou por muito tempo alcançar o sucesso e acabou por não atingir este objetivo. A série retrata basicamente a interação de Sandy com sua família e amigos, sendo a partir destas relações que surgem os conflitos e conteúdos que movimentam a série.

A análise deste trabalho será focada no episódio quatro da segunda temporada. Neste episódio em questão, Sandy reata a amizade com Lisa, personagem com quem já havia mantido um relacionamento romântico, e vai até sua casa assistir a um filme. Após algumas taças de vinho, Lisa começa a flertar com o protagonista, as investidas da personagem aumentam até o momento em que ela avisa que irá “retocar sua maquiagem” e ficará à espera de Sandy em seu quarto. Frente a possibilidade de fazer sexo com Lisa, Sandy vai ao seu carro às pressas para tomar Cialis, contudo é surpreendido por dois policiais que estão passando pela rua e acham suspeita a movimentação no carro. Os policiais abordam o protagonista que acaba precisando esclarecer toda a situação e, ao falar sobre o Cialis, um dos policiais comenta que também utiliza o medicamento, ao que Sandy responde de forma ríspida que não precisava tomar na idade dele.

Os policiais o liberam e caçoam do fato de que a idade que Sandy falou possuir não era a mesma que constava em seus documentos, sendo a idade verdadeira maior do que a falada por ele. Ao retornar para a casa de Lisa, o personagem encontra bêbada dormindo no banheiro, Sandy a coloca na cama e ambos dormem até a manhã seguinte. Quando o dia amanhece, Lisa se sente envergonhada e pergunta a Sandy se eles haviam mantido relações sexuais no dia anterior, o protagonista nega e reitera que eles são apenas amigos. Ao sair da casa de Lisa, Sandy reencontra os policiais da noite

anterior que prontamente o parabenizam numa alusão ao suposto sexo que havia ocorrido durante a noite. Sandy não desmente e apenas agradece fazendo uma reverência.

Análise Crítica

A cena analisada pelos autores traz elementos que expressam não apenas os problemas individuais do protagonista em relação a sua sexualidade, mas também reproduz estigmas sociais acerca da sexualidade no envelhecimento. Assim, Sandy Kominsky é apresentado ao longo da série como um homem idoso insatisfeito com seu envelhecimento, cuja máxima dessa insatisfação se expressa na sua vida sexual. Parte da construção deste personagem se fundamenta na ideia de um idoso que tenta ao máximo continuar a reproduzir suas experiências afetivo-sexuais na velhice ao mesmo modo de sua juventude. A partir disso, a análise será realizada a partir de 3 categorias, sendo elas: sexualidade na velhice; disfunção sexual e angústia; chistes.

Sexualidade na velhice

O drama vivido por Sandy pode se dar em parte pela falta de informação sobre a sexualidade no envelhecimento, do mesmo modo como aponta Risman (2020) que a tentativa de reproduzir exatamente as mesmas práticas sexuais que eram feitas durante a juventude é comum com o avanço da idade. As mudanças biológicas decorrentes do envelhecimento que demandam modificações nas relações sexuais são pouco discutidas e vistas socialmente (Risman, 2020), o que leva a angústia e faltas que os sujeitos idosos acabam por ter de lidar individualmente. Além disso, Sandy é um homem heterossexual e, ao longo da série, torna-se perceptível ao público que o protagonista compreende a penetração vaginal e a capacidade de manter uma ereção

como práticas principais durante a performance sexual, ou seja, corresponder a esses padrões morais da sexualidade moderna são parte dos seus anseios como sujeito.

O protagonista possui disfunção erétil por conta de sua idade, necessitando a utilização do medicamento *Cialis*² como forma de preparação para o que se espera da sua performance sexual. Há um grande temor por parte dos homens em desenvolver algum tipo de disfunção erétil, algo que, a nível imaginário, influenciaria no desempenho da performance da masculinidade por parte destes indivíduos (Freud, 1996a; 1996b). No entanto, é apenas na velhice que a disfunção erétil é admitida, ainda que indesejada, por conta das próprias mudanças biológicas que se impõem. Ainda que de forma indireta, ao apresentar estas temáticas sem problematizar os assuntos tratados, a série acaba por naturalizar e legitimar credences culturais a respeito da performance sexual masculina, inclusive no envelhecimento.

A disfunção erétil, antigamente chamada de impotência sexual, é um diagnóstico recente que, a partir de mudanças da visão etiológica deste fenômeno, passou a patologizar inúmeras “disfunções” que anteriormente não eram consideradas patologias, tendo como característica principal a “perda de virilidade” (Giami, 2009). As causas etiológicas da impotência sexual masculina possuíam forte ligação com fatores psíquicos, algo que é abandonado com o advento do termo “disfunção sexual”, que compreende a causa etiológica para este distúrbio como orgânica (Giami, 2009). Neste sentido, a descoberta do *citrato de sildenafíl* surge como ponto de partida para a banalização da medicalização para os casos de disfunção erétil.

² Para o campo da saúde a disfunção erétil requer um tratamento medicamentoso e por isso mais pragmático, enquanto a impotência sexual possui aspectos psicossociais que precisam ser observados para um tratamento (Giami, 2009).

A cena analisada, apesar de reproduzir a problemática exposta anteriormente, também deve ser encarada como a expressão de um fenômeno social que, a partir dos estigmas culturais sobre a sexualidade masculina, valida a patologização da resposta sexual masculina que desvia da moral sexual. A forma acrítica que o assunto é explorado pela cena contribui para a manutenção dos mitos e tabus sociais que validam apenas um tipo de performance sexual masculina como correta. A cena apresenta que a disfunção erétil é motivo de vergonha para o homem, algo que se expressa em diversos momentos, como quando Sandy é abordado pelos policiais e hesita falar qual o medicamento que estava tomando. A situação torna-se então desconfortável para o protagonista, que, por sua vez, acaba reforçando para o público que a disfunção erétil é algo cômico e humilhante, pois se apresenta como questionadora da masculinidade do homem.

A performance da masculinidade está fixada diretamente na performance do sexo penetrativo, ideia ocasionada por uma construção social que advém dos princípios que regem a moral sexual. Logo, observa-se que a moral sexual tolera apenas um tipo específico de conduta sexual, fazendo com que as demais expressões da sexualidade sejam entendidas como desviantes (Freud, 1996e). Os princípios da moral sexual são exageradamente rígidos de modo que, viver sob tais normas, aproxime-se do impraticável. Para o sujeito, toda esta problemática, será fonte geradora de repressões sexuais que, como apontado exaustivamente por Freud (1996e), acarreta inúmeras perturbações psíquicas.

No início da cena, o público se depara com um encontro entre dois amigos que, após estarem bêbados de vinho, renunciam um combinado feito anteriormente e decidem fazer sexo. Por outro lado, o final toma um rumo completamente diferente, visto que, Lisa acaba passando

mal por conta do vinho e Sandy, após ser abordado pelos policiais e tomar seu medicamento, acaba apenas se deitando para dormir ao lado de sua amiga. A explicação para este fim inesperado encontra sua resposta justamente nas questões relacionadas à moral sexual. Neste sentido, a utilização do *Cialis* se coloca como uma ação desesperada de Sandy para cumprir com um tipo específico de conduta sexual, a qual é esperada socialmente dos homens. É precisamente a influência da moral sexual que leva o protagonista a tomar uma decisão precipitada, que leva a uma série de outros imbróglis, e resulta, por fim, em desgaste e angústia para o próprio personagem.

A cena analisada anuncia de forma velada ao telespectador que a relação sexual seria a única forma que Sandy conseguiria se satisfazer, algo que se relaciona diretamente com o esperado socialmente da conduta sexual masculina. O que se destaca a partir desta situação, é justamente o fato de que, momentos antes da possibilidade da relação sexual, o protagonista estava desfrutando da companhia de Lisa enquanto bebiam vinho, conversavam e flertavam. Este momento revela ao telespectador que a relação entre os personagens não se resume ao campo sexual propriamente dito e, na verdade, indica que o aspecto afetivo possui grande importância para Sandy, ao ponto de se sobrepor ao seu interesse sexual por Lisa.

Disfunção sexual e angústia

Quando Sandy está em seu carro buscando pelo medicamento e é abordado pelos policiais, inicia-se uma série de acontecimentos na cena que deixam o personagem desconfortável. As passagens que geram tais incômodos estão diretamente relacionadas com o uso do *Cialis*, sendo expressas de duas formas principais: através da vergonha sentida por Sandy devido ao uso do medicamento e pelo

desprezo que o protagonista expressa a um dos policiais quando este comenta que também faz uso do mesmo remédio. Ambas as situações se diferenciam a nível comportamental, contudo observa-se que o conteúdo motor que gera o desconforto da cena parte da existência de um sofrimento do personagem em relação ao seu desempenho sexual.

A teoria psicanalítica compreende há muito tempo a existência de uma associação intrínseca entre sofrimento psíquico e a atividade sexual, assunto este explorado mais especificamente em torno da angústia. A angústia é um afeto cujo surgimento está diretamente ligado ao campo da sexualidade, fato este elucidado por Freud desde seus estudos sobre casos de neurastenias e neuroses de angústia (Freud, 1996a). Os problemas da vida sexual, e, portanto, inclui-se também as disfunções, aparecem como fator etiológico central na manifestação e instalação destes quadros, assim, o coito interrompido, a masturbação excessiva e até mesmo a impotência sexual são exteriorizações comuns nesses pacientes (Freud, 1996a). Posteriormente, Freud pontua que tanto a abstinência sexual, sendo ela voluntária ou não, quanto a satisfação sexual incompleta são fatores determinantes também na formação destes quadros clínicos (Freud, 1996a; 1996b).

O acúmulo de tensão sexual física, proveniente de um bloqueio de sua própria descarga, é o próprio produtor da angústia nos pacientes, que ocorre por meio da transformação dessa energia acumulada (Masson, 1986). Esta transformação é fruto de um processo endógeno, cuja tensão física atinge um determinado limiar que desperta a libido psíquica, criando condições para a atividade sexual. Contudo, a adversidade neste processo ocorre no momento da ligação da tensão sexual com o afeto psíquico, fazendo com que esta ligação se torne marcada pela falta de determinantes psíquicos, impedindo a formação do afeto

em questão que, por sua vez, irá se transformar em angústia (Masson, 1986).

Considerando as complicações que surgem decorrentes da falta de satisfação sexual, a cena analisada desperta a seguinte indagação: a resolução da tensão sexual experienciada por Sandy só pode ser alcançada através do sexo penetrativo? A construção imaginária acerca da centralidade da penetração na relação sexual desperta apenas perturbações que trazem consigo sofrimento para o personagem e não a satisfação do desejo. Neste sentido, frente a impossibilidade da satisfação e performance sexual da forma que Sandy idealiza, a utilização do *Cialis* aparece como um fator de manutenção para a fantasia do personagem a fim de manter o desempenho sexual de forma ideal.

O cerne do sofrimento de Sandy aponta para uma possível confusão interpretativa do personagem em relação a demanda do outro, que o leva a supor que Lisa, sua amiga, esperaria dele um tipo de performance específica. Em muitos casos de disfunção erétil é possível identificar nos pacientes, comumente homens histéricos, que esta confusão se encontra mais especificamente na relação entre desejo e virilidade (Dor, 1991). A relação sexual se impõe ao homem como uma prova de sua virilidade, que origina da suposição da demanda do outro cuja máxima seria a posse do falo (Dor, 1991), de algo que lhe desse garantia de ser e ter o que quer.

É perceptível ao longo da cena o esforço de Sandy em provar sua virilidade a todo momento, algo que não se limita apenas ao momento da atividade sexual em si. Essa questão também pode ser observada quando os policiais encontram com Sandy saindo da casa de Lisa na manhã seguinte e o parabenizam, pressupondo que ele havia mantido relações sexuais a noite toda. O protagonista recebe os parabéns e não esclarece o real motivo que o fez passar a noite lá,

sustentando perante os policiais seu status de *homem viril*. Esta construção masculina, de caráter fantasioso, remonta a utilização do outro como um troféu para ser ostentado e comprovar sua virilidade frente aos outros homens, visto que o indivíduo estabelece uma relação competitiva pois acredita que eles possuem o falo (Dor, 1991).

Chistes

A cena escolhida para análise é permeada por diversas situações que são produzidas tendo como base um conteúdo cômico, recurso que dialoga intimamente com o conceito de chiste. É possível identificar durante os diálogos entre Sandy e os policiais a presença de um chiste, que se constrói durante a conversa entre os personagens. Apesar da nítida aproximação entre o humor e os chistes, Freud (1996f) aponta, assim como outros filósofos e autores, que o chiste não é definido baseado no teor cômico do conteúdo. A essência do chiste é de natureza inconsciente e se manifesta como uma forma de escapar da censura derivada da repressão, ligada a moral sexual, e mesmo do recalque. Assim, trata-se necessariamente de um conteúdo reprimido que é expresso de uma forma modificada e socialmente aceita (Freud, 1996f). Assim, o objetivo do chiste consiste em atingir prazer ao trazer uma nova solução para um conteúdo que demanda uma defesa para atingir a consciência (Freud, 1996f).

Dentre os tipos de chistes, na cena analisada observa-se o aparecimento de um chiste tendencioso, que se manifesta a partir de duas características marcantes. A primeira é em relação a configuração do chiste, que exige a participação de três pessoas:

“além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste de

produzir prazer” (Freud, 1996f), posições que são ocupadas respectivamente por Sandy, o policial e o público. Já a segunda característica refere-se ao conteúdo, que obrigatoriamente se refere a algo que viola valores morais (Freud, 1996f), sendo na série manifestado em torno do assunto do pênis, da ereção e da disfunção-impotência masculina.

Durante as falas dos personagens, o diálogo se estrutura em torno da utilização do Cialis e a finalidade oculta deste medicamento, sendo que em momento algum há uma menção direta ao pênis, a ereção peniana e muito menos ao sexo, ainda que seja claro tanto para os personagens quanto para o público que estes assuntos estejam sendo abordados. Este movimento é resultado de uma condensação, cujo conteúdo apresentado possui apenas uma conexão remota com o órgão sexual e seu desnudamento, o *smut*, cabendo ao ouvinte ligar e completar o teor obscuro oculto no conteúdo original.

Neste caso, o público compreende que Sandy caça o policial que aparenta ter algum grau de disfunção erétil, ao mesmo tempo que reforça o fato de que, quando mais novo, conseguia ter e manter uma ereção. Feitas tais ligações, o chiste se completa, de forma que leva o público a caçar a virilidade de Sandy e, principalmente, do policial. Há um jogo de cenas em jogo, onde a imagem dos corpos masculinos de ambos são parte do humor, mas que pelo tabu em volta desse tipo de chiste é pouco acessível também pela consciência.

Portanto, parece que na cena o uso feito desse tipo de chiste se relaciona com o ideal masculino e reforça a ideia de que homens devem ser viris, algo que, dentre outras formas, é afirmado principalmente por meio do sexo penetrativo. Ao observar o aparecimento de um chiste ligado ao assunto mencionado anteriormente, evidencia-se que falar sobre disfunção erétil é algo socialmente visto como um tabu. Ao

longo da cena escolhida para análise, é possível constatar que as questões sexuais que desviam dos valores morais convencionais são sempre tratadas de forma pejorativa com o intuito de produzir humor para o público. Assim, a série retrata a sexualidade masculina desviante da norma como uma vivência jocosa e indesejável, reforçando que a vida sexual dos homens deve ser pautada exclusivamente pelos valores sociais normativos.

Considerações Finais

Apesar da série tratar sobre o processo de envelhecimento e propor articulações com a sexualidade, não são propostas discussões que possibilitem o espectador a obter outra perspectiva sobre as práticas sexuais na velhice, influenciando negativamente, em especial, os indivíduos que possam vir a se identificar com a série. As contribuições da teoria psicanalítica, principalmente acerca da sexualidade, dialogam de forma muito singular com o conteúdo do material analisado e permite compreender de forma aprofundada as representações presentes no material.

A mídia analisada se torna interessante ao ser encarada como um exemplo de um produto do constructo social acerca da compreensão da sexualidade masculina e no envelhecimento. Neste aspecto, a utilização deste material para o contexto da educação sexual se mostra muito proveitoso se utilizado concomitante com uma discussão crítica que exponha as problemáticas sobre os estigmas que circunscrevem a sexualidade masculina, com enfoque ou não no processo de envelhecimento. Ademais, é necessário salientar que a série pode ser utilizada para trabalhar outros aspectos da sexualidade que não apenas as disfunções sexuais como feito neste capítulo.

Referências

ARAÚJO, L. M. M. Envelhecimento: afetividade, sexualidade e qualidade de vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 20, n. 1, p. 150 - 154, 2009.

BIRMAN, J. **Sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BRIGEIRO, M; MASKUD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n.1, p. 71 - 78, 2009.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1991

FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.3, 1996a.

FREUD, S. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.3, 1996b.

FREUD, S. Interpretação dos Sonhos (II). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.5, 1996c.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.7, 1996d.

FREUD, S. Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.7, 1996e.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente: Parte Analítica: II. A técnica dos chistes. In: FREUD, S. **Edição**

standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.8, 1996f.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v.14, 1996g.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v.19, 1996h.

GIAMI, A. Da impotência à disfunção erétil: destinos da medicação da sexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 637-658, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/qyfrvWs5d3V8w3XrSwSsYNT/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2023.

LACAN, J. **O seminário 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MASSON, J. M. (Org.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904** (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1986

RISMAN, A. Sexualidade e Envelhecimento. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 22, n. 2, p. 51-61, abr. 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/222. Acesso em 03 mar. 2023.

Capítulo 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS INTER-RACIAIS EM *ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR*

Manoel Antônio dos Santos
André Villela de Souza Lima Santos

Introdução

Neste capítulo propomos analisar o filme *Guess Who's Coming to Dinner* (*Adivinhe Quem Vem para Jantar*), dirigido pelo cineasta Stanley Kramer em 1967, problematizando os relacionamentos inter-raciais. A análise desta obra fornece elementos valiosos para refletirmos sobre a situação do negro na sociedade da época em que o filme foi produzido e as repercussões subjetivas das relações inter-raciais.

Neusa Santos Souza (2019, p. 20) afirma que raça sempre foi “definida em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais”. Segundo Almeida (2018, p. 40), raça “é uma relação social, o significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutural social marcada por conflitos antagônicos”. Ou seja, a categoria raça não se limita à cor da pele e outras características fenotípicas, mas é construída historicamente e atravessada por outros marcadores sociais que circunscrevem as fronteiras das diferenças. Souza (2019) chama a atenção para o fato de que, para sobreviver em uma sociedade racista, o negro teve de tomar o branco como

modelo de identidade a ser seguido e como forma de resistência e busca de ascensão social.

O personagem de John Prentice, protagonista de *Adivinhe quem Vem para Jantar*, percorreu o roteiro de assimilação do negro à sociedade comandada por brancos, tentando corresponder a esse *script* de submissão às estratégias de branqueamento. Assim, tirando proveito de seu alto potencial de inteligência, combinada com sua personalidade aplicada e disciplinada, trabalhou arduamente para superar as barreiras e armadilhas impostas aos indivíduos de pele negra, até alcançar ascensão social. Uma proeza individual, mas também fruto do movimento social que inflamava as ruas e instituições racistas. Esse itinerário prodigioso se revela em seus diversos diplomas e feitos profissionais, mas também está patente na sua postura contida e comedida. Posição defensiva, sem dúvida, que privilegiou o controle sobre os afetos e moldou uma personalidade que tenta se aproximar do ideal preconizado pelo modelo dominante, maximizando sua capacidade de autocontrole, em contraste com o espírito de revolta que tomava as ruas no levante do movimento negro organizado. Para “subir na vida”, como se diz frequentemente em um certo país localizado abaixo da linha do Equador, Prentice se desvinculou de seu grupo social de origem e se despiu da bagagem cultural de sua ancestralidade. Afastou-se também do ativismo militante, ignorou as bandeiras e palavras de ordem que animavam a luta coletiva das minorias oprimidas, o que fica explícito no contraste que demarca a relação ao seu pai, que chega a dizer: “Sou apenas um simples carteiro”. Segundo Almeida (2018, p. 31):

detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção deste poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses,

impondo a toda a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornam ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio.

Abordando a questão do uso do modelo branco como estratégia para obter ascensão social, o psiquiatra e filósofo antilhano Frantz Fanon tematiza o desejo do homem negro pela mulher branca (2020, p.69):

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me apropro.

Nota-se que tanto Neusa Santos Souza como Fanon, dois pensadores cujas obras são circunscritas por contextos e dinâmicas sociais distintos, percebem o branqueamento como elemento balizador de certo anseio de legitimidade entre populações negras. O que está em jogo é o direito elementar à vida. Luta-se pelo anseio de sobreviver, antes mesmo de se poder falar no legítimo desejo de ser reconhecido em sua existência. Não nos parece pertinente falarmos em *existência* na medida em que a maior parte da população negra tenta ou busca adaptar-se ao ideal de branqueamento vigente para tentar escapar de tentativas diárias de extermínio.

A busca da legitimação, no Brasil, pela via do branqueamento, é um legado lavado e decantado com sangue, suor e lágrimas dos corpos negros sacrificados em

quase 400 anos de escravidão. Esse enredo é comum às nações que acumularam suas riquezas às custas do monumental empreendimento comercial da escravidão (Gomes, 2014).

O filme *Adivinhe Quem Vem para Jantar* foi produzido no contexto estadunidense da efervescência de contradições e fraturas sociais que atingiram seu paroxismo na década de 1960, com a explosão das massas oprimidas que tomaram as ruas em manifestações populares que reivindicavam igualdade de direitos. O protagonista é um médico negro que se apaixona por uma moça branca e anseia ser visto pelo que ele é, mas não levanta bandeira, nem se alinha à luta de sua comunidade racializada. Vale lembrar que ele próprio se manteve cético ante ao entusiasmo otimista da noiva. Ecoando Fanon (2020, p.69): “Amando-me ela me prova que sou digno...”

Na sociedade dilacerada pelo racismo genocida, o negro era - como ainda é - percebido como inferior ao branco. Há um processo socialmente perverso que atribui ao negro os motivos que “justificariam” sua inferioridade, como se ele fosse o responsável pelo fato de não ser visto para além de sua pele. De acordo com essa lógica distorcida e perversa, é como se o problema estivesse no negro, na sua pele escura, quando na verdade está no branco que o reduz ao signo de uma racialização que oculta a realidade da dominação e lhe subtrai possibilidades de ser e estar no mundo. Há, portanto, uma inversão no nexos causal, imputando-se ao oprimido o ônus de uma opressão “justificada”; o negro “é” culpado porque não consegue fazer com que o branco o veja para além da cor de sua pele.

O negro ocupa lugares e posições diferenciadas na sociedade brasileira, oferecendo contribuições singulares como agente ativo da cultura. Indiferente a essa realidade, a ideologia da supremacia branca opera no sentido de reservar um lugar de pária social, que é historicamente imputado ao

negro? Harper (2009, p. 697) lista alguns dos atributos ainda hoje associados ao negro nos Estados Unidos, que desvelam a face violenta e desigual da megapotência mundial: “criminosos, pais irresponsáveis, descendentes de famílias disfuncionais, drogaditos autodestrutivos, amantes materialistas de posses vistosas e estupradores de mulheres brancas”. É claro que essa afirmação, vista de forma isolada, é um questionamento reducionista frente a tudo o que o negro tem sido e feito. O lugar ocupado pelo negro vai muito além desses estereótipos racistas.

Feita essa ressalva, é possível constatar que o estereótipo do homem negro estuprador de mulheres brancas é um anátema presente na cultura estadunidense. Encontra-se de tal forma impregnado no imaginário coletivo que a filósofa e ativista Angela Davis (2016) dedicou todo um capítulo de sua obra *Mulheres, Raça e Classe* ao tema. Nele, a autora afirma que o “mito do estuprador negro tem sido evocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes” (p.172).

No filme *Adivinhe Quem Vem para Jantar*, nenhuma forma de violência explícita é atribuída ou sequer sugerida ao personagem John Prentice por parte dos Drayton, seus sogros, mas seria ingenuidade ignorar os temas latentes subjacentes ao roteiro. Em 1967, o casamento interracial ainda era proibido em 17 estados, e este foi um dos principais instrumentos legais sob o qual o sistema de *apartheid* se apoiou por mais de 300 anos nos Estados Unidos (Lombardo, 1987). O simbolismo da cena em que o homem negro entra em um lar branco pela primeira vez e anuncia a intenção de se casar com a moça branca sugere uma provocação – tão ousada quanto intencional – por parte dos criadores do filme.

A relação do personagem de Poitier com seu pai serve de ilustração para os paradigmas raciais em jogo durante toda a trama: após inúmeros comentários hostis quanto à

relação do filho com Joey, John acaba por se fazer ouvir, finalmente. Exclama para o pai:

Me escute. Você diz não querer me ensinar como devo viver minha vida, mas o que você acha que está fazendo? [...] Você é 30 anos mais velho do que eu. Você e sua péssima geração acreditam que a maneira como vocês viveram é a única forma possível de se viver. [...] Eu te amo. Sempre amei e sempre irei amar. Mas você se vê como um homem de cor. Eu me vejo como um homem.

Podemos questionar de que modo o corte geracional influenciava as concepções racializadas de duas pessoas negras oriundas da Costa Oeste dos Estados Unidos nos anos 1960. John tem 37 anos, mas vive em um período histórico que, embora profundamente conturbado, exibia sinais de vitalidade, contestação e anseio generalizado de mudança. Seu pai, 30 anos mais velho, ou seja, nascido no início do século XX (menos de quatro décadas após a proibição da escravatura nos Estados Unidos, que ocorreu em 1856), tem uma visão rígida em relação aos papéis sociais baseados em raça. Essa visão é compartilhada por Tillie, a governanta da casa dos Drayton (interpretada pela atriz Isabel Sanford), também negra. Ela enfrenta John de forma agressiva, com o dedo em riste, e exclama: “O que você pensa estar fazendo? [...] Afinal de contas, você é médico de quê? [...] Eu criei aquela menina [Joey] e, enquanto você estiver aqui, eu estarei te observando”. Levando-se em consideração a reação irônica de John, que apenas sorri em resposta ao ataque, e a trilha sonora alegre que pontua o diálogo, a cena acaba sendo suavizada e adquirindo um tom cômico, embora suas entrelinhas sugiram o avesso de pacificação. A indignação da governanta, que havia décadas prestava serviços e lealdade ao lar dos brancos, é potencializada pelo fato de ela ter sido a babá da noiva. Ela interpela rispidamente o noivo. É como se, nas entrelinhas

de sua fala indignada, ela lhe dissesse: “Quem você pensa que é? Você é um dos nossos, portanto, coloque-se no ‘seu’ lugar e siga o *script*”.

Quanto às profundas mudanças, que estavam convulsionando o contexto social – e que poderiam ou não confirmar a visão otimista de John Prentice, não podemos nos esquecer de que, desde os anos 1960, nos Estados Unidos ocorreram diversos movimentos sociais em prol da emancipação da população negra das amarras sociais. Além do movimento pelos direitos civis, os Panteras Negras, grupo cofundado por Huey Newton e Bobby Seale, após a exaustiva leitura de textos escritos por Malcolm X, Mao Tse-Tung, Che Guevara e Frantz Fanon, estavam em seu segundo ano de existência na época de lançamento do filme (Rhodes, 2017).

Três décadas depois, nos anos 1990, uma revolta de cunho racial tomara as ruas da Califórnia, gerando desdobramentos em todo o país. O gatilho do clamor popular se deu em março de 1991, quando um homem negro, Rodney King, dirigia alcoolizado com outros dois amigos pelos arredores de Los Angeles, Califórnia, quando uma viatura os interceptou e King decidiu fugir. Após uma longa perseguição, a polícia conseguiu deter o veículo e fez com que os passageiros se deitassem no chão. King, porém, após se retirar do veículo, foi brutalmente agredido com diversos chutes, socos, ameaças, golpes de choque elétrico e cassetete, mesmo após já estar caído (Maurantonio, 2014). O que a polícia não esperava era que todo o acontecimento fosse acidentalmente filmado por um cidadão não envolvido na ocorrência e que o vídeo viesse a público, causando comoção nacional. A revolta popular explodiu em abril do ano seguinte, quando a justiça absolveu os policiais envolvidos na agressão. Isso desencadeou uma insurreição urbana da população negra em Los Angeles que, por seis dias consecutivos, sacudiou as ruas, provocando a morte de 55

pessoas e prejuízo calculado de um bilhão de dólares (Fiske, 2016). Butler (1993, p. 3), à época, escreveu um artigo sobre o tribunal onde os policiais envolvidos na agressão de King foram julgados (e, lembremos, absolvidos).

[...] uma jurada relatou que acreditava que Rodney King tinha “controle total” da situação. Como essa proeza de interpretação foi alcançada? Que ela tenha sido alcançada não é consequência de ignorar o vídeo, mas, ao contrário, de reproduzir o vídeo no interior de um campo de visibilidade racialmente saturado.

As tensões deflagradas pela questão racial não só persistem na sociedade contemporânea, como se acirraram nos últimos anos, a exemplo do que se viu em 2020 com o fortalecimento do movimento *Black Lives Matter*, surgido em 2013 a partir de uma *hashtag*, criada em outro protesto contra o assassinato do jovem negro Trayvon Martin por um vigia comunitário da Flórida, ocorrido em fevereiro de 2012 (Rickford, 2016). Posteriormente, o movimento ganharia um impulso extraordinário ao ser inflamado pelo assassinato do negro George Floyd por um policial branco nas ruas da cidade de Minneapolis em maio de 2020. Derek Michael Chauvin, o policial branco responsável pelo crime, enfrentava mais de 17 reclamações de má conduta, incluindo queixas por brutalidade, e recebeu apenas duas notas de repreensão. Floyd havia perdido o emprego recentemente e, no dia de seu óbito, tentou utilizar uma nota falsa de 20 dólares em uma farmácia (Dreyer et al, 2020). Foi o suficiente para que a polícia fosse chamada e o abordasse com brutalidade. Sem esboçar qualquer resistência e já caído no chão, teve seu pescoço imobilizado pelo joelho de Chauvin por oito minutos. O policial só se retirou de cima do corpo de Floyd minutos após ele parar de se mover e rogar para que o deixasse respirar. Toda a ação violenta e criminosa foi filmada por uma jovem e esse vídeo viralizou, tornando-se

um registro testemunhal de uma ação de barbárie policial que causou indignação em todo o mundo e que serviu de combustível para inflamar a revolta que contribuiria para a derrocada posterior do populismo de extrema direita do presidente Donald Trump. O apelo desesperado de Floyd nos minutos finais de sua vida: “I can’t breathe” se transformou no grito de guerra que turbinou o movimento por justiça que tomou as ruas de várias cidades do país em plena situação de pandemia da COVID-19.

Material Analisado

Tipo de material	Filme
Título original	<i>Guess Who's Coming to Dinner</i>
Nome traduzido	Adivinhe quem vem para jantar
Gênero	Drama
Ano	1967
Local de lançamento e idioma original	Estados Unidos, inglês
Duração	1h48m
Direção	Stanley Kramer

Como antecipamos, o objetivo deste capítulo é analisar o filme *Adivinhe quem vem para jantar* (Kramer, 1967), com foco na questão dos relacionamentos afetivo-sexuais interraciais, tema central na obra. Este filme foi escolhido por narrar de forma pormenorizada o relacionamento amoroso entre um homem negro e uma mulher branca, considerado tabu na conflagrada sociedade estadunidense dos anos 1960. Dirigido por Stanley Kramer, o filme teve seu lançamento em dezembro de 1967 nos Estados Unidos e conquistou duas estatuetas do Oscar, na categoria de melhor atriz principal para Katharine Hepburn e de melhor roteiro original para William Rose. Spencer Tracy, que interpreta o papel do pai,

também foi distinguido com o prêmio de melhor ator principal no Bafta de 1969.

O enredo retrata o recém-iniciado relacionamento amoroso entre John Prentice, interpretado por Sidney Poitier, médico negro de 37 anos, e Joanna Drayton, personagem de Katharine Houghton, uma jovem branca de 23 anos de idade. A trama descreve com sutileza e economia de recursos as consequências desse namoro. As situações retratadas são concentradas em um único dia.

Preconceito *in technicolor*: fotogramas coloridos em preto e branco

A personagem Joanna, que todos chamam de Joey, é uma jovem que desfruta de privilégios de raça e classe social. Branca, nascida numa abastada família de San Francisco, Califórnia. A escolha desta cidade como palco do drama familiar não se deu por acaso. Reconhecida como progressista no que tange aos costumes, naquele mesmo ano de 1967 a cidade serviu de epicentro para o chamado Verão do Amor, quando abrigou, no mês de julho, milhares de jovens *hippies* de todo o país. Esse contingente impressionante de homens e mulheres imigraram temporariamente para celebrar os valores da contracultura, em defesa de um estilo de vida libertário, que exaltava o prazer e o amor livre, regados a música psicodélica e consumo de drogas. A crítica à moralidade vigente, a luta política pela renovação dos valores e a bandeira da liberação sexual traduziam os ecos da euforia juvenil, com a descoberta recente do poder jovem, enquanto em outros estados ganhava força o movimento pelos direitos civis e a luta pela igualdade racial. A turbulência dos anos 1960 culminaria, no ano seguinte, com as manifestações dos estudantes sacudindo ruas de Paris, no movimento de maio de 1968.

Os pais da jovem personagem do filme formam um casal de “mente aberta”, o que nos Estados Unidos é conhecido como “liberais”: Christina Drayton, personagem interpretada por Katharine Hepburn, e Matt Drayton, personificado por Spencer Tracy. Donos de um jornal e de uma galeria de artes, a princípio mostram-se ferrenhos combatentes do racismo em seu país.

Os pais da jovem personagem do filme formam um casal típico da costa oeste dos Estados Unidos, que se diz de “cabeça aberta”, chamados “liberais” nos Estados Unidos. Christina Drayton, a personagem interpretada por Katharine Hepburn, e Matt Drayton, interpretado por Spencer Tracy, são donos de um jornal e uma galeria de artes. Ambos se apresentam, a princípio, como ferrenhos combatentes do racismo em seu país. A trama tem início com Joanna levando o novo parceiro para conhecer seus pais, até então desavisados da relação e, principalmente, da cor da pele do pretendente.

A narrativa acompanha Joey e John chegando na casa da família Drayton. A jovem está ansiosa para apresentar para os pais o novo parceiro, que conhecera em uma viagem para o Havaí. John, por sua vez, mostra-se receoso por não acreditar que será tão bem aceito pelos sogros quanto a sua parceira acredita. Ela insiste que os pais não terão qualquer problema com a cor da pele do candidato a genro. Lembremos que o reverendo Martin Luther King ainda inflamava multidões de norte a sul com seus proverbiais discursos antirracistas, que culminariam com seu assassinato em abril de 1968, um ano após o lançamento do filme em questão, evidenciando o clima de tensão racial que dividia o país.

Embora *Adivinhe quem vem para jantar* se dedique a expor, com sutileza, o racismo inerente à sociedade estadunidense da época, a pertinência de tais discussões também pode contribuir para pensar certas nuances da questão racial no Brasil de hoje, com a necessária cautela

devido às diferenças dos processos de formação sociocultural. A persistência do debate racial na era contemporânea adquire novos matizes, mas isso não elide a razoabilidade de identificar certos pontos de intersecção nas questões subjacentes ao racismo sistêmico e estrutural presente em nossa sociedade (Almeida, 2019), ainda mais se levarmos em consideração a intensificação do debate público acerca das pautas raciais e do avanço da extrema-direita e seus discursos de cunho explicitamente racista, misógino e machista em nosso país.

O ator Sidney Poitier (American Film Institute, 2020) declarou que, ao ler o roteiro pela primeira vez, acreditou ser quase impossível que o filme fosse realizado, uma vez que a indústria cinematográfica não estava pronta para tal. Com a autoridade de quem viveu o racismo na própria pele, por ter nascido em uma sociedade clivada pela segregação racial, crimes de ódio e execução de negros, Poitier reflete em sua opinião um cenário não muito animador. Essa percepção, por parte do ator negro – considerado o primeiro a ganhar projeção no seletivo panteão das celebridades do cinema hollywoodiano – é sintomática e reflete o grau de intolerância racial que dilacerava o tecido social nos turbulentos anos 1960. A violência era tanta que culminaria com a matança sucessiva de vários ativistas negros, defensores dos direitos civis (além de Martin Luther King, Malcolm X), em atentados patrocinados pelos supremacistas brancos. Acreditamos que o incômodo social que a narrativa suscitou na época de seu lançamento persiste de certo modo, evidentemente que sob nova roupagem. Aliás, estima-se que, atualmente, existem cerca de mil grupos extremistas em atividade nos Estados Unidos, conforme a organização Southern Poverty Law Center.

John Prentice é filho de pais humildes, um carteiro, interpretado por Lee Weaver, e uma mulher, Madge Sinclair, cuja profissão não é indicada. John desafia os mecanismos

excludentes da opressão de classe. Talentoso, disciplinado e dotado de uma inteligência privilegiada, graças a seus esforços alcança o nível superior de escolaridade, algo impensável para um negro, oriundo de família modesta, naquela época. E o que parece ainda mais inacreditável: ele conquista uma ascensão formidável em sua carreira profissional e se torna um médico renomado, com graduações em algumas das mais tradicionais universidades do país – Johns Hopkins e Yale, além de estar engajado em trabalho humanitário da Organização Mundial da Saúde nos continentes europeu e africano. Essa trajetória profissional exitosa contraria as expectativas sociais, mas é preciso dizer que esse sucesso só se torna *inacreditável* em razão da miopia imposta pela saturação do racismo.

A excelência demonstrada por John Prentice em tudo o que faz o tornaria um candidato ideal para esposo de qualquer mulher branca da época, não fosse por um detalhe: sua cor. O contraste da personalidade de Prentice com outros personagens negros da película é claro: enquanto ele é contido, doce, refinado e elegante, a governanta da casa, Tillie Binks é expressiva na demonstração de contrariedade ao ver a jovem Joey com seu novo parceiro. Ela chega a dizer, em desabafo: “direitos civis [dos negros nos Estados Unidos] é uma coisa, isso aqui é outra coisa”, enquanto olha com desdém para o homem, como se estivesse diante de um usurpador do lugar reservado aos brancos. Já o pai de John age de forma severa e expansiva, além de partilhar da reprovação de Tillie ao relacionamento amoroso do filho com a jovem branca.

A reação dos pais de Joey é de surpresa imediata. Mais do que surpresa, estupefação. Sua mãe, a primeira a saber do relacionamento da filha, fica estremecida. Afirma, ofegante: “Acredito que não haveria problema em dizer ‘meu Deus!’, teria?”, demonstrando o impacto da notícia. Além disso, os namorados informam que pretendem se

casar o quanto antes e que buscam a benção dos pais. Algum tempo depois, o pai de Joey, Matt, chega em casa e mal consegue conter sua perplexidade com a notícia. Quase balbuciando, diz à filha: “O que você espera que eu diga? Se você quer que eu pense sobre isso, você tem que me dar tempo para pensar sobre isso”, adotando postura semelhante à da mãe, que não proíbe ou rejeita a ideia explicitamente, mas também não escamoteia seu receio e apreensão. É importante mencionar uma passagem na qual os pais de Joey conversam a sós e Christina diz que a filha cresceu conforme as convicções da criação que teve, acreditando ser errado pensar que o homem branco é superior ao negro: “Foi isso que dissemos a ela. E, quando o dissemos, nós não acrescentamos: ‘Mas nunca se apaixone por um homem de cor’”. A conversa é interrompida por um telefonema.

“Homem de cor” é uma expressão eufemística usada pelos pais de Joey. A situação tensa se intensifica quando os pais de John Prentice, a convite de Joey, chegam para o jantar. Também desavisados quanto à cor da pele da nova nora, a surpresa do casal visitante é ainda mais expressiva e sua reação, acachapante. O sr. Prentice vai direto ao ponto. Diz ao filho e à nora: “Vocês não poderiam nos culpar se nós estivermos um pouco assustados. Não seria irracional sugerir que vocês dois estão agindo como dois lunáticos”. A reação é contundente e sem meias palavras, ao contrário do que se viu no casal de anfitriões. Cada um sente a dor à sua maneira, de acordo com a posição que ocupa na hierarquia social e racial estabelecida na sociedade de classes.

Algum tempo depois, o Sr. Prentice interpela o Sr. Drayton; ainda que não tenha intenção de ofendê-lo, ele dispara: “Você é algum tipo de maluco? Você vai me dizer que aprova isso?”, ao que Drayton responde: “Não, eu não vou dizer isso”. Por outro lado, as duas mães dos noivos se mostram sensibilizadas com a situação e demonstram uma

propensão à aprovação do matrimônio. É por meio da mediação feminina e sua habilidade persuasiva que os homens de ambas as famílias acabam cedendo à vontade dos filhos e os noivos finalmente obtêm as bênçãos das famílias para seu casamento.

Análise Crítica

O racismo nosso de cada dia: ideologia do branqueamento e democracia racial

Peter Fry (1986) propôs o termo “homogamia” para definir um ideal de conjugalidade e sexualidade equitativas em termos de cor da pele, classe social e nível de educação formal, tidas como socialmente aceitas e desejáveis. Laura Moutinho (2004), a partir dessa concepção de Fry, propõe que, no contexto brasileiro, quando pensadas pelo viés da divisão racial, as relações afetivo-sexuais entre “brancos” e “negros” sugerem dois eixos: o desejável e o indesejável. Segundo a antropóloga, mesmo sendo tão polimorfo, o desejo sexual, na maioria das vezes, organiza-se em consonância com a moral vigente. A despeito disso, os mesmos mecanismos que produzem o desejo podem conter dispositivos contrários, alimentando o desejo “indesejável”. Canções como *Meu bem, meu mal* ou *O quereres*, de Caetano Veloso, traduzem à perfeição a questão da força de atração exercida pelos pares antitéticos como elementos que sustentam a corda tensa do desejo na dinâmica das relações amorosas.

Baseado no determinismo biológico, no século XIX, o escritor francês Gobineau distinguiu e listou os atributos das “raças” negra, amarela e branca (Moutinho, 2004). Considerado um dos criadores de teorias pseudocientíficas, que tentavam provar a desigualdade entre as raças, chegou a morar no Brasil durante o Segundo Império. Essas teorias

contribuíram para a legitimação da suposta superioridade da raça branca. Segundo Gobineau, a raça branca estaria fadada ao fracasso, uma vez que toda grande “raça” precisa se expandir para estabilizar sua dominação. Nesse movimento de contínua expansão, inevitavelmente ocorre a miscigenação, e seu avanço culminaria na degradação da raça branca (Almeida, 2019). As ideias de Gobineau, especialmente a de degeneração, foram absorvidas por pensadores posteriores, incluindo brasileiros, e influenciaram de forma sistêmica o racismo no país em um momento histórico de grande efervescência social em que a ciência era convocada pela aristocracia dominante a se apropriar e dar respaldo “científico” a conceitos pseudocientíficos como raça e miscigenação.

Mesmo no período imediatamente posterior ao fim da escravidão, após quase quatro séculos de diáspora africana, o negro permanecia “paradoxalmente enclausurado na posição de liberto” (Souza, 2019, p. 21). Ainda que liberto do cativo, o negro permanecia aprisionado ao jugo da miséria, ao ser retirado da senzala e ser jogado nas ruas sem o menor amparo social. Como pária da sociedade que o explorou impiedosamente e depois o excluiu e jogou na sarjeta, a ele cabia se resignar mediante seu servilismo voluntário. Sem outra saída para se integrar à sociedade excludente e racista, deveria continuar desempenhando o papel que dele se esperava, de docilidade e submissão ao branco, que por sua vez continuava a agir de forma autoritária e paternalista.

As condições de ascensão social para o negro, na sociedade de transição do império ao regime republicano, se davam em três dimensões: cor da pele, ideologia do embranquecimento e o mito da democracia racial. Segundo Souza (2019), o primeiro aspecto se dava em uma linha contínua, na qual branco e preto figuravam em extremos opostos e as nuances intermediárias correspondiam ao critério de “quanto maior a brancura, maior a possibilidade

de ascensão”. Vale lembrar que, em *Adivinhe quem vem para jantar*, uma das preocupações que permeiam o discurso tanto do casal protagonista do filme, quanto de seus pais, recai sobre a vida dos futuros netos, caso eles viessem a ter filhos. A expectativa era de que a vida do filho, nascido do casal inter-racial, enfrentaria inúmeras adversidades.

Schucman (2018) aponta que, na década de 1960, época na qual o filme se passa, cerca de 8% dos casamentos no Brasil se davam entre casais interraciais. Já em 2010, esse percentual cresceu substancialmente, passando a 31% e, como vemos encenado também no filme, a maior parte desses relacionamentos se dá entre um homem negro e uma mulher branca. Schucman recorre às análises de demógrafas, como Berquó (1987) e Silva (1987), para mostrar que tal fenômeno (predominância de casais interraciais compostos por homem negro e mulher branca) não se dá por acaso, mas responde a uma construção social decorrente do patriarcado. É fruto da ideologia do embranquecimento, que faz com que homens negros busquem mulheres brancas, resultando em menor busca pelas mulheres negras por parte tanto dos homens brancos quanto negros.

Em *Razão, cor e desejo*, Moutinho (2004) busca compreender os relacionamentos interraciais não apenas pelo prisma de causalidade, mas pela ótica do desejo. Seu estudo busca evidenciar que há toda uma economia interseccional subjacente às relações interraciais, abrangendo raça, classe social e gênero, e que sob essa lógica a mulher negra é desqualificada e acaba por ser percebida como digna de menor valor. Almeida (2019) argumenta que a ideologia vigente busca sustentar e garantir que mulheres negras sejam prejudicadas por meio dos sistemas econômico, político e jurídico, que as expõem à contínua violência, a empregos mal remunerados e a uma condição crônica de subalternidade. Isso evoca a figura

emblemática do negro paradoxalmente liberto, problematizada por Neusa Santos Souza (2019).

Como essa ideologia opera? Almeida (2019, p. 43) argumenta que, embora resida no imaginário coletivo, toda ideologia tem concretude.

Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede a formação de sua consciência e de seus afetos.

Considerando esses pressupostos, é possível pensar que pessoas negras podem reproduzir comportamentos racistas, afinal, há uma pressão social que acaba por ser internalizada por todas as pessoas, inclusive aquelas que sofrem opressão racial desde que se adquirem a consciência de si, o que faz com que o próprio negro perceba a sociedade dividida entre brancos e negros. Nesse sistema altamente estratificado, o primeiro manda e o segundo obedece. Em *Adivinhe quem vem para jantar*, Tillie desabafa com Prentice: “Eu não gosto de ver um membro da minha própria raça se sentindo superior”. Almeida (2019, p. 43) parece descrever o que se passa na mente da personagem Tillie, quando afirma que: “Se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, [...] se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos, é de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos”.

Como pontua Almeida (2019), raça não é um conceito estático, irremovível e fixo no tempo, mas relacional e histórico. Isso significa que o sentido de raça desliza de acordo com as circunstâncias históricas. Raça é contingência,

como a própria construção do saber. É, portanto, conflito, dissenso, entrelaçamento de interesses e relações de poder. Por conseguinte, dialogar com um filme produzido no coração dos Estados Unidos de 1967 requer uma compreensão do contexto histórico e sociopolítico daquela época, o pano de fundo que permite compreender por que os personagens assumem determinadas posições, toma suas decisões e fazem suas escolhas nos limites do possível.

Visto desse vértice, o filme tenta responder às contradições da sociedade daquela época, que se via na encruzilhada histórica de ter de fazer o acerto de contas com o ciclo histórico de morte, dominação e crueldade da escravidão que engendrou uma sociedade de moral puritana e segregacionista. Uma nação que preza o racionalismo e ao mesmo tempo convive com um processo de desumanização e violência estrutural, que antecedem os atos de discriminação e genocídio seletivo da raça negra. O racismo pseudocientífico das teorias do século XIX sobreviveria com notável vigor, construindo o corpo negro como imoral, lascivo, estúpido e animalesco. E isso servia de permanente alerta para os brancos supremacistas quanto ao perigo de degeneração inerente ao processo de miscigenação, segundo a cartilha ensinada por Gobineau. Graças ao processo de desumanização, era perfeitamente natural perseguir, explorar, humilhar, atacar, torturar, violentar e praticar as piores torpezas contra os corpos negros, ligados atavicamente a seus determinismos biológicos de estirpe supostamente inferior.

Segundo Almeida (2019), o racismo é uma forma sistemática de discriminação que busca na raça seu fundamento, apropriando-se da diferença para naturalizar a desigualdade. Manifesta-se por meio de práticas conscientes e inconscientes, que culminam na atribuição de desvantagens ou privilégios para o indivíduo racista, a depender do grupo racial ao qual pertence. A crescente

ocupação pelo negro de espaços sociais até há pouco tempo ocupados exclusivamente por brancos contribui para pensar as relações raciais tensionadas em *Adivinha quem vem para jantar*, em uma época na qual a prosperidade econômica começava a esboçar uma classe média negra em ascensão na América. O que se constata no drama familiar são os primórdios desse movimento, que segue uma lógica segundo a qual o negro “evoluído” poderá ocupar um lugar privilegiado ao lado do branco, desde que ele entenda que não é igual aos demais irmãos de cor, já que está mais próximo do grupo dominante em termos de valores, crenças e ideologia. O preço a pagar é o da renúncia à própria identidade: esqueça que você é negro e junte-se a nós, brancos, porém, sem jamais se esquecer de seu lugar na sociedade de classes. Segundo Almeida (2018), esse argumento serve para legitimar não apenas a meritocracia, como também o racismo e a supremacia branca.

Referências

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural.** São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

American Film Institute. (2020, Dezembro, 04). *Sidney Poitier on making Guess Who's Coming to Dinner* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=d4DPe3YWLVs>

BERQUÓ, E. Nupcialidade da população negra no Brasil. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1987.

BUTLER, J. Em perigo/perigoso: Racismo esquemático e paranoia branca (F. A. Jardim, J. M. Teixeira, & S. Rinaldi, Trans.). **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-9, dez. 2020.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe** (Heci Regina Candiani, Trad., 1. ed.). São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

DREYER, B. P., Trent, M., Anderson, A. T., Askew, G. L., Boyd, R., Coker, T. R., . . . Stein, F. The death of George Floyd: Bending the arc of history toward justice for generations of children. **Pediatrics Perspectives**, v. 146, n.3, p. 1-6, set. 2020.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** (Raquel Camargo & Sebastião Nascimento, Trad., 1. ed.). São Paulo, SP: UBU, 2020

FISKE, J. **Media matters race and gender in U.S. politics.**: Routledge Taylor & Francis Group, Abingdon-on-Thames, Oxfordshire, 2016.

FRY, P. Prefácio. In N. Perlongher. **O negócio do michê**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GOMES, L. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Globo Livros, 2014.

GUESS WHO'S COMING TO DINNER. Direção: Stanley Kramer. Produção: Stanley Kramer. EUA: Columbia Pictures, 1967. Filme.

HARPER, S. R. Niggers no more: A critical race counternarrative on black male student achievement at predominantly white colleges and universities. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 22, n.6, p. 697–712, nov. 2009.

LOMBARDO, P. A. Miscegenation, eugenics, and racism: Historical footnotes to Loving v. Virginia. **Davis, CA: School of Law, University of California**, v. 21, n. 421, p. 421-452, jan. 1987

MAURANTONIO, N. Remembering Rodney King. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 9, n.4, p. 740-755, 2014

RHODES, J. **Framing the Black Panthers: The spectacular rise of a black power icon**. Champaign, IL: University of Illinois Press, 2017.

RICKFORD, R. Black Lives Matter: Toward a Modern Practice of Mass Struggle. **New Labor Forum**, v. 25, n. 1, p. 34-42. Dez. 2016

SIDNEY POITIER on making Guess Who's Coming to Dinner. [Produzido por] American Film Institute [S.I.], 04 dez. 2020. 1

vídeo (2 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d4DPe3YWLvs>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA, N. do V. Distância social e casamento inter-racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 14, p. 54-84, 1987.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1983.

Capítulo 4

NAVILLERA: ESCOLHAS E REALIZAÇÃO DE SONHOS NA FASE ÚLTIMA DO CICLO VITAL FAMILIAR

Marianne Ramos Feijó
Nelson Iguimar Valerio

Introdução

O capítulo visa estimular reflexões sobre a importância das escolhas e da realização dos sonhos, inclusive após os 70 anos de idade, fase em que se encontra o personagem principal da série Navillera, veiculada na plataforma Netflix. A quebra de padrões heteronormativos e de outras expectativas sociais também é posta em discussão, já que muitas vezes é demandada, para que seja ampliada a qualidade de vida e a expressão pessoal em diferentes etapas do ciclo vital humano. Na série em questão e no texto, expectativas de gênero e de sucesso financeiro são contrapostos à escolha de se conectar aos desejos e aos sonhos com legitimação de entes queridos.

No início da referida série, em uma cena de funeral, amigos do personagem principal, Shim Deok-Chul, questionam a sua decisão de parar de beber, alegando que lhes faltam o que fazer e que suas esposas são chatas. Em outra cena, o personagem visita um amigo institucionalizado, que lhe instiga a realizar seu sonho. Tal amigo, que provavelmente perdeu a vida atirando-se da varanda sob efeito de analgésicos e em meio a delírios de que poderia acompanhar seu barco “Avante” até o horizonte, lhe disse, solitário, antes de morrer: “Vendi barcos a vida toda, sem nunca construir o meu... E você, tem

algum sonho não realizado? A hora é agora. Não é tarde demais para você. Enquanto tiver o corpo firme e a mente lúcida, faça tudo que sempre quis.”

Após as cenas relatadas, cujas riquezas de detalhes e profundidade de narrativas nos aproximam da cultura da Coreia do Sul e daquela geração, que carrega uma série de estereótipos que influenciam relações familiares, escolhas profissionais e de vida, destaque é dado ao deslumbramento de Deok-Chul com a dança clássica. Entra em cena o seu sonho de menino de aprender a dançar e as diversas barreiras que necessita enfrentar para conquistá-lo. Trata-se de uma bela metáfora para refletirmos sobre impedimentos pessoais, familiares e socialmente mais amplos, que podem limitar escolhas, projetos, qualidade de vida e relações, caso não nos questionemos sobre nossos valores e vontades (Amaral; Guazzelli; Feijó, 2017; Breunlin; Schwarz; Kune-Karrer, 2000). Deok-Chul queria fazer ballet e o jovem bailarino que foi designado para ensiná-lo lhe perguntou o motivo. Deok em certo momento expressou: “Nunca fiz nada que queria na vida. Estava sempre ocupado sustentando minha família, para sequer sonhar com isso. Achei que era o curso natural das coisas.” O pai dele, o havia tirado da frente de um bailarino em treinamento, quando era criança, perguntado se ele queria ser um garoto que dança, maquiado; se queria passar o resto da vida na pobreza. O sucesso medido pela riqueza material é apontado em diferentes momentos da série por familiares do protagonista, assim como as expectativas de papéis a desempenhar na família.

Segundo Breunlin, Schwartz e Kune Karrer (2000) questões individuais (intrapsíquicas, comportamentais), familiares, socialmente mais amplas como o desenvolvimento individual, da família e da sociedade, as expectativas de gênero, a cultura, as condições socioeconômicas, os processos de perda e de luto, dentre

outras, devem ser compreendidas e exploradas quando uma pessoa apresenta determinado sofrimento ou dilema. Alinhada a tal visão, que compreendemos como sistêmica e complexa (Grandesso, 2000; Vasconcelos, 2005; Morin, 2011), Bronfenbrenner (2011) e Sluzki (1997) trataram das diversas redes em que estão inseridas as pessoas, influenciando-as e sendo recursivamente influenciadas por elas. Segundo Barreto (2016), para Bronfenbrenner, pessoas, tempo, processos, relações e contextos estão interconectados de forma que para compreender seu desenvolvimento é preciso um olhar global: bioecológico nas palavras do autor, complexo para Morin (2011), novoparadigmático para Vasconcelos (2005) e narrativo para Grandesso (2000).

A partir desse olhar global, foram elencados alguns conceitos que necessitam ser explicitados no texto, para que se dê destaque à importância das pessoas identificarem seus desejos e sonhos e alinharem suas escolhas a estes, mesmo que isso demande grande esforço de enfrentamento de narrativas que estão socialmente postas e que poderão ser defendidas por familiares, amigos e outros membros da rede de apoio, gerando mais pressão por adaptação do que incentivo à realização (White; Epston, 1993; Sluzki, 1997; Grandesso, 2000; Gaspar; Hernandes, 2016).

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Navillera</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Coréia do Sul Coreano
Duração	12 episódios de 67 minutos
Direção	Han Dong-hwa

Conceitos e Análises

As relações afetam as pessoas e desde os primeiros momentos de vida, toques, cuidados e estímulos sentidos e trocados contribuem para o desenvolvimento da identidade e para a vivência da sexualidade, aspecto relevante do viver, que não se limita ao ato sexual e não se descreve com base no sexo biológico (Horta; Feijó, 2007).

Cabe ressaltar, que ao contrário do que é propagado socialmente, aspectos atrelados à sexualidade humana, tais como a identidade e a orientação do desejo não são considerados escolhas, mas construções (Daspett; Sant'anna, 2007; Horta; Feijó, 2007). Escolher expressá-los de determinadas maneiras e comunicá-los à família, amigos e demais grupos sociais, sim, demanda escolhas, que afetam e são afetadas por relações em curso e contextos que se modificam ao longo do tempo.

A forma como uma pessoa vivencia, tanto a sexualidade como o envelhecimento têm relação com a sua história, o que também é válido para a família, que quando é composta por um casal na faixa dos 70 anos como na série, está na fase última do ciclo vital familiar (Cervený, 2015).

Um homem, escolher realizar o seu sonho de infância e aprender a dançar ballet aos 70 anos, na Coréia do Sul, em uma companhia de dança e em uma família cujas expectativas de sucesso se sobrepõem à importância da felicidade pessoal e da qualidade de vida pode ser entendido como desafiador, rompe padrões, altera relações, mas ilustra o esforço necessário para quebrar as expectativas alheias ligadas a gênero, consumo, dinheiro e a faixa etária, em busca da autonomia e da felicidade.

Há construções disseminadas em torno de gênero, portanto consignas que indicam como homens e mulheres deveriam se comportar na sociedade (Macedo, 2007). Na série em questão era motivo de vergonha um homem

aprender a dançar ballet e utilizar roupas próprias para dançar aos 70 anos. A imagem social deveria ser preservada na visão de alguns de seus familiares e, em parte, a vergonha tinha relação com tabus e com o fantasma da homossexualidade, o que será abordado mais adiante.

Identidade é como a pessoa se vê, e na série o personagem principal é retratado como um homem, o que nos leva a crer que sua identidade sexual seria de homem cis (Barros; Souza; Martielo, 2020).

Orientação sexual diz respeito à orientação do desejo da pessoa de estabelecer relações afetivo-sexuais com outras pessoas. Apesar da série não tratar especificamente de tal questão, o personagem casou-se com uma mulher e manteve o casamento ao longo da vida. Desta forma, vamos considerar que seu desejo se direcionou à pessoa de outro sexo, portanto caracterizado como heterossexual, apesar dele ter manifestado que nunca fez nada que queria na vida.

O *comportamento*, que abrange como o indivíduo se veste, fala, gesticula e toca outras pessoas, não precisaria ser determinado pela identidade de gênero e pela orientação sexual da mesma, nem pela idade, mas na sociedade há *padrões de gênero* que interferem nas expectativas da família e dos demais grupos sociais, e podem cercear a expressão e a liberdade pessoal (Silva; Frutuozo; Feijó; Valério; Chaves, 2005). Desta forma, podem ser traduzidos como *preconceitos, que se geram ações*, transformam-se em atos de *discriminação*. Para exemplificar preconceções, cabe lembrar que não é incomum, mesmo atualmente, que do bailarino clássico seja esperada a orientação do desejo para pessoas do mesmo sexo, como se pessoas que se enxergam como homens e que desejam mulheres não pudessem dançar. Da sua identidade a maioria das pessoas espera que seja masculina, já que deve figurar nos palcos como o partner “masculino”, como se ele não pudesse se ver como mulher e se comportar nos palcos de diferentes

formas. Para concluir a analogia, achar que bailarinos clássicos são gays é preconceituoso e impedir que uma mulher trans ou um homem hetero ocupe tal papel em uma peça de dança clássica seria discriminação.

Na Coreia do Sul, assim como no Brasil, antes do ano de 2016 (quando foi produzida a série), não era esperado que um homem de 70 anos dançasse ballet ou usasse roupas como “collants”. Desta forma, o estranhamento por parte de um jovem dançarino a respeito do pedido do personagem para que lhe fosse ensinada a dança clássica retrata um preconceito. Nesta mesma perspectiva, a indignação e o medo da família diante da escolha deste ‘Senhor’, retrata o impacto de expressar-se e de viver fora dos padrões hegemônicos. Tal atitude, atinge de maneira implícita o medo de revelação da chamada “homossexualidade”, tema pouco compreendido e discutido nas famílias, com conseqüente redução do apoio social aos que não se comportam de acordo com os *padrões hegemônicos ou heteronormativos*, que ainda são mais aceitos pela maioria e usados como matrizes para a compreensão de comportamentos e de relações que fogem de tal prescrição (Soares *et al.*, 2011; Souza; Pereira, 2013; Waseda *et al.*, 2016; Victuri *et al.*, 2022).

Por outro lado, o filme mostra a beleza da conexão com os sonhos e com os desejos e a positiva transformação que uma pessoa realizada pode gerar em outras que buscam realizar-se, mesmo que o faça inicialmente escondido e em etapas. Há um filho do personagem principal que interrompeu suas atividades profissionais na área da saúde para refletir sobre a possibilidade de mudança para o cinema e apesar das críticas de irmãos e da mãe, influencia e é influenciado pelo pai a buscar satisfação e realização. Deok-Chul era um carteiro aposentado. Seu professor, um jovem de 23 anos para quem a escolha do ballet também demandava dedicação e resiliência, enfrentava outros

dilemas familiares e dificuldades com o autossustento. Trata-se de escolhas de carreira, de desenvolvimento e de vida, além da concretização de sonhos, que dependem de apoio e de legitimação de parte das pessoas significativas, como familiares (Defendi, 2010), mas o jovem havia perdido a mãe, seu pai esteve preso e manteve-se distante dele por um período. Deok-Chul não foi compreendido inicialmente pela maioria de seus familiares. Apesar disso, tornou-se fonte de afeto, de cuidado e de incentivo e modelo para o jovem bailarino.

A rede social de suporte de pessoas idosas tende a diminuir com o envelhecimento, mas cabe lembrar que a manutenção e expansão dos contatos sociais impactam positivamente a saúde desta população, assim como a interação com o idoso pode afetar positivamente a vida de outras pessoas (Sluzki, 1997; Gaspar; Hernandez, 2016).

Abordada a questão das expectativas de gênero que podem limitar a expressão e as vivências das pessoas, é importante retomar o termo *homossexualidade*, já que nas entrelinhas, a vergonha na série, viria também da ideia de que o personagem poderia ser visto como homossexual, termo utilizado para se referir a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo e que foram vistas em muitas sociedades como pecadoras ou doentes. A homoafetividade ainda figura como uma forma de se relacionar diferente, que não se encaixa nos padrões heteronormativos vigentes no Brasil contemporâneo (Souza; Pereira, 2013; Victuri et al., 2022). A homossexualidade, retirada dos manuais de doença mental em 1990 (CID-10) ainda é vista como um “desvio”, atitude pecaminosa e merecedora de repúdio em muitas sociedades cristãs dos últimos séculos (Victuri et al., 2022; Lomando; Wagner; Goncalves, 2011; Silva, 2007). Dançar ballet ainda é “coisa de jovem, de mulher ou de homem gay” para muitos, o que intensificou o desafio do personagem pela

concretização de seu sonho, reprimido pelo pai com agressões na infância.

Cabe ressaltar, que tem sido adotado na literatura o termo identidade de gênero para se referir a como a pessoa se vê e gênero designado ao nascimento, para se referir ao que fica definido de acordo com a genitália. Já o termo expressão de gênero tem relação com a forma da pessoa se apresentar às demais e orientação sexual, orientação afetiva e orientação romântica para tratar do interesse em relacionar-se (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE SÃO PAULO, 2023). A sexualidade é um conceito que deve ser apresentado e discutido de forma ampla e contextualizada e assim utilizado em processos de educação sexual.

Considerações Finais

A série aborda a desafiadora jornada de personagens que buscaram a realização de seus sonhos, contrariando as expectativas que pesavam sobre eles e dificultavam suas escolhas. Os personagens, por questões culturais e de gênero, além de falta de recursos materiais e de familiares próximos, no caso do mais jovem, precisaram enfrentar preconceitos e fortes pressões para dançar no palco. Apesar disso, conforme a relação entre os dois foi se estreitando e o apoio da rede social se ampliando, eles puderam persistir.

Considerada a série como uma metáfora da importância do sonho para que pessoas se sintam vivas em diferentes etapas do ciclo vital, cabe ressaltar a centralidade da rede social de apoio que inclui familiares, amigos e colegas de trabalho na concretização dos planos de vida. No caso de pessoas idosas, é primordial que se invista na ampliação da rede de interações sociais e na manutenção das trocas e cuidados familiares, que promovam qualidade de vida e saúde.

O amor, que não se restringe às relações afetivo-sexuais, mas também se dá na família, na amizade, na expressão de

talentos, pela arte e pelo trabalho, se amplia quando as pessoas se conectam com seus ideais, rompem preconceitos e estereótipos. Quando vão além do que está posto, elas incentivam outras a fazer o mesmo. Como profissionais da Psicologia nas práticas de prevenção e de cuidado com a saúde é nossa missão desconstruir os mais variados estereótipos que limitam escolhas, a livre expressão de ideias e de vontades, assim como as diferentes vivências amorosas em qualquer fase e condição de vida.

Agradecemos a revisão do texto realizada pelo Dr. Bruno Garrido, do Departamento de Psicologia da Unesp, em Bauru.

Referências

- AMARAL, C. B.; GUAZZELLI, J.K.; FEIJÓ, M.R. Grupo Reflexivo sobre qualidade de vida em uma instituição de longa permanência para idosos. *In: CARDOSO, H. F.; FEIJÓ, M. R.; CAMARGO, M. L.; CAMPOS, D. C.; GOULART JÚNIOR, E. (Org.), Experiências de Formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho e Orientação Profissional.* Araraquara: Letraria, 2017. p. 99-110.
- BARROS, C. F.; SOUZA, C. M.; MARTIELO, M. J. THE HANDMAID'S TALE: GÊNERO E REPRESSÃO SEXUAL *in: BORTOLOZZI, A. C.; BOSCO, M. De CARVALHO, L. R. S. Leituras sobre a sexualidade em filmes: feminilidades, masculinidades e transgeneridades.* Vol. 5. São Carlos: Pedro & João editores, 2020. p. 29-44
- BARRETO, A. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, v. 22, n. 2, p. 275-293, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/DOI->

10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P275. Acesso em: 11 mar. 2023.

BREUNLIN, D. C.; SCHWARZ, L.; KUNE-KARRER, B. M. **Metaconceitos**: transcendendo os modelos de terapia familiar. Porto Alegre: Artmed. 2000.

BRONFRENBERGER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humano. Trad. A. Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CERVENY, C. M. O. (org.). **Manuel de Longevidade**. Guia para a Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos. Curitiba: Juruá, 2015.

DASPETT, C.; SANT'ANNA, M. S. O pote de ouro no final do arco-íris: Casais e famílias homossexuais. In: HORTA, A.L.; FEIJÓ, M.R. (org.). **Sexualidade na família**: avanços e desafios da contemporaneidade. São Paulo: Expressão & Arte, 2007.

DEFENDI, E. L. **Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais**: um estudo de caso. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010.

GASPAR, C.; HERNANDES, E. **Rede social de idosos institucionalizados**. 2016. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação Sistêmica) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2016.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HORTA, A.L.; FEIJÓ, M.R. (org.). **Sexualidade na família**: avanços e desafios da contemporaneidade. São Paulo: Expressão & Arte, 2007.

LOMANDO, E.; WAGNER, A.; GONCALVES, J. Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. **Psicol. teor. prat.**, v. 13, n. 3, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext

&pid=S1516-36872011000300008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 30 out. 2015.

MACEDO, R. M. Sexualidade e gênero. In: HORTA, A. L.; FEIJÓ, M. R. (org.). **Sexualidade na família: avanços e desafios da contemporaneidade**. São Paulo: Expressão & Arte, 2007. p. 20-30.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. *Psicopedagogia on line*, 1(1), 2010.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SÃO PAULO. Protocolo para o Cuidado Integral à Saúde de Pessoas Trans, Travestis ou com Vivências de Variabilidade de Gênero no Município de São Paulo. 2ª edição revisada e ampliada., junho de 2023.

SILVA, M. M. L.; FRUTUOZO, J. F. F.; FEIJÓ, M. R.; VALÉRIO, N. I.; CHAVES, U. H. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas psicol.**, v. 23, n. 3, p. 677-692, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvaslu.d.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X201500&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 abr. 2017.

SILVA, V. G. A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 7, n. 1, p. 71-88, 2007, Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27170106>. Acesso em: 12 set. 2023.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas** Trad. C. Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOARES, M; FEIJÓ, M. R.; VALERIO, N. I; SIQUIERI, C. L.; PINTO, M. J. O apoio da rede social a transexuais. **Paidéia**, v. 21, n. 48, p. 83-92, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100010>. Acesso em: 15 jan. 2023

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.

VICTURI, A. A.; ACINTO, H. F. A.; BORTOLOZZI, A. C.; FEIJÓ, M. R. Diálogos sobre sexualidade em orientação profissional: revisão de literatura e propostas de atuação. **Perspectivas em Psicologia**, v. 25, n. 1. p. 85-103, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/60923>. Acesso em: 15 jan. 2023

WASEDA, D.; LOFEGO, L.; FEIJÓ, M.R; CHAVES, U. H; VALERIO, N. Casais homoafetivos femininos: demandas do ciclo vital familiar e aceitação social. *Pensando Fam.*, Porto Alegre, v. 20 n. 2. dez. 2016.

WHITE, M.; EPSTON, D. *Medios narrativos para fines terapêuticos*. Barcelona: Paidós, 1993.

Capítulo 5

FEEL GOOD: REFLEXÕES ACERCA DA RIGIDEZ DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Letícia Carolina Boffi
Amanda Brandane Minari

Introdução

As normas de gênero estão profundamente arraigadas na sociedade, sendo que a transgressão a qualquer uma delas é acompanhada por enorme resistência e acarreta, em diversos níveis, punições aos sujeitos que as burlam. Foi a partir dos estudos feministas, iniciados no século XIX, que a categoria gênero passou a ser conceituada como instrumento de análise que buscava apontar as diferenças e hierarquias existentes entre homens e mulheres. A fim de compreender essas análises, é necessário considerar a existência e os efeitos das relações de poder postas social e historicamente.

Segundo Foucault (2008, p. 258) o poder refere-se a “práticas que se efetuam socialmente e, porquanto, devem ser entendidas mais como tática, uma manobra”, pontuando que seu funcionamento se dá na relação com o entorno. Desse modo, essas práticas se disseminam pela estrutura social que constitui um sistema de poder, conjecturado a partir de instituições que se interligam politicamente e se fundamentam no Estado. Nesse sentido, entre as normas gerenciadas por este poder, estão aquelas que dizem respeito ao gênero, tais como: a binaridade de gênero (sujeito deve ser homem/mulher em consequência de seus órgãos sexuais reprodutivos e deve representar todas as

características designadas socialmente a este gênero, máxima denominada de cisnormatividade ou cisgenereidade); a heterossexualidade compulsória (a única sexualidade aceita socialmente é aquela na qual o desejo sexual é direcionado ao sujeito do sexo oposto) e o que é considerado feminino e masculino.

Dessa forma, Butler (2018/1990) compreende que a consequência da regulação dos sujeitos por tais estruturas é a formação, definição e reprodução, pelos indivíduos, das exigências dos poderes circundantes. Essa regulação torna-se ainda mais rígida quando se trata de sujeitos que não se adequam à cisnormatividade, caso das pessoas não-binárias e transexuais que convivem com a exclusão no ambiente escolar (Franco, 2018), a dificuldade de obter emprego formal (Martinelli; Queiroz; Araruna; Mota, 2018), desafios no acesso à saúde (Rocon; Sodré; Rodrigues; Barros; Wandekoken, 2019; Santos *et al.*, 2019).

A compreensão da identidade de gênero é um processo que ocorre durante toda a vida (Barbosa; Silva; Silva; Gomes; Silva, 2019) sendo inicialmente transpassado pela atribuição social do gênero sobre os sujeitos. Entretanto, para que o indivíduo se defina como pertencente a um certo gênero, binário ou não, tem-se como princípio norteador desse percurso a autoidentificação. Colling (2018) afirma que cada identidade é composta por um leque de características que estão sempre em transformação e nunca deixam de ser recriadas, o que não permite uma fixação de nenhuma categoria, principalmente quando o enfoque recai sobre as identidades não-binárias e não cisgêneras.

Observa-se que essa experiência é bem mais complexa do que apenas a correlação ou não da identidade de gênero com o sexo atribuído ao nascimento, implicando neste processo inúmeras questões políticas, sociais e de saúde. Na psicologia, o interesse pelas temáticas cis dissidentes emerge da necessidade de compreender as experiências

vividas por sujeitos incluídos no contexto de diversidade de gênero (Rubin; Atwood; Olson, 2020). Esse foi um importante passo para compreender estes processos de identificação e transformação e as consequências deles para o indivíduo.

O objetivo deste capítulo, portanto, é refletir acerca da identidade de gênero e da rigidez imposta às categorias identitárias pelo sistema cisnormativo a partir da experiência vivida por Mae, personagem da série britânica *Feel Good*. Além disso, busca-se abordar o processo de questionamento e autopercepção da personagem em relação ao seu gênero, levando em conta o caráter multidimensionado e singular desse percurso. Para isso, parte-se do referencial da teoria *queer* e de autores cujo escopo de pesquisa se refere à identidade de gênero.

As identidades não-binárias e suas características

Internacionalmente, os termos “Gênero Variante” ou “Não conformidade de Gênero” (*Gender variance or gender nonconformity*) são termos guarda-chuva utilizados para descrever as pessoas que têm uma identidade de gênero, uma expressão de gênero ou comportamentos que contrariam a norma binária do feminino/masculino. Estudos sugerem que cerca de 4,6% da população geral se enquadra em uma das categorias identitárias incluídas nesses conceitos (Zucker, 2017). A utilização de termos guarda-chuva sugere que as diferentes expressões e identidades de gênero têm sido reconhecidas, o que descreve um avanço no cenário das identidades.

No Brasil, o termo não-binário pode ser também utilizado como um termo genérico que abriga identidades de gênero que não são permanentemente femininas nem masculinas (Koehler; Eyssel; Nieder, 2018), o que inclui a identidade “*agender*” ou “sem gênero definido”, utilizada

quando alguém não se identifica diante de nenhum gênero pré-existente; “gênero fluido”, quando a identificação dos sujeitos é maleável e transitiva no espectro feminino-masculino e o “não-binário transfeminino ou transmasculino”, quando o sujeito não se identifica totalmente com o gênero masculino ou feminino, mas aproxima-se de aspectos associados a tais categorias de gênero (Cheung *et al.*, 2020).

Com esta pluralidade de termos, possibilidades e identidades, é compreensível que haja dúvida ou confusão no processo de definir-se enquanto sujeito generificado. Nesse cenário de expansão no reconhecimento da diversidade de gênero, vê-se um aumento na visibilidade de indivíduos que se identificam com as categorias de não-binariedade, identidade até então menos conhecida e que tem se tornado mais aparente (Twist; De Graaf, 2019). Uma pesquisa recente mostrou que as pessoas não-binárias recebem menos suporte de suas famílias e amigos, experimentando maior isolamento e *cyberbullying* quando comparados às que se identificam como trans e de gênero binário (Aparicio-Garcia; Diaz-Ramiro; Rubio-Valdehita; Lopez-Nunez; Garcia-Nieto, 2018).

A partir de uma perspectiva clínica, a saúde mental das pessoas com identidade não binárias é bem mais fragilizada, apresentando maior prevalência de depressão, ansiedade, e uso de drogas ilícitas, ainda que exista pouca notificação de tentativa de suicídio entre a amostra dessa população quando comparada às de grupos com identidades de gênero binárias (Cheung *et al.*, 2020). O desejo por cirurgias e hormonização pelas pessoas não-binárias encontra-se em níveis bem menores do que por indivíduos com outras identidades de gênero (Koehler *et al.*, 2018). Na pesquisa de Cheung *et al.* (2020) a amostra de pessoas não binárias em relação a busca de cirurgias para afirmação de gênero foi de 14,1%, sendo a mastectomia a mais procurada, seguida da

orquiectomia (retirada dos testículos), aumento da mama e cirurgia laríngea para adaptação da voz. A pesquisa afirma que estes números se devem a vários fatores, entre eles a restrição do protocolo de hormonização e de acesso às cirurgias, que requer dos sujeitos estabilidade e consistência de gênero, trazendo o enfoque para um procedimento totalmente binário (Coleman *et al.*, 2012).

Cheung *et al.* (2020) concluíram que a identidade (binária ou não) tem um grande impacto na maneira como as pessoas significam seus corpos e, conseqüentemente, na sua busca ou não por cirurgias específicas. Beek *et al.* (2015) observaram que as pessoas não-binárias podem desejar intervenções médicas e cirúrgicas, sendo esses procedimentos uma forma de aproximar suas características físicas da expressão de gênero não-binária, por meio de uma pequena masculinização ou feminilização do corpo. Outras vezes, ainda podem recorrer a uma dosagem baixa de hormônios por algum período curto para atingir alterações físicas irreversíveis (Vincent, 2019). Esses resultados demonstram que não há regras sobre adequações corporais no que diz respeito aos sujeitos não-binários, já que o desejo de realizar ou não uma modificação corporal é única e individual. O que deve direcionar esse processo é a necessidade de que seja respeitoso, igualitário e conduzido de maneira responsável pelos profissionais de saúde, de modo a acolher as demandas de indivíduos que buscam tais procedimentos (Santos *et al.*, 2019).

As identidades transgêneras e suas características

A identidade transexual (ou transgênera/o, termo mais comum fora do Brasil) é também uma das que escapam das normas de gênero historicamente impostas. Refere-se aos sujeitos que foram designados em seu nascimento como pertencentes a um gênero e que, ao longo do seu

desenvolvimento, identificaram-se como pertencentes ao gênero oposto. Ao contrário das identidades não-binárias, estes sujeitos preferem se posicionar a partir da oposição, identificando-se como homens ou mulheres a partir de seus processos de transição de gênero. O próprio termo “trans” descreve um pouco de sua construção, pois em seu significado estrito representa “aquele que desvia e que cruza o sentido” e que, portanto, se afasta do comum. Bento (2008, p. 20) declara:

Transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero, uma vez que estas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações.

O caminho para a compreensão da identidade e da transição de gênero requer, do sujeito que o vivencia, resiliência para enfrentar as questões que o acompanham. Neste processo, são implicados elementos culturais e históricos de uma dada época, sendo este uma invenção de si que conta tanto dos aspectos simbólicos como das transformações corporais. Birman (2018, p. 149) afirma que

O que o sujeito não mais aceita é a condição do acaso da combinação genética ocorrida na ordem da natureza na sua constituição biológica, assim como a nomeação realizada pelos pais na ordem simbólica, de forma que o que o transexual pretende empreender é a recriação de si, fundada no desejo do sujeito.

Nesse sentido, a recriação de si perpassa também a busca do reconhecimento social, que pode envolver o uso de alguns artifícios biotecnológicos como, por exemplo, as cirurgias. Além disso, esse processo também pode contar com ferramentas culturais, como as vestimentas e até mesmo os comportamentos associados a determinado

gênero. Entretanto, é preciso compreender que cada sujeito apresenta desejos singulares em relação ao próprio corpo e a sua expressão de gênero, o que implica em não haver regras fixas para sua identificação.

Tendo em vista o desejo de obter um corpo que expresse sua identidade de gênero, o uso de procedimentos ilegais e/ou realizados em situações precárias e de risco à saúde passa a integrar a realidade de parte da população trans, sobretudo diante das dificuldades de acesso às modificações corporais desejadas. Nesse contexto, a saúde desse segmento é posta em risco, já que é exposta a possíveis complicações advindas da realização dessas intervenções estéticas ilícitas. Em uma pesquisa realizada por Pinto *et al.* (2017) com mulheres transexuais e travestis a respeito do uso do silicone industrial (SLI), 49% delas afirmaram já tê-lo utilizado e, dessas, 42% afirmaram terem tido problemas decorrentes da aplicação e 46% relataram a busca pelos serviços médicos. Entretanto, 52% das pessoas que declararam problemas com o SLI afirmam estar satisfeitas, muito satisfeitas ou completamente satisfeitas com o resultado. A satisfação com o procedimento soma-se ao investimento financeiro baixo e, assim, oferece justificativas para que a prática ainda seja comum, apesar dos riscos associados a ela.

No caso dos homens trans, o maior desejo não é pela neofaloplastia, contrariando o imaginário social. Nesse contexto, a busca maior acontece pela realização da mamoplastia masculinizadora (Ávila, 2014), além da utilização de faixas compressoras nos seios (*binder*) que podem levar ao aparecimento das atelectasias, resultando na redução da oxigenação no sangue arterial, além da possibilidade de pneumonias, dor torácica, tosse e/ou dificuldade para respirar (Viana; Souza; Vale, 2015). Contudo, esses procedimentos, quando realizados de forma segura,

tendem a melhorar a satisfação das pessoas transgêneras com o próprio corpo em diversos aspectos.

Com relação a saúde mental, pesquisas indicam que a ocorrência de depressão nas pessoas trans adultas é estimada em mais de 50%, comparado a 30% da população geral (Kessler, 2012). Outro dado alarmante é a prevalência de tentativa de suicídio desta população que é estimada entre 32% e 41%, comparada a menos de 9% da população geral e 10-20% da população de lésbicas, gays e bissexuais adultos (Tebbe; Moradi, 2016). Nessa perspectiva entende-se por que a afirmação da identidade de gênero é uma das questões que pode melhorar a saúde destes sujeitos, tendo consequências diretas no bem-estar e redução da exposição a outros estressores como discriminação e violência (Kattari; Bakko; Hecht; Kattari, 2020).

A afirmação de gênero é definida como o processo interpessoal e social de reconhecimento e atualização da identidade de gênero (Scheim; Perez-Brumer; Bauer, 2020). Esse percurso é gradual e começa no reconhecimento do sujeito de si mesmo, na medida em que se entende como pertencente a outro gênero que não aquele designado ao seu nascimento e passa a se aproximar de símbolos sociais associados a essa vivência, a exemplo da mudança de nome social, vestimenta e a aquisição de comportamentos relacionados à performance de tal gênero. Além disso, no âmbito legal, destaca-se a alteração de nome nos documentos civis, a busca por acompanhamento médico hormonal e realização da cirurgia de redesignação sexual.

Apesar desses dispositivos, muitas pessoas encontram barreiras para acessá-los principalmente por questões financeiras, associada ao desemprego vivenciado pela população trans. Além disso, outros entraves apresentam-se nesse processo, como a falta de conhecimento sobre as possibilidades de autoafirmação, dificuldade de acesso aos serviços de saúde, falta de conhecimento médico, relações

interpessoais que não aceitam a transição, medo e ansiedade que interferem na busca pelo cuidado, preocupação quanto a qualidade dos procedimentos (Puckett; Cleary; Rossman; Mustanski; Newcomb, 2018). Em decorrência dessas questões, o processo de afirmação de gênero pode tornar-se distante para algumas pessoas.

Material Analisado

Tipo de Material	Série (episódio 5, temporada 1)
Título Original	FEEL GOOD
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Comédia dramática
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido, inglês
Duração	25min26seg
Direção	Ally Pankiw

Feel Good é um seriado de televisão britânico que reúne os gêneros drama e comédia, apresentando-se em duas temporadas de seis episódios. Criado por Mae Martin e Joe Hampson, o programa estreou seu primeiro episódio no Canal 4 no Reino Unido em 18 de março de 2020 e, no dia seguinte, teve sua distribuição internacional realizada pela plataforma digital de filmes Netflix. A série em questão é protagonizada pela roteirista, Mae, que busca inspiração em sua própria vida para construir sua personagem, trazendo o aspecto de auto ficção para a trama. Assim, durante a série, a personagem Mae, uma comediantes canadense, abre sua vida durante suas apresentações, com ênfase nos seus relacionamentos familiares, conjugais e sua dependência química.

Sobre esses aspectos, Mae inicia a série em um período de sobriedade, tendo abandonado a cocaína e lidado, recorrentemente, com seu vício pela droga. No tempo

presente em que a série se passa, a personagem mantém uma relação emocionalmente distante dos pais, principalmente de sua mãe, que é fonte de verdades difíceis sobre Mae a qualquer ocasião. Ainda sobre as relações na vida de Mae, a principal trama desta história é a narrativa que se desenvolve em torno de uma nova paixão romântica por George, uma mulher cisgênera e heterossexual que nunca teve relações homoafetivas, mas que se sente atraída por Mae e passa se relacionar com ela. As consequências desse relacionamento apresentam-se ao longo do tempo para a personagem principal, entre elas destaca-se uma reflexão, iniciada por Mae, acerca de si mesma. Esse processo introduz os principais dilemas discutidos neste capítulo: a identidade de gênero da personagem e a sexualidade do casal em uma relação que funciona em moldes heteronormativos apesar de inicialmente ser entendida como uma conjugalidade lésbica.

Análise Crítica

O corte de cabelo bem curto, roupas largas que escondem a forma do corpo e uma voz que não revela muito em um primeiro momento: Mae Martin constrói-se de forma a questionar categorias estanques de gênero. Por isso, neste capítulo não há pretensão de afirmar qual a identidade de gênero da personagem, mas promover reflexão acerca das questões que ela ¹ mesma apresenta sobre si. No desenvolvimento do primeiro episódio, compreende-se que Mae foi designada como sendo do sexo feminino ao nascer, mas é apenas no penúltimo episódio da primeira temporada que Mae expressa algum desconforto em relação ao seu

¹ Neste capítulo, opta-se por utilizar o pronome designado pela personagem na série.

gênero, quando em um café com George e seu colega de casa, é tratada da seguinte forma:

(Garçonete): *Desculpe, Senhor. O cartão foi recusado.*

(George): *Ela é uma garota.*

(Mae): *Tudo bem, é...*

A personagem parece não se constranger com a situação na qual, socialmente, é reconhecida como sendo do gênero masculino devido a sua expressão e modo de ser. Esse episódio, entretanto, parece incomodar sua parceira, George, que corrige a garçonete dizendo que Mae “*é uma garota*”. Vale ressaltar que, até então, George compreendia a namorada como sendo do gênero feminino, o que pode ter levado à reação imediata quando a garçonete se dirige à Mae utilizando um vocativo masculino.

Na sequência dessa cena, Mae aparece nua em frente ao espelho observando seu corpo de vários ângulos e cobrindo os seios, no que parece ser uma tentativa de imaginar-se sem eles. Nesse momento, a personagem decide tentar algo diferente do que costuma vestir, provando uma roupa vista como feminina, um vestido simples, preto e curto que deixa seus braços e pernas à mostra. George abre a porta do quarto e, visivelmente constrangida, Mae pede para que ela não entre e retira o vestido rapidamente antes que a namorada a veja. Essa cena elucida a dificuldade de Mae em abordar o assunto com a namorada que, até esse momento, não sabia sobre o questionamento enfrentado por Mae a respeito de sua identidade e expressão de gênero.

Após algumas cenas, observa-se o momento no qual Mae irá apresentar seu *stand-up comedy* referindo-se a confusão sobre o gênero com o qual se identifica. No decorrer de sua fala, apresenta situações vivenciadas em sua relação amorosa que trouxeram ainda mais camadas para

seu questionamento identitário. O monólogo a seguir apresenta essa sequência de reflexões:

Mae: Eu acredito em uma teoria que é, tipo, todos são bissexuais inatos até certo ponto, e a sexualidade é uma coisa muito dinâmica e fluida e pode mudar [...] Mas... eu acho que também é muito confuso, porque significa que... Resumindo, se eu for boa o suficiente posso transformar a sexualidade de alguém? [...] Eu tenho uma namorada hétero. Ela é hétero. Ela foi hétero a vida toda e eu estou exausta. Eu estou tão cansada de o tempo todo, tentar ser... Eu estou tentando ser o que eu imagino que é a versão do namorado dos sonhos dela. É o que eu estou fazendo. Um galã dos anos 90. Eu faço muita flexão e agachamento. É patético. [...] Acho que sou transgênero, ou de gênero não binário, ou seja lá como chamam hoje em dia, mas tanto faz, porque eu sempre me senti assim, mas estar com ela não está me ajudando. [...] A gente estava transando e... no meio do sexo ela diz: “quero que goze dentro”. Eu fiquei tipo: “É fisicamente impossível”. Ela diz que sou a única garota por quem ela sente atração, mas como se fosse algo bom, como se eu fosse ficar feliz. Mas se for verdade, ela não me ama por quem eu sou, ela me ama apesar do quem eu sou. Eu tinha um moletom vermelho. É meu moletom favorito. Eu adoro ele! E eu não uso há uns seis meses. Eu só uso preto agora [...]. Eu não uso cores porque fico com medo de que ela saia do banho e se assuste ao ver algo colorido: “Droga, é uma garota, meu Deus”. E o pior de tudo é que eu sei. Sei que ela vai acordar um dia e vai perceber que o que ela realmente quer e cresceu querendo é simplicidade, o garotinho da capa de revista, sabem? Chamado Charlie, com uma personalidade meio fraca. Porque ela é culturalmente hétero, então dane-se se minha personalidade é foda. Aquele cara, Charlie, ele nem precisa tentar, ele não precisa fazer flexões, aprender Sum41 no violão, escrever poemas e nem ser bom em chupar buceta. Ele só precisa ser simples, gentil e cheio de esperma.

Na fala acima apresentada, a personagem relata os impactos trazidos pelo seu relacionamento à sua visão de si

mesma. Destaca-se que George, parceira de Mae, nunca havia se relacionado com uma pessoa do mesmo gênero e, portanto, parece não possuir repertório acerca dos modos de funcionamento de um relacionamento entre duas mulheres. Essa questão torna-se evidente com a frase que George diz à Mae durante o ato sexual (“*quero que goze dentro*”), fala que simboliza a aproximação da relação das duas personagens de moldes heteronormativos (que tomam a relação heterossexual como norma, ou seja, como única forma possível e desejável de relação).

Sobre esse tópico, Adrienne Rich (1980), teórica feminista que aborda a invisibilidade atribuída aos casais de mulheres, descreve esse apagamento como forma de deslegitimar a vivência afetivo-sexual distanciada da necessidade da presença masculina. Dessa forma, a autora destaca a opressão vivenciada pelas mulheres que, na impossibilidade de direcionarem seu desejo à outra, devem adequá-lo às normativas que apontam como único caminho a heterossexualidade (dinâmica que cunha o termo “heterossexualidade compulsória”). Assim, compreende-se que a vivência de Mae e George tem como pano de fundo os modelos socialmente estabelecidos de relacionamento e sexualidade, o que traz a necessidade de revê-los e questioná-los.

Durante o monólogo citado, Mae expressa seu desconforto e confusão enquanto traz, em tom debochado, questões sensíveis que envolvem sua própria identidade e expressão de gênero. Ao tema abordado por Mae durante sua apresentação de *stand-up comedy*, soma-se o fato de que, na plateia, George acompanhava a fala da namorada sem que ela soubesse de sua presença. Desse modo, as revelações feitas por Mae afetam sua parceira que, em discussão posterior, decide dar fim ao relacionamento das duas personagens.

Durante o relacionamento com George, Mae compreendeu que as fantasias e desejos sexuais da parceira envolviam a presença um homem cisgênero, o que corresponde ao formato de relacionamento mais valorizado socialmente, segundo o modelo de heterocisnormatividade. Essa é a razão pela qual a personagem principal parece iniciar um processo de busca do que seria este par ideal e passa a reproduzi-lo na vista de sua parceira. Os exercícios e as roupas de cores neutras, tamanhos grandes e nada “femininas”, assim como a utilização, por Mae, de um dildo na relação sexual parecem relacionar-se com a intenção de esconder seu desconforto de George. Assim, a personagem inicia um processo de reprodução do modelo de masculinidade vigente, na busca de suprir os desejos heteronormativos como vindos de sua companheira. Vale ressaltar o fato de que esses desejos são, por vezes, supostos por Mae que, devido à ausência de comunicação do casal, parte de falas e ações heterocentradas de George para assumir o que seria uma forma de agradar a companheira.

Ainda no momento da apresentação de Mae, a personagem confessa que está enfrentando uma dúvida quanto ao seu gênero e, naquele momento, não consegue identificar em qual das categorias identitárias reconhecidas atualmente poderia se encaixar. A menção ao termo transgênero e não-binário indica um desconforto com a sua identificação atual (mulher cisgênera) e a possibilidade de não se sentir pertencente às normas cisgêneras acerca do que é ser uma mulher, já que não se encaixa nessa categoria, em suas palavras, desde “sempre”. Essas nomenclaturas (“transgênero” e “não-binário”) são termos guarda-chuva que abarcam uma ampla gama de identidades e definições, mas que têm em comum o fato de se referirem àqueles sujeitos que de alguma forma não se identificam com os limites impostos pela binaridade e com suas normas engessadas.

O processo da afirmação de gênero, na medida em que possui caráter interpessoal e social de reconhecimento e atualização da identidade de gênero (Scheim *et al.*, 2020), permite ao sujeito fixar novamente sua identidade com base na sua autopercepção e entendimento sobre si, ainda que ela esteja além do limite imposto pelas normativas de gênero. A consequência desse processo é um sentimento de pertencimento e de segurança que auxilia o sujeito a estabelecer novos caminhos para si mesmo, inclusive a identificar suas necessidades corporais e simbólicas de transição e as possibilidades existentes de realizá-las. Nesse sentido, compreende-se que a personagem busca uma forma de nomear, ou melhor, categorizar o modo com o qual se identifica, o que poderia implicar na sensação de pertencimento e no alívio da culpa de não reproduzir o molde feminino esperado socialmente.

Seja qual for a nomenclatura que Mae busca para si, a situação de não conformidade social é claramente ansiogênica para a personagem e deixa sua saúde mental desestabilizada, tendo como consequência a recaída no uso de drogas. A saúde mental tanto das pessoas trans (Kessler, 2012; Tebbe; Moradi, 2016) quanto das pessoas não-binárias (Cheung *et al.*, 2020) apresenta-se em maior fragilidade quando comparada à das pessoas cisgêneras. Mae utiliza sua adicção à cocaína e medicamentos analgésicos como um meio de aliviar a ansiedade, solidão e confusão sentidas nesse momento. Porquanto, encontrar-se em uma classificação que lhe ofereça novas compreensões sobre si e sua afirmação da identidade de gênero é uma das ações que pode melhorar a saúde destes sujeitos, acarretando consequências diretas tanto no bem-estar quanto na diminuição de exposição a outros estressores (Kattari *et al.*, 2020).

Bento (2008) afirma que pertencer a uma identidade transgênero é identificar-se com as divergências das normas de gênero pautadas no dimorfismo e heterossexualidade

impostas social e historicamente. Compreende-se, portanto, o sentido apontado pela fala da personagem quando Mae se refere à possibilidade de ser transgênero ou de gênero não-binário, revelando que sua busca se refere à fuga em relação às normas de gênero, diretrizes que põem Mae em uma posição de ininteligibilidade. Mediante esse descompasso, surgem questões acerca de sua identidade e expressão de gênero: a uma pessoa designada ao nascimento como uma mulher não se permite o corte de cabelo curto, associado à masculinidade, assim como a utilização de roupas largas que não delineiam o corpo e não demonstram feminilidade.

A partir da ilustração oferecida pela série *Feel Good* é possível observar o que Butler (2018/1990) afirma sobre o sujeito ser a consequência da regulação do poder e, mais especificamente no caso de Mae, da binariedade de gênero e suas normas de existência. A personagem em questão não necessariamente está em busca de uma nova identidade de gênero para si, apesar de sua fala orientar-se por categorias identitárias possíveis, mas percebe-se que seu incômodo se inicia a partir da percepção de que sua existência, da maneira como se apresenta, não se encaixa nos padrões sociais vigentes. Assim, ao passo que Mae não se enxerga pertencendo ao que se entende por ser uma mulher, tampouco se encaixa no modelo de masculinidade e virilidade. Desse modo, sugere-se que sua necessidade é por uma busca de aceitação e conforto, independente de categorias criadas diante das normas de gênero, o que se associa à possibilidade de existência exterior aos limites estanques oferecidos por tais modelos.

Considerações Finais

Os objetivos das reflexões iniciadas por esse capítulo não apontam para um fechamento pautado na enunciação da definição do gênero da personagem Mae, mas sim na

análise de sua narrativa levando em conta o papel das normas de gênero e do enquadre, socialmente esperado, dos sujeitos nas disposições associadas a elas. Questionar esses padrões é essencial para o processo de desconstrução dos paradigmas e a história da personagem serviu como uma forma de viabilizar tal percurso teórico-crítico.

A história da personagem permitiu-nos entender que a fuga às normas sociais do binarismo não se refere ao gênero especificamente, mas sim às próprias normas que são tão inflexíveis a ponto de que qualquer desvio de seus limites incorre em questionamento dos indivíduos sobre sua própria existência e identidade. Estar em um relacionamento pautado nos moldes de funcionamento heterossexual incute na personagem uma busca por uma performance dita como masculina e aflora ainda mais sua dúvida.

Mas, afinal de contas, o que deve estar em questão: o sujeito ou a regra?

Referências

- APARICIO-GARCIA, M. E.; DIAZ-RAMIRO, E. M.; RUBIO-VALDEHITA, S.; LOPEZ-NUNEZ, M. I.; GARCIA-NIETO, I. Health and wellbeing of cisgender, transgender and non-binary young people. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 15, n. 10, p. 2133-2143, set, 2018. <https://doi.org/10.3390/ijerph15102133>
- ÁVILA, N. Á. **Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.
- BARBOSA, A. K. S.; SILVA, C. B.; SILVA, J. A.; GOMES, J. S.; SILVA, S. K. S. **Gênero fluido: a autopercepção da construção de identidade de gênero fluido nos padrões normativos**. 2019. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1346.pdf>. Acesso em: 30 Abr. 2021.

BEEK, T. F.; KREUKELS, B. P. C.; COHEN-KETTENIS, P. T.; STEENSMA, T. D. Partial treatment requests and underlying motives of for gender affirming interventions. **The Journal of Sexual Medicine**, v. 12, n. 11, nov, p. 2201–2205, 2015. <https://doi.org/10.1111/jsm.13033>.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. X ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BIRMAN, J. Sexualidade na contemporaneidade. **Cadernos de Psicanálise**, v. 40, n. 38, p. 137-159, jun, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Componente Curricular do Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação na modalidade EaD da UFBA/SEAD/UAB. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20oSexualidade%20na%20Atualidade.pdf>. Acesso em: 30/04/2021.

CHEUNG, A. S.; LEEMAQZ, S. Y.; WONG, J. W. P.; CHEW, D.; OOI, O.; CUNDILL, P.; SILBERSTEIN, N.; LOCKE, P.; ZWICKL, S.; GRAYSON, R.; JEFFREY, D.; ZAJAC, J. D. Non-Binary and Binary Gender Identity in Australian Trans and Gender Diverse Individuals. **Archives of Sexual Behavior**, v. 49, n. 7, out, p. 1-9, 2020. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01689-9>

COLEMAN, E. et al. Standards of care for the health of transsexual, transgender, and gender-nonconforming people, version 7. **International Journal of Transgenderism**, v. 13, ago, p. 165–232, 2012. <https://doi.org/10.1080/15532739.2011.700873>.

FEEL GOOD. Direção: Ally Pankiw. Roteiro: Mae Martin; Joe Hampson. Reino Unido: Channel 4 Television, 2020. Série.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, N. Transfobia e cotidiano escolar: impactos na relação docente/discente. **Revista de Educação Pública**, v. 2, n. 65/1, mai/ago, p. 469-486, 2018.

KATTARI, S. K.; BAKKO, M.; HECHT, H. K.; KATTARI, L. Correlations between healthcare provider interactions and mental health among transgender and nonbinary adults. **SSM-Population Health**, v. 10, 100525, nov, 2020.

KESSLER, R. C.; PETUKHOVA, M.; SAMPSON, N. A.; ZASLAVSKY, A. M.; WITTCHEM, H. U. Twelve-month and lifetime prevalence and lifetime morbid risk of anxiety and mood disorders in the United States. **International journal of methods in psychiatric research**, v. 21, n. 3, set, p. 169-184, 2012.

MARTINELLI, F.; QUEIROZ, T.; ARARUNA, M. L.; MOTA, B. Entre o cisplay e a passabilidade: transfobia e regulação dos corpos trans no mercado de trabalho. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, ago/dez, p. 348-364, 2018.

PINTO, T. P.; TEIXEIRA, F. D. B.; BARROS, C. R. D. S.; MARTINS, R. B.; SAGGESE, G. S. R.; BARROS, D. D. D.; VERAS, M. A. D. S. M. Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, jul, e00113316, 2017.

PUCKETT, J. A.; CLEARY, P.; ROSSMAN, K.; MUSTANSKI, B.; NEWCOMB, M. E. Barriers to gender-affirming care for transgender and gender nonconforming individuals. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 15, n. 1, mar, p. 48-59, 2018.

ROCON, P. C.; SODRÉ, F.; RODRIGUES, A.; BARROS, M. E. B. D.; WANDEKOKEN, K. D. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 23, ago, e180633, 2019.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980. <https://doi.org/10.1086/493756>

RUBIN, J. D.; ATWOOD, S.; OLSON, K. R. Studying Gender Diversity. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 24, n. 3, mar, p. 163-165, 2020.

SANTOS, M. A.; SOUZA, R. S.; LARA, L. A. S.; RISK, E. N.; OLIVEIRA, W. A.; ALEXANDRE, V.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. Transexualidade, ordem médica e política de saúde: Controle normativo do processo transexualizador no Brasil. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 1, abr, p. 3-19, 2019.

SCHEIM, A. I.; PEREZ-BRUMER, A. G.; BAUER, G. R. Gender-concordant identity documents and mental health among transgender adults in the USA: a cross-sectional study. **The Lancet Public Health**, v. 5, n. 4, abr, p. e196-e203, 2020.

TEBBE, E. A.; MORADI, B. Suicide risk in trans populations: An application of minority stress theory. **Journal of Counseling Psychology**, v. 63, n. 5, out, p. 520-533, 2016.

TWIST, J.; DE GRAAF, N. M. Gender diversity and non-binary presentations in young people attending the United Kingdom's National Gender Identity Development Service. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, v. 24, n. 2, abr, p. 277-290, 2019. <https://doi.org/10.1177/1359104518804311>.

VIANA, A. J. B.; SOUZA, E. S. S.; VALE, J. M. Os homens trans e a corporeidade: o complexo fenômeno da busca do sujeito social masculino. In: Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.

VINCENT, B. Breaking down barriers and binaries in trans healthcare: The validation of non-binary people. **International Journal of Transgenderism**, v. 20, n. 2-3, mar, p. 132-137, 2019. <https://doi.org/10.1080/15532739.2018.1534075>.

ZUCKER, K. J. Epidemiology of gender dysphoria and transgender identity. **Sexual Health**, v. 14, n. 5, out, p. 404-411, 2017. <https://doi.org/10.1071/SH17067>.

Capítulo 6

POSE: REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DAS CASAS DE ACOLHIMENTO E A UNIÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NO FINAL DA DÉCADA DE 80

Juliana Alves Messias da Silva
Paloma Gonçalves Nunes

Introdução

Neste capítulo trataremos mais uma reflexão sobre a série *Pose*, disponível no catálogo da plataforma de “streaming” Netflix. As discussões que são trazidas pela série vão desde a união dessa população marginalizada e esquecida pela sociedade – consideramos aqui a ideia de esquecimento como desassistência, posto que esta população acaba sendo deixada de lado por familiares e pelo próprio Estado. Percebe-se, em meio a este emaranhado de relações, os atravessamentos de rivalidades e violências dentro da própria comunidade como resultante dos processos de marginalização mencionados.

Neste capítulo discutimos pontos importantes que tocam a união dessas pessoas, ponderando como juntas elas podem se fortalecer e preencher os vazios deixados pela sociedade como um todo. Ou seja, o que se propõe é a noção de articulação coletiva como possibilidade de vivência e sobrevivência para resgatar seus afetos, suas paixões, suas relações e suas configurações familiares, para assim sobreviverem às problemáticas impostas às experiências de ser pessoa LGBTQIA+ negra e/ou latina durante a década de 1980, época em que a série se passa.

A partir dessa temática, teremos como base o primeiro episódio da primeira temporada, porém, dados os intuitos deste capítulo, consideramos a possibilidade de “perdermos” e “encontrarmos-nos” durante toda a temporada, visto que as “casas de acolhimento” são a base de todos os acontecimentos. As casas de acolhimento são formadas por pessoas em situação de vulnerabilidade, que moram nas ruas por falta de oportunidade e buscam as casas como uma oportunidade de conseguir condições de vidas minimamente melhores.

a vulnerabilidade social se configura como construção social, produto das transformações societárias, incorporando formas relativas aos condicionantes históricos. Tais transformações propulsionam mudanças no contexto da vida privada, salientando fragilidades e contradições (Righetto; Vitorino, 2019, p. 78).

É importante ressaltar que as pessoas LGBTI+, sendo um grupo que está em vulnerabilidade social, criam as casas de acolhimento sem apoio do Estado e órgãos públicos, dando auxílio para quem precisa, quando esse auxílio deveria partir de políticas públicas. (Silva, 2020, p. 93). As casas são montadas normalmente por uma mulher, que os outros integrantes chamam de mãe, elas que aceitam novos moradores e são responsáveis por fazer com que as regras sejam seguidas e dar o acolhimento necessário. Essas casas formam famílias, propõem encontros, lá acontecem discordâncias, mas também afetos e potências que se exprimem na representação de cada personagem durante a série.

Durante toda a nossa análise, as ideias de força e de padronização estarão presentes, já que a comunidade LGBTQIA+ não está dissociada da constituição capitalista de “ideal” tanto para corpos quanto para as relações sociais. É imprescindível entendermos que o que separa as pessoas em “castas” é a própria ideia de identidade única, de um

vislumbre eurocêntrico, cisgênero e heterossexual, a partir do qual as diferentes formas identitárias não são abarcadas e, são condenadas “à fogueira” (no caso do seriado: às ruas, à prostituição, ao tráfico e, conseqüentemente, à morte precoce).

É evidente a invisibilidade cotidiana das pessoas pertencentes à comunidade LGBT, entretanto, indivíduos enquadrados como lésbicas, travestis e transexuais são ainda mais vulneráveis do que os demais devido à visibilidade estereotipada (Gomes; Brum; Zanon; Moreira; Anversa, 2021).

Esse abandono, principalmente familiar, acontece por conta de um religiosismo exacerbado, que segundo Nunes e Garcia “muitos pais se revestem dos discursos de caráter religioso para validarem a discriminação às orientações sexuais e identidades de gênero e respaldarem o abandono afetivo de LGBT” (Nunes; Garcia, 2022)

Nesse contexto, a pauta racial se faz de extrema importância e, não por acaso, é a base constituinte das personagens que se apresentam no seriado: são atrizes e atores negras/negros e latinas/latinos, algumas transsexuais, trazendo a importância da representatividade. Posto isso, há problemáticas que se evidenciam e que são derivadas do racismo estrutural presente na sociedade. De modo interseccional, as personagens ainda sofrem violências decorrentes das suas orientações sexuais e identidades de gênero.

Os/As jovens negros/as LGBTQI+ ao se afirmarem socialmente, estão expostos ao enfretamento de padrões do cisheteropatriarcado, em que sua construção sociopolítica, afetos e expressões de vida, são firmemente marginalizadas, ficando a mercê de um aparato sistêmico que através de um mecanicismo vil, dita quem morre e quem vive (Reis; Cavalcanti; Rezende-Campos, 2022).

Tendo em vista essa base estrutural das relações de poder sobre os corpos e sobre as identidades das pessoas, resolvemos propor reflexões sobre como as injustiças, opressões e desigualdades não estão dissociadas da hierarquização e da naturalização da violência sobre os corpos, principalmente quando tratamos de corpos negros, latinos e transsexuais. Em diversos momentos do seriado pode-se observar que a violência sobre os corpos é totalmente permeada de nuances hierarquicamente postas de maneira que fazem com que as personagens não se sintam enquadradas no espaço que as acolheu, havendo discriminação e marginalização no espaço que pareceu se tornar seguro para a comunidade LGBTQIA+ durante o seu abandono pelo estado. Não podemos esquecer que as pautas raciais e identitárias a muito não conversam entre si, havendo uma parcela grande de discriminação entre as lutas e, conseqüentemente, afastando-se da representatividade de pessoas que não cumprem um determinado papel dentro da sociedade.

A partir dessas reflexões, tentaremos no decorrer do texto abarcar as ideias de interseccionalidade existentes nas lutas raciais e identitárias para, de alguma maneira, trazer maiores esclarecimentos sobre a necessidade de formação das casas de acolhimento e a forma como as estruturas presentes na série se comunicam. Além de trazer a importância da criação de casas de acolhimento para a comunidade LGBTQIA+, como maneira de sobrevivência, mas também como um meio de proporcionar dignidade e um espaço de aceitação para essa população.

Material Analisado

Tipo de Material	Seriado
Título Original	POSE
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama, Questões Sociais
Ano	2018 - 2021
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos, inglês
Duração	1h14min
Direção	Ryan Murphy, Brad Falchuk, Steven Canals

A série se passa no ano de 1987, em Nova Iorque, Estados Unidos da América, e tem como temática a vida da comunidade LGBTQIA+, principalmente negra e latina, durante esta época. POSE é um seriado de extrema importância para a discussão sobre as questões de gênero e, principalmente, questões de gênero associadas à questão racial, visto que as suas personagens são majoritariamente pessoas negras, latinas e da comunidade LGBTQIA+. A série revela relações, processos e dinâmicas de intimidades, dificuldades e necessidades de enfrentamento da comunidade LGBTQIA+ diante das problemáticas de serem quem eles/elas eram na sua intimidade, diante dos/as seus/suas e com os/as seus/as.

A narrativa nos mostra que mesmo quem está à margem da sociedade, por uma questão puramente preconceituosa, não foge das relações de força e padronização existentes na nossa sociedade e, por isso, a série se faz tão importante, pois ela retrata a realidade como ela é, com as problemáticas quanto aos corpos, quanto as questões identitárias, quanto a fetichização dos corpos negros, gays e transsexuais.

Além dessas problemáticas a série demonstra a forma como essa população se organizava nas periferias de Nova

lorque e, com isso, mostra um caráter afetivo, amoroso e de união para que sobrevivesse em meio ao caos social que ainda hoje vivemos. A vida nas ruas é perigosa, os sujeitos são inseridos em trabalhos em que correm riscos, então precisam de um lugar que seja seguro e onde se sintam acolhidos. Nesse sentido, as casas eram muito importantes para manter essas pessoas em segurança, além disso, serviam para (re)construir uma autoestima – que foi abalada durante suas vidas –, e resiliência perante os problemas enfrentados.

Essas relações podem ser vistas quando Blanca insiste para que Damon faça a inscrição na escola de dança, para ele a casa de acolhimento foi muito mais do que um lugar para morar, um ambiente seguro que o tirou das ruas, com a ajuda dessa mãe conseguiu apoio para tentar mais do que a sociedade o oferecia, teve a possibilidade de ter sonhos, sua autoestima foi fortalecida, o que não estava presente antes dessas relações de cuidado estabelecidas na casa. Também é possível ver as trocas existentes entre as personagens Blanca e Angel, quando conversam sobre os perigos que envolvem a prostituição e abordam a pouca expectativa de vida em relação a transsexuais que estão inseridas nesses trabalhos. Blanca oferece suporte para que Angel investisse em uma carreira como modelo, ocupando uma posição nunca vista por mulheres transexuais. Portanto, a relação trouxe uma nova perspectiva de futuro.

O local onde as pessoas se organizavam eram chamadas de “casas”, pois é de suas casas que gays, lésbicas, travestis e trans são expulsas no primeiro momento, perdendo o apoio da família e é nesse contexto que as personagens serão inseridas e reúnem forças. Essas “casas” têm papel fundamental na construção da narrativa sobre as personagens, bem como demonstrar que mesmo estando à mercê da violência, do abandono, da exclusão e de tantas outras coisas ruins, ainda existem locais de acolhimento, de

carinho, de amor, da criação de um espaço onde essas pessoas possam se humanizar, humanidade que lhes foi retirada de forma tão brutal e cruel.

Por mais acolhedoras que sejam essas “casas”, veremos que a competição entre elas existe de maneira corriqueira e, por conta disso, conflitos são gerados a todo instante.

Análise Crítica

A tese do “ponto de vista privilegiado” não pode ser vista como uma sugestão epistemológica excludente ou particularista, tampouco essencialista, e, sim, como uma possibilidade de se constituir como um “nós ampliado”, fragmentário e heterogêneo. (Conrado; Ribeiro, 2017)

O poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também "faz", produz, incita. Chamando a atenção para as minúcias, para os detalhes, para táticas ou técnicas aparentemente banais, ele nos faz observar que o poder produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos, “aumenta a utilidade econômica” e “diminui a força política” dos indivíduos (Machado, 1993, p. 16).

POSE aborda diferentes temáticas relacionadas à vivência da comunidade LGBTQIA+, como já explicitado anteriormente, bem como seus medos, suas dificuldades e, principalmente, a incessante busca por amparo. Por conta disso, serão explicitados certos momentos e personagens com vistas a retratar as intensas problemáticas da vida de uma pessoa LGBTQIA+, negra e/ou latina, no final da década de 80.

Damon, um jovem negro, esconde da sua família que é gay, por conta do medo e de possíveis violências que pode vir a sofrer por conta da sua sexualidade. Ele ama dançar e seu maior sonho é se profissionalizar e seguir carreira, porém o preconceito o persegue e seus pais não aceitam e nem

cogitam permitir a realização deste sonho. Durante o primeiro episódio, seu pai acaba descobrindo que Damon continua participando das aulas de dança, mesmo após a proibição, e questiona o jovem se ele não se “preocupa com a reputação da família”, pois o fato de um homem estar fazendo aulas de dança é algo revoltante. Ao mesmo tempo que o questiona quanto às aulas de dança, mostra uma revista pornográfica masculina encontrada nas coisas do garoto, e aí começa a atacá-lo com palavras homofóbicas, incluindo no contexto a infância de Damon. Após a violência verbal desferida sobre o jovem, o pai parte para a agressão física, sendo interrompido pela mãe de Damon que não se opõe à expulsão do filho de casa, alegando que se sentia traída, que a homossexualidade do filho era algo imperdoável, se culpabilizando por ter sido paciente e incentivar a criatividade dele, com isso, acentuando a característica homossexual “adquirida”. Durante a expulsão, fica evidente a forma como as relações são estabelecidas: a mãe, dona de casa, é culpada pela homossexualidade do filho, por não ter tido “pulso firme” na educação do garoto e, com isso, “afrouxado” o seu caráter. Outro viés presente é o religioso, marcado quando a mãe assinala que Deus não perdoa os gays e que ele seria castigado, contraindo o HIV, doença que era extremamente relacionada à homossexualidade naquela época.

Fazendo-se uma breve digressão e focando nestes acontecimentos, percebemos diversas questões que demandam ampliação da reflexão, as quais são pertinentes até os dias atuais, devendo-se pensar como o poder está inserido nas relações que vivenciamos na sociedade, não excluindo as nossas casas e violências sofridas dentro delas, visto que os pais se colocam num patamar de superioridade e moralidade, extravasando todos os seus preconceitos no próprio filho, culpando e violentando esse garoto, pelo simples fato dele ser gay. Essa cena tem uma forte

simbologia pois trata-se de pessoas que sofrem preconceitos no seu dia a dia por conta da sua raça e da sua classe social, mas que não são suficientemente acolhedoras com os afetos e necessidades do filho, dada a sua sexualidade. Desse modo, podemos resgatar a ideia de Paulo Freire na frase atribuída ao autor “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, (apud Biagolini, 2009, P. 154) ou seja, não há como dissociar a relação de poder só pelo fato de alguém ser oprimido de alguma maneira. Paulo Freire conversa com a camada popular sabendo que dentro das próprias relações ali existentes o poder se faz presente. A relação dos pais de Damon com o filho representa a premissa de que os poderes estão interligados, pois são pessoas negras, de uma camada popular menos abastada, que sobrevivem com um mínimo, porém são dissociadas quando se entra em uma esfera individual. A subjetividade das relações de poder faz com que forças que deveriam seguir a mesma direção se afastem e até colidam, de forma a fazer com que pais expulsem seu filho gay de casa, se pautando na relação com a moralidade religiosa e com a preocupação com “o que os outros vão pensar”. A partir dessas reflexões, entendemos que a relação de poder e uma sociedade preconceituosa estão diretamente ligadas e pautadas em violentar aqueles e aquelas que não participam de maneira integral de uma realidade imposta.

Dando continuidade às reflexões, podemos observar também que a base estrutural da nossa sociedade pressupõe o “ser homem” e o “ser mulher” desde o nascimento, de acordo com o sexo, de modo a admitir que todas as pessoas do gênero masculino sigam determinada regra, assim como as pessoas do gênero feminino. São esperados comportamentos diferentes de cada sujeito: enquanto mulheres devem ser frágeis, sensíveis e gentis; homens precisam ser fortes, corajosos e rudes. Os estereótipos de

gênero influenciam até mesmo como crianças são tratadas e mesmo que não entendam, são enquadradas a viver de tal maneira. Então, quando alguém foge desse padrão é visto como errado e deve ser corrigido e, infelizmente, sabemos muito bem como vem essa correção para a comunidade LGBTQIA+: violência, abandono, morte.

É por conta de situações como a de Damon que as “casas de acolhimento” presentes na série são tão importantes, pois, analisando a forma como o garoto foi expulso de casa, tráfico e prostituição seriam as suas opções “mais viáveis”. Porém, por conta do acolhimento na casa “Evangelista” e de todo o amor e carinho dados por Blanka, Damon consegue não ser mais um número nas condições de prostituição ou crime por conta do abandono familiar, longe disso, ele acaba por se encontrar quanto indivíduo, como parte constituinte de uma família, como integrante da sociedade e não mais aquele excluído, por mais que ainda marginalizado. Damon vai atrás dos seus sonhos de ser dançarino, encontra um amor e sofre por ele, vivendo uma vida como a de um adolescente comum, sofrendo muito ainda por conta da sua sexualidade e da sua cor de pele, porém passa a ser amado e agraciado com boas pessoas no seu entorno.

As “casas de acolhimento” e suas contribuições de salvação

Partindo mais para a questão das “casas de acolhimento”, a série nos traz a representação das casas como competidoras de um concurso de talentos e beleza, bailes que envolvem promoção e padronização dos corpos dessa população, então vamos especificar cada uma delas e trazer à tona a característica das suas “mães”, que são representadas por uma figura que “adota” todas e quaisquer pessoas que necessitem de acolhimento.

A primeira “casa” que traremos é a “Evangelista”, liderada por Blanka, uma mulher transsexual, que foi expulsa de casa, viveu nas ruas, passou fome, flertou com a prostituição e enxergou como propósito de vida o acolhimento de pessoas que estão passando pelos mesmos pesares que ela sem julgá-las, sem definir estereótipos, sem questionar de onde se vem ou para onde se vai, tudo isso após descobrir que contraiu HIV e, na época, entedia-se como uma sentença de morte. Temos a “casa Abundância”, liderada por Elektra Abundância, mulher transsexual, que tem como principal objetivo vencer os concursos de beleza que aparecem na série e são, na nossa visão, o carro chefe das discussões sobre a estética e sobre o abandono e a busca incessante de serem notadas. Há também a “casa Ferocity” (Ferocidade), liderada por duas “mães” Candy e Lulu, que também têm como principal objetivo os concursos de beleza.

A partir dessas apresentações, vamos retratar a relação de Blanka com suas “crianças”, e mostrar que a união, o carinho e o afeto podem salvar e dar alguma perspectiva de futuro para jovens da comunidade LGBTQIA+.

A mãe Blanka e a sua política de afetos

A casa evangelista, aparece como um espaço de encontros, um local onde pessoas que passam pelas mesmas situações, podem encontrar iguais e, com isso, serem reinseridos a um convívio em sociedade, pautado por vínculos, partindo do pressuposto de que todos merecem uma chance de crescer. Por mais amoroso e afetuoso que fosse o convívio, as regras, e aqui volta a questão do poder, eram rigorosas e não havia uma oportunidade de retomada, visto que a quebra de confiança era inaceitável.

É neste contexto que se dá o acolhimento de Damon, que foi incentivado por Blanka a concorrer a uma bolsa de estudos em uma escola de dança. Esse acontecimento

demonstra quão destroçada está uma pessoa que é escrachada e deixada na sarjeta por quem deveria protegê-la e incentivá-la, que é a sua família. Por conta disso, Damon não se considera capaz de conseguir a bolsa e quase desiste de participar do evento, porém após as conversas com Blanka decide por se inscrever. Esse momento específico nos traz a uma questão importantíssima do acolhimento que é o resgate das suas vontades, das suas perspectivas e do saber que tem pessoas ao seu redor que te apoiam e que você não é o lixo que te fizeram sentir. Por conta disso, é importante ressaltar a importância que o diálogo e o acolhimento que as casas proporcionam a esses e a essas jovens como demonstrada na série. O diálogo faz com que as personagens cresçam, amadureçam, se sintam amadas e percebam que há uma vida mesmo após o abandono. As diversas perspectivas positivas que o amor e a união que as casas proporcionam ficam evidentes na relação de Blanka com “seus filhos e suas filhas”, pois ela acredita incondicionalmente no potencial de cada um, propondo-se a enfrentar a sociedade que os segregava, dando força e potencializando as relações ali existentes, amenizando as dores com amor, carinho e afeto que tanto lhes foi negado e sempre lutando para conseguir melhores condições de vida, tentando fugir da marginalização, ou seja, fugir das opções de sobrevivência que são atribuídas às pessoas LGBTQIA+.

As regras impostas por Blanka são “simples” de serem cumpridas, porém são rigorosas e importantes para a constituição de um convívio saudável entre os moradores da “casa”. Essas regras são: valorizar o estudo, pois só assim melhores oportunidades surgirão; nada de consumo ou tráfico de drogas, aqui por motivos que beiram a obriedade, porém são soluções extremamente presentes na vida de quem é abandonado tanto para conseguir dinheiro, quanto para fugir da realidade que lhes foi imposta. Essas regras são exemplos da relação que se cria entre as pessoas da “casa”

e demonstram o poder da conversa, por mais que exista ali uma relação de poder, há também um diálogo, há a compaixão e, no nosso entendimento, essa relação produz diversas revoluções que vão se caracterizando durante todo o seriado.

Considerações Finais

Como pudemos observar na caracterização da série e dos personagens as “casas de acolhimento” são espaços que dão oportunidade para que pessoas em vulnerabilidade social encontrem um local para chamar de lar e, com isso, resgatarem sua humanidade, suas perspectivas de viver e, principalmente, retomarem suas vidas que foram destroçadas pelo preconceito e pela violência característica da época.

Essa série aborda diferentes temas relacionados à vivência da comunidade LGBTQIA+, principalmente a comunidade LGBTQIA+ negra, desde seus medos, suas dificuldades diárias e principalmente onde conseguem encontrar apoio e suporte em um mundo onde são descartadas e menosprezadas. Apenas a própria comunidade parece de fato entender essas problemáticas, esse abandono e negligência, sendo possível notar um certo ciclo: pessoas que são acolhidas e depois de uma certa estabilidade, decidem acolher outros necessitados em suas próprias casas. Essas pessoas mais velhas aparecem como figuras de inspiração e dão esperanças para os mais novos seguirem seus sonhos. As casas são espaços políticos de reinserção na sociedade, oferecendo acolhimento, amor, afeto, disciplinas, regras e o mais importante, uma oportunidade de encontrar referências.

O mais impressionante é que a série poderia ser gravada em 2021 sem problemas, visto que as mesmas discussões que são pautadas na série, que se passa em 1987, até hoje

acontecem e, de certo modo, de maneiras mais violenta, visto que a informação evoluiu, os contatos aumentaram e a interação entre pessoas está facilitada. Hoje não há como dizer que não existe informação, não existe representatividade e não existe debate sobre esses temas. Pessoas LGBTQIA+ sempre existiram, sempre existirão e cada vez menos se calam as violências sofridas, então a potência de representação que a série traz é incrível.

Referências

- BIAGOLINI, C. H. **Começando Bem** – Frases e Pensamentos para iniciar aula, reunião, encontro ou dinâmica de grupo, vol. IV - Pedagogia. São Paulo: Clube de Autores, 2013.
- CONRADO, M; RIBEIRO, A. A. M. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Rev. Estudos Feministas** [online]. 2017, vol.25, n.1, pp.73-97. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>.
- GOMES, M., BRUM, T. G., ZANON, B. P., MOREIRA, S. X., & ANVERSA, E. T. R. (2021). A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura / Violence to LGBT people: a narrative review of literature. **Brazilian Journal of Health Review**, 4(3), 13903–13924. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-327>
- NUNES, E. C.; GARCIA B. P. O abandono afetivo de LGBT na sociedade brasileira à luz dos direitos humanos. **Direito em Revista** [online]. 2022, vol.7, n.7, pp. 28-43. ISSN 2178-0390. Doi 10.5281/zenodo.7497005
- MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. Introdução. In: Foucault, M. **Microfísica do poder**. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- RIGHETTO, G. G.; VITORINO, E. V. **#TRANSliteracy: competência em informação voltada às pessoas trans***. São

Paulo: Pimenta Cultural, 2019, 263p. DOI: 10.31560/pimenta cultural/2019.690

REIS, A. P. C., CAVALCANTI, V. R. S., & REZENDE-CAMPOS, P. (2022). Juventudes negras LGBTQI+ no Brasil: Violências e (in)visibilidade estatística e social da letalidade e a urgência de abordagem interseccional. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, 8(1), 6–34.

SILVA, L. M. F. e. Assistencialismo, assistência social e os não assistidos em tempos de pandemia. In: OLIVEIRA, Antonio Deusivam de. (Org.). **População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19**. Campinas, SP: Saberes e Práticas, 2020. p. 85-96.

Capítulo 7

DISJOINTED: ROMANCE, AVENTURA E REBELDIA NA 3ª IDADE

Bianca Longhitano
Tamires Giorgetti Costa

Introdução

O processo de envelhecimento pode ser compreendido como fenômeno que ocorre desde o nascimento, na medida em que o corpo orgânico e o aparelho psíquico são modificados e novos papéis sociais são construídos. Martins (2012) menciona a diversidade de áreas do conhecimento que conceituam a velhice, concluindo que sua definição teórica é ampla e muitas vezes difícil. Para a autora o envelhecimento “constitui-se em um momento do processo biológico, porém não deixa de ser um fato social e cultural” (Martins, 2012, p. 20).

Para além das mudanças físicas apresentadas nos manuais de desenvolvimento humano, as autoras Papalia e Feldman (2013) sugerem que o envelhecimento pode ser descrito em seu aspecto social e funcional, idosos(as) que são considerados(as) mais ativos(as) e outros(as) que possuem maior dificuldade em suas atividades diárias. Neste sentido, as autoras apresentam o conceito de “idade funcional”: “a capacidade de uma pessoa interagir em um ambiente físico e social em comparação com outros da mesma idade cronológica” (p.574).

O senso comum muitas vezes associa o envelhecimento como sinônimo de improdutividade, incapacidade física, declínios e dependências. No entanto, dificuldades que

estariam associadas ao processo de envelhecer, também estariam relacionadas ao estilo de vida que a pessoa aderiu, como atividades diárias e rotineiras (Papalia; Feldman, 2013). É importante ressaltar que nem sempre realizar “boas escolhas” garantirão melhoras na saúde global do indivíduo e qualidade de vida, outros cenários deverão ser considerados, como localização geográfica, instrução educacional, acesso à previdência privada ou social, rede de apoio e outros marcadores como raça, gênero e classe.

O envelhecimento e a sexualidade podem ser compreendidos como biopsicossociais, resultados das experiências individuais e influenciados pelos padrões definidores de normalidade. Modelos de corpos jovens e viris reforçam o estigma da assexualidade da pessoa idosa e as práticas sexuais são reduzidas apenas a atividade reprodutiva e ao órgão genital. Para Alencar *et al.* (2014) “o preconceito do sexo na velhice é adotado por se acreditar que a fase de vivenciar a sexualidade está condicionada à idade dos mais jovens” (p. 3539).

Associar o sexo a corpos jovens e produtivos é reforçar a ideia de que a expressão da sexualidade na velhice não deveria existir. Muitas vezes, é caracterizada como “vergonhosa”, “exagerada”, “doentia”, além do desconforto causado em cuidadores ou pessoas próximas, como demonstrado em revisão da literatura em que os pesquisadores investigaram a percepção de enfermeiras sobre a sexualidade de idosos institucionalizados (Mahieu; Elssen; Gastmans, 2011). A visão da família também é marcada por estereótipos negativos e preconceitos, para Martins (2012) “a sexualidade do idoso sob a ótica da família não seria vista diferente do que carregada de valores preconceituosos e negativos que reforçam cada dia mais a assexualidade [...]” (p. 56).

O namoro, sexo ou envolvimento afetivo na terceira idade nem sempre é estimulado ou dotado de concepções

positivas. Com o aumento da expectativa de vida, é cada vez mais comum pessoas idosas manifestarem o interesse em um novo relacionamento, mesmo após a viuvez. Motsoeneng (2021) pesquisou a vivência de novos casamentos em viúvas idosas e diversas “barreiras” são enfrentadas para que o novo relacionamento aconteça.

De fato, a solidão é um período diretamente associado ao envelhecimento e muitas viúvas decidem não se casarem novamente por receio dos filhos e de não serem mais aceitas como parte da família. Além do aspecto social, o financeiro também é citado pelas participantes, a possibilidade de compartilhar a herança da família causa reprovação. O histórico de relacionamentos anteriores se torna um fator determinante para a decisão de “ficar sozinha”, viúvas que tiveram casamentos acompanhados por situações de violências ou que foram cuidadoras de seus companheiros em fases terminais preferem a solidão (Montsoeneng, 2021).

Os dados da pesquisa citada anteriormente vão ao encontro do conceito de repressão sexual. A repressão está atrelada a forma que o sexo e o prazer são ensinados e como mulheres estão direcionadas ao ambiente doméstico e privado. A “cobrança pessoal” caminha para evitação de situações que promovam o bem-estar emocional, relacionadas ao companheirismo, amizade, conquista, que estão além do ato sexual (Alencar et al., 2014).

O sexo nem sempre estará associado a penetração, mas sim ao contexto que envolve os relacionamentos, afetividade e ao prazer, que podem ser estimulados de diferentes maneiras. As dificuldades apresentadas no exercício da sexualidade dos(as) idosos(as) ultrapassam os fatores biológicos que direcionam para uma possível “disfunção sexual”; o que de fato dificulta o estabelecimento de relações afetivas e sexuais é a vivência de preconceitos, pressões estéticas e sociais, disfunções na

autoestima e autoimagem (Alencar et al., 2014; Martins, 2012; Queiroz et al., 2015).

Os conteúdos apresentados sustentam a análise de temas prementes para a psicologia do desenvolvimento: a sexualidade de pessoas idosas e a vivência de novos relacionamentos enquanto “idosos rebeldes apaixonados”. Poucos estudos interseccionam esses recortes, que possibilitam a desconstrução do “ser idoso” e a liberdade sexual, conjugal e romântica. Nesse sentido, o capítulo caminhará para descrição do material escolhido para análise – um romance entre rebeldes, a fim de viver a vida, de uma realidade pouco comum e nem ao menos imaginada fora dos cenários fictícios dos seriados.

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Disjointed</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Comédia
Ano	2017 - 2018
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos, inglês
Duração	Episódios de 30 minutos - análise episódios 6 - 10 da segunda temporada. Total: 2h30
Direção	Chuck Lorre

Os episódios escolhidos para análise foram do sexto ao décimo da segunda temporada da série, nos quais a protagonista Ruth, dona de uma loja de artigos canabinoides em Los Angeles encontra Walter, um senhor aposentado que vai a sua loja para experimentar maconha pela primeira vez. Walter diz ter vivido uma vida dentro das regras, sem nunca experimentar nada emocionante e que agora seria o momento de experimentar coisas novas e então Ruth se

disponibiliza para acompanhá-lo. Os dois se divertem muito juntos, e quando têm um encontro, acabam expulsos do restaurante por fumar um baseado no banheiro.

Com o passar dos episódios, percebe-se que ambos ficaram apaixonados um pelo outro. Quando Walter percebe essa situação, termina abruptamente a relação e para de frequentar a loja de Ruth. Ela fica desolada e sem muita demora vai até a casa de Walter e cobra maiores explicações, já que eles pareciam estar em uma relação sem problemas e Ruth estava apaixonada. A princípio, Walter esquiva de uma explicação, mas Ruth é assertiva e argumenta ter direito de saber o que aconteceu. Ele então diz que está com um câncer terminal, tendo apenas mais 6 meses de vida e que não quer fazê-la passar por esse processo com ele, já que pode ser muito doloroso. Ruth vai embora desolada. Ao voltar para a loja, Ruth tem uma conversa com Travis, seu filho, no qual fala ser necessário respeitar a opinião e posicionamento alheio, e também diz para o filho que não fala que o ama com frequência o bastante.

Quando compartilha a história com Maria, uma de suas clientes, ela aponta para Ruth que Walter tomou uma decisão pelos dois, e pergunta para ela o que ela gostaria de fazer, ao que Ruth prontamente responde que gostaria de aproveitar o tempo restante com o parceiro. Maria aponta que Ruth toma boas decisões e consegue ajudar muitas pessoas. Ruth escreve uma música expondo seus sentimentos e seus planejamentos: levar o parceiro para viajar em uma Kombi e aproveitar os pontos turísticos estadunidenses até quando for possível. Apresenta então a canção a Walter que aceita a proposta. A série é finalizada com os dois partindo em viagem.

Análise Crítica

Podemos enxergar em *Disjointed* três focos principais de análise: o uso de cannabis, a sexualidade e romance da protagonista e, a rebeldia na terceira idade. Tratando-se do uso medicinal de cannabis, é importante ressaltar que este é utilizado durante a maior parte da história humana, desde 2900 a.C., na China (Pantoja-Ruiz et al., 2022). Atualmente, a cannabis é considerada para o tratamento de diversas doenças, mas para efeito deste texto, considera-se o uso da droga para o tratamento de dor, em especial, dores relacionadas ao câncer. Raramente é a primeira droga prescrita para dor, já que é utilizado com mais frequência anti-inflamatórios e opioides, por exemplo (Pantoja-Ruiz et al., 2022), mas foi prescrita para Walter, que chega na loja de Ruth com atestado médico.

É importante ressaltar que as pesquisas apresentam resultados mistos e inconsistentes quanto à eficácia da planta, assim como lacunas grandes dentro do conhecimento científico. Pantoja-Ruiz et al. aponta que idosos apresentam um metabolismo de drogas mais lento e que a cannabis pode afetar o domínio psicomotor (estabilidade, predisposição a quedas) (Diniz et al., 2017), domínio cognitivo (memória e processamento emocional) e há também preocupações referentes ao sistema cardiovascular. Não podemos observar nenhum sinal desse tipo de problema na série analisada. Na verdade, os efeitos da cannabis são retratados na série de forma majoritariamente positiva, com poucos sintomas negativos como dificuldade de concentração, dificuldade de raciocínio lógico e “idiotice” - termo utilizado na série.

Independentemente da eficácia medicamentosa da planta, é fato que seu consumo triplicou entre pessoas com 50 anos ou mais no ano de 2020 nos Estados Unidos, mas a

interação entre os efeitos da planta e o envelhecimento não está bem compreendida (Diniz *et al.*, 2017).

Outro uso habitual da droga, para além do uso medicinal (que inclui o tratamento de disfunções sexuais) ou recreativo, é o uso enquanto afrodisíaco, sendo descrito enquanto aumentador da frequência de orgasmos, aumentador de prazer, intensificador da frequência sexual (o uso diário ou semanal se correlaciona à frequência sexual significativamente maior do que a de não usuários) e das experiências sexuais de modo geral, sendo particularmente eficaz para as mulheres, já que nos homens pode causar dificuldade de conseguir ou manter a ereção e dificuldade quanto a ejaculação devido ao relaxamento que a droga proporciona (Moser *et al.*, 2023).

Ao pensarmos neste aspecto do uso canábico, é estranho constatar que a série não trata da vida sexual da protagonista. Na verdade, a série trata muito pouco sobre o ato sexual em si, mesmo possuindo a classificação indicativa para maiores de 18 anos. Quando o faz, apenas na primeira temporada, trata-se de duas pessoas jovens. A sexualidade de Ruth, até o aparecimento de Walter, é mencionada poucas vezes e relacionada ao uso de brinquedos sexuais. Ruth e Walter raramente se beijam ou mesmo se tocam, sendo que o relacionamento entre os dois é caracterizado enquanto divertido: ambos riem muito e entram propositalmente em situações de rebeldia.

Uma das hipóteses do porquê existe essa falta de interação física é o que Queiroz *et al.* (2015) aponta enquanto pacto de silêncio: a assexualidade presumida entre idosos e o grande tabu que os envolve quando o assunto é sexualidade (Mahieu *et al.*, 2011; Alencar *et al.*, 2014). Considerando a questão social e cultural, há de se acrescentar também que para os idosos as palavras que mais surgem ao serem questionados sobre relações românticas são amor, respeito e carinho, indicando a

percepção da necessidade de vínculos afetivos e a responsabilização pelo outro (Queiroz *et al.*, 2015) - essa sim podendo ser observada na decisão de Ruth de se manter ao lado de Walter após descobrir sobre a doença. Apesar das palavras apresentadas pelos autores terem conceitos bastante amplos, podemos sim observar o respeito, o amor e, em menor quantidade, o carinho. Walter respeita Ruth enquanto guia para suas novas experiências, especialmente envolvendo cannabis, há afeto perceptível entre eles e se considerarmos que carinho envolve também questões não sensoriais, ele pode ser observado, por exemplo, na criação da música de Ruth para Walter.

Alencar *et al.* (2014) apresenta uma pesquisa na qual se observou a preferência de idosos por carícias e beijos ao invés do ato sexual penetrativo. Apesar de compreensível o porquê desta escolha, considerando a possibilidade de declínio sexual, a série não retrata grandes quantidades de carícias e beijos, sendo estas extremamente pontuais.

Queiroz *et al.* (2015) também aponta que compreensão, companheirismo e diálogo são meios para que idosos vivam a sexualidade de forma satisfatória. Os autores não especificam se esses aspectos têm de estar diretamente ligados ao ato sexual, mas considerando um aspecto amplo de sexualidade, podemos observar essas características muito claramente na relação de Ruth e Walter. O companheirismo é visível o tempo todo: Ruth se predispõe a mostrar para Walter experiências novas, e de fato o acompanha. Eles se comunicam muito bem, e podemos observar inclusive que ambos demonstram vulnerabilidade ao parceiro/a e recebem compreensão sempre que isso acontece. Estão abertos a adaptar-se um ao outro e a conversarem sempre, inclusive sobre tópicos delicados.

Cuidar de homens doentes parece ser significativo na vida de viúvas, que muitas vezes utilizam deste motivo para não se casar novamente (Motsoeneng, 2021). Não sabemos

a história prévia de relacionamentos de Ruth, sabemos apenas que Walter é viúvo. Ainda assim, ressalta-se que Ruth se coloca na posição de cuidadora desde o primeiro episódio da série, que aponta constantemente o uso da maconha enquanto cura e cuidado. Não é nada fora do comum vermos mulheres diversas retratadas dessa forma, especialmente considerando o papel que mulheres mais velhas tendem a ter nas mídias. A educação repressora durante a juventude influencia na vivência da sexualidade na velhice, já que o sexo pode ser entendido enquanto algo específico para procriação e é delegado a mulher o papel social de cuidadora (Alencar *et al.*, 2014). Não observamos o sexo enquanto procriação em nenhuma das falas de Ruth e o fato da sexualidade dela ser relacionada na série com o uso de brinquedos sexuais indica que ela não pensa dessa forma. O papel de cuidadora, por outro lado, está sempre presente.

Alencar *et al.* (2014) aponta que mulheres idosas podem não se sentirem mais femininas ou atraentes, afetando o declínio da função sexual. Este é outro aspecto não observado na série analisada: apesar de Ruth não demonstrar feminilidade sensualizada, nem ser apresentada enquanto um ser particularmente atraente ou sexual, é claro durante a série que Ruth apresenta uma boa autoestima, mesmo quando ela se cobra de não ser tão ativista quanto já foi (se observa em declínio). Esta autoestima aparece sempre que Ruth impõe limites, fala bem de si mesma e apresenta total capacidade de escolher por si.

Sobre a rebeldia presente em Ruth e Walter, não há referências bibliográficas que possam nos ajudar a analisar essa questão, o que nos indica que rebeldia e terceira idade não são assuntos que costumam ser tratados juntos. Porém, a série nos dá algumas dicas do porquê se comportam dessa forma. Ruth é apresentada enquanto um espírito rebelde desde o primeiro episódio, sendo uma grande ativista política no meio canábico e tendo lutado pela legalização da

planta durante grande parte de sua vida. Já Walter parece seguir o caminho contrário: passa a vida seguindo todas as regras à risca e ao ser confrontado com a efemeridade da vida ao receber seu diagnóstico, passa a fazer as coisas que gostaria de ter feito antes. Apesar da falta de bibliografia, há de se pensar e incentivar pesquisas que relacionem a rebeldia com a terceira idade.

Um ponto positivo da série é colocar uma mulher mais velha enquanto protagonista, algo observável em poucos conteúdos midiáticos. De modo geral, a série peca na retratação da sexualidade, e há de se pensar se a representação do uso canábico é fiel de fato. O relacionamento de Ruth e Walter é o típico “amor fofo de velhinhos”, fato a ser ressaltado pela personagem Maria nos episódios analisados. Dessa forma, ao mesmo tempo que a série quebra alguns tabus, como a questão da cannabis e da protagonista mais velha, ela peca em não se aprofundar em assuntos relevantes como o próprio uso canábico e a vida sexual da protagonista.

Considerações Finais

A terceira idade precisa ser incluída nas pesquisas para além dos processos saúde-doença. É preciso entender os aspectos sociais e sexuais que envolvem o desenvolvimento humano na velhice, para que identifiquemos suas particularidades e possamos intervir para o aumento de qualidade de vida dessa população. Não podemos continuar a vê-lo enquanto apenas portadores de doenças: são pessoas muitas vezes ativas e contribuintes para a sociedade para além do paradigma do trabalho.

Enquanto pessoas completas, idosos merecem e devem se ver e se reconhecer em produtos midiáticos. *Disjointed* apresenta alguma evolução em relação a isso quando coloca uma mulher idosa enquanto sua protagonista

(ativa, com atitude e autoestima), mas falha ao apresentá-la enquanto ser humano completo e, portanto, portador de uma sexualidade que envolve todos os aspectos que deve envolver: inclusive o sexual.

Observamos diversos aspectos da sexualidade de pessoas idosas em *Disjointed* apresentados na literatura, mas as referências bibliográficas não dão conta de englobar o aspecto da rebeldia que observamos na série e também na vida cotidiana. O uso da cannabis na série também parece se distanciar um tanto do que foi encontrado na literatura, talvez por falha da série, talvez por buracos na bibliografia que envolvem essa droga específica. Deixar de estudar uma substância porque existem muitos tabus envolta da mesma prejudica o conhecimento científico enquanto um todo.

Recomenda-se, portanto, que sejam feitas novas pesquisas sobre a velhice, sobre a maconha e novas produções midiáticas que englobe essa população em seus aspectos mais amplos.

Referências

- ALENCAR, D. L.; MARQUES, A. P. O.; LEAL, M. C. C.; VIEIRA, J. C. M. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, nº 8, pp. 3533-3542, 2014.
- DINIZ, A.; PILLON, S. C.; MONTEIRO, S.; PEREIRA, A.; GONÇALVES, J.; dos SANTOS, M. A. Uso de substâncias psicoativas em idosos: uma revisão integrativa. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 19, nº 2, pp. 23-41, 2017.
- MAHIEU, L.; ELSSSEN K. V.; GASTMANS, C. Nurses' perceptions of sexuality in institutionalized elderly: A literature review. **International Journal of Nursing Studies**, v. 48, pp. 1140 – 1154, 2011.

MOSER, A.; BALLARD, S. M.; JENSEN, J. *et al.* The influence of cannabis on sexual functioning and satisfaction. **J Cannabis Res**, v. 5, nº 2, 2023.

MOTSOENENG, M. Remarriage of elderly Widows: Widows' attitude and fear regarding new romantic relationships. **Technium Social Sciences Journal**, v. 26, pp. 864 – 872, 2021.

NETO-MARTINS, T. C. R. **Sexualidade e envelhecimento na percepção de pessoas idosas**. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

PANTOJA-RUIZ, C.; RESTREPO-JIMENEZ, P.; CASTAÑEDA-CARDONA, C.; FERREIRÓS, A.; ROSSELLI, D. Cannabis e dor: uma revisão de escopo. **Brazilian Journal of Anesthesiology**, v. 72, nº 1, pp. 142-151, 2022.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi. 12ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

QUEIROZ, M. A. C.; LOURENÇO, R. M. E.; COELHO, M. M. F.; MIRANDA, K. C. L.; BARBOSA, R. G. B.; BEZERRA, S. T. F. Representações sociais da sexualidade entre idosos. **Rev Bras Enferm**, v. 68, nº 4, pp. 662-667, 2015.

Capítulo 8

A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE POR UMA ADOLESCENTE LÉSBICA EM CONECTADAS: UMA PERSPECTIVA KLEINIANA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Amanda Brandane Minari

Bruna Bortolozzi Maia

Érika Arantes de Oliveira-Cardoso

Manoel Antônio dos Santos

Introdução

Este estudo aborda o tema da descoberta da sexualidade em adolescentes, com base em uma obra de ficção literária voltada para o público jovem adulto. Selecionamos o livro *Conectadas*, da escritora Clara Alves (2019). Ao dar voz às duas personagens principais (Raíssa e Ayla), o enredo ficcional traça um panorama do que é crescer e se entender como um indivíduo heterodissidente no marco de uma sociedade heteronormativa.

Para fundamentarmos a análise, partimos do referencial teórico da psicanálise kleiniana. Por meio da inter-relação entre aspectos da narrativa e conceitos psicanalíticos elaborados por Melanie Klein (1952/1991c, 1955/1991b, 1959/1991a), buscamos construir um painel reflexivo a respeito das dinâmicas psíquicas envolvidas no processo de entender-se como lésbica durante a adolescência. Para tanto, evocamos os conceitos de posição esquizoparanoide e posição depressiva, destacando os movimentos de cisão e integração do ego de Raíssa ao longo da narrativa ficcional. Além disso, recorreremos ao papel do

brincar em suas expressões contemporâneas, abarcando as novas formas proporcionadas pelas tecnologias digitais, abordadas no livro por meio do jogo on-line fictício *Feéricos*.

A escolha pela narrativa ficcional como objeto de análise se deve à atualidade do enredo de *Conectadas*, cujo olhar aguçado desloca-se do brincar tradicional para as múltiplas possibilidades instauradas pelas mídias digitais na contemporaneidade, o que se coaduna com o entendimento psicanalítico do potencial da brincadeira. Além disso, por meio da trajetória de Clara, a autora aborda o contexto de diversidade sexual na perspectiva da juventude contemporânea, usando do recurso da fabulação para abordar ficcionalmente um aspecto fundamental para a formação em Psicologia, na medida em que amplia os horizontes de compreensão acerca das múltiplas formas de existir e expressar a identidade afetivo-sexual.

Em termos formais, a recriação literária dos bate-papos virtuais entre Ayla e Raíssa (que, no jogo *Feéricos*, apresenta-se como Leo) também permite que nos aproximemos do nosso propósito de analisar a dinâmica envolvida nos processos de cisão e integração do ego, já que esse contexto traduz a vida dupla da adolescente nas ricas experimentações que ela se permite viver ao transitar entre a vida real e a vida simulada no espaço digital. Vale destacar que o adjetivo feérico, que dá nome ao jogo virtual, é sinônimo de ostensivo, deslumbrante, esplêndido, fantástico. Essa nomeação nos permite pensar no quanto a realidade virtual se apresenta como uma alternativa sedutora e atraente em comparação com o mundo cotidiano, banal e, por vezes, entediante que nos é dado vivenciar no dia a dia.

Ademais, consideramos relevante destacar que o livro escolhido desponta no mercado editorial brasileiro na categoria “adolescente”, o que sinaliza uma preocupação mercadológica de cativar esse público, fornecendo alternativas

para narrativizar experiências compartilhadas no campo da diversidade sexual, marcadas contemporaneamente pelo questionamento das normatizações que regulam as questões de gênero e sexualidade.

Para viabilizar a análise proposta, primeiramente explanaremos de forma sucinta alguns conceitos kleinianos, seguidos pelo resumo do enredo da obra analisada, de modo a contextualizarmos o conteúdo analítico que será detalhado posteriormente. Assim, na seção relativa à discussão, os conceitos psicanalíticos apresentados serão articulados com a obra, com foco nas vivências da personagem Raíssa performando seu avatar virtual Leo.

Fundamentação teórica

Os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres têm sido objeto de crescente interesse pelos estudos psicológicos no campo do gênero e sexualidade (SOUZA; SANTOS, 2023a). A valorização do modelo heteronormativo e sua imposição como única expressão legítima da experiência afetivo-sexual é destacada por Rich (1980) como fator de invisibilização dos relacionamentos entre mulheres. Tal dinâmica foi descrita sob o conceito de heterossexualidade compulsória por esta autora, considerada referência nos estudos lésbicos, na medida em que contribui para apagar as documentações de histórias vivenciadas pelos casais que não se alinham ao modelo heteronormativo. O enquadramento proporcionado pela heterossexualidade compulsória subestima a possibilidade de existência de relacionamentos que prescindem da presença masculina. A autora aponta que esse mecanismo coercitivo é resultante – e, ao mesmo tempo, fator mantenedor – do sistema heterossexista e homofóbico historicamente perpetuado pelo patriarcado, com suas

modalidades de gestão e controle das relações de gênero e sexualidade.

Em consequência, mulheres lésbicas e bissexuais tendem a ser duplamente vitimizadas, marginalizadas e relegadas às categorias liminares de abjeção e desvio (RICH, 1980), o que fomenta a patologização de formas diversas de exercer a sexualidade (SANTOS; GOMES, 2016). A invisibilidade com que essa dinâmica opera, ao atuar no imaginário coletivo a respeito de relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero, colabora para a emergência e manutenção de estereótipos preconceituosos que se reproduzem reiteradamente no dia a dia de casais heterodissidentes, fomentando um ambiente opressivo e estressante que coloca em risco sua saúde e competência relacional (LIRA; MORAIS, 2020; SOUZA; SOUZA-LIMA; RODRIGUES; SANTOS, 2022).

Com relação às dinâmicas que atuam nas vivências que desafiam e transgridem a heteronorma, Lira e Morais (2020) destacam a homofobia internalizada como fenômeno de interesse para análise dos perfis de ajustamento psicossocial em um estudo que envolveu uma amostra brasileira de 176 participantes autodeclarados gays e lésbicas. Para as autoras, a internalização dos estigmas discriminatórios e excludentes associados à homoconjugalidade estaria associada à percepção negativa, que pode afetar negativamente a autoestima de gays e lésbicas.

Ao atentarem para a necessidade de considerarmos as trajetórias singulares de desenvolvimento, Lira e Morais (2020) apontam a homofobia internalizada como fator de risco que atua sobre as vivências de pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB). Face a esse problema, as autoras explicitam a importância de levar em consideração essas questões para promover processos de resiliência da população homo e bissexual como um dos fatores de proteção reiteradamente referidos na literatura,

relacionando-os com a integração dos recursos individuais dos participantes frente à presença ou não de redes de apoio social consistentes na família ou nas comunidades em que estão inseridos.

Ao desafiarem as normas socialmente impostas para a gestão dos corpos femininos, os casais de mulheres tendem a ser vitimizados pela investida conservadora que, por meio de ataques sistemáticos disseminados em várias frentes, procura reiterar os estigmas enraizados no imaginário coletivo (SOUZA; SANTOS, 2023c). Tais movimentos, na medida em que tolhem a livre expressão da diversidade, limitam movimentos expansivos e criativos próprios do humano, recusando-se a reconhecer a amplitude do espectro de possibilidades das vivências afetivo-sexuais (RIBEIRO, 2016). Esse cenário opressivo também afeta o percurso individual de descoberta e reafirmação da própria sexualidade, tornando invisíveis ou ridicularizando, limitando e deslegitimizando formas de existir distanciadas da heterossexual (RICH, 1980). O modelo heteronormativo também atua sobre a produção de outras sexualidades, na medida em que se impõe como ponto de referência compulsório a partir do qual se pensa a expressão afetivo-sexual até mesmo em contextos não circunscritos por essa configuração hegemônica (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2010).

Qualquer forma de violação dos direitos inerentes às mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais é inaceitável, pois viver uma vida livre de violência e discriminação é um direito inalienável de todas as mulheres (SOUZA; SANTOS, 2023b). Porém, a literatura evidencia que, devido à conjugação de várias crenças, preconceitos e discriminações que essas mulheres enfrentam em seu cotidiano, a violência em casa e fora dela é uma possibilidade, a partir do momento em que elas se visibilizam socialmente, tornando-se alvo de hostilidades que ameaçam a continuidade de sua existência (SOUZA; SANTOS, 2023c).

Feitas essas considerações gerais, que nos ajudam a demarcar o universo relacional no qual se desenrola a história que movimenta o livro *Conectadas*, delinearemos o referencial teórico psicanalítico, que nos permitirá elucidar certas particularidades da dinâmica psíquica das personagens. Para tanto, acionamos as contribuições teóricas de Melanie Klein (1955/1991a, 1955/1991b), cuja obra foi decisiva na história do desenvolvimento técnico da psicanálise ao possibilitar a construção de um caminho que levou ao dispositivo que permite a análise de crianças. Recordemos que, até o advento da escola kleiniana em meados do século XX, as crianças não eram objeto de maior atenção da clínica psicanalítica, na medida em que o período considerado fecundo para a análise, na perspectiva freudiana, sucederia o final do período de latência.

Uma das fontes inspiradoras da construção teórica de Klein foi seu trabalho clínico pioneiro com crianças, incluindo a primeira infância. A teoria desenvolvida foi derivada de uma transgressão dos cânones vigentes nas primeiras décadas do desenvolvimento da psicanálise, período amplamente dominado pela produção de autores masculinos. Uma das contribuições mais profícuas e revolucionárias, derivadas das descobertas clínicas da autora, foi o uso clínico que ela imprimiu ao brincar. A brincadeira é considerada por Klein como o meio natural de expressão emocional das crianças, e sua utilização no *setting* clínico equivale ao uso da palavra pelos pacientes adultos (KLEIN, 1955/1991b). No início de seu trabalho de análise com seus pacientes infantis, as consultas eram realizadas nas casas das famílias das crianças atendidas. Apenas posteriormente, ao compreender as inibições que atuavam na brincadeira da criança, o ambiente terapêutico foi separado do doméstico, o que também possibilitou a compreensão mais profunda das dinâmicas transferenciais que atuam na relação terapêutica (KLEIN, 1955/1991b; QUAGLIATTO *et al.*, 2017).

Klein (1955/1991b) teorizou sobre a interação mediada pelos brinquedos como um enquadramento que facilita a expressão das relações de objeto que constituem o mundo interno da criança. Assim, a brincadeira é vista como uma repetição de experiências frequentemente relacionadas às fantasias infantis. Tais manifestações, vistas como derivações das fantasias inconscientes que se manifestam no consciente ao serem reencenadas no consultório, não devem ser desaprovadas ou criticadas, pois elas precisam encontrar o espaço necessário para se manifestarem livres de constrangimentos. É nesse contexto que uma complexa melodia de dinâmicas projetivas se constrói, fazendo emergir conteúdos propensos ao trabalho intrapsíquico “em que a escuta de angústias, desejos e fantasias inconscientes, comunicados via identificação projetiva, advindos do campo transferencial e sustentados pela função analítica, resulte em interpretações dos fenômenos relacionais” (QUAGLIATTO *et al.*, 2017, p. 60).

Investigando os processos que particularizam o funcionamento psíquico da criança, Klein situa o modo de organização dos psicodinamismos da personalidade em duas configurações básicas, que ela denomina de posições. Desse modo, temos a posição esquizoparanoide e a posição depressiva. Embora tenham sido teorizadas e apresentadas pela autora em diferentes momentos de sua elaboração conceitual, e como configurações dinâmicas de fantasias, ansiedades, defesas e relações de objeto observáveis em intervalos específicos de idade, tais posições não se esgotam durante um determinado momento do curso do desenvolvimento, sendo repetidas e renovadas indefinidamente durante todo o ciclo vital (SOUZA *et al.*, 2022).

O conceito de “posição”, nessa acepção, deve ser interpretado de forma mais ampla e não pode ser visto como sinônimo de “fase” ou “estágio” do desenvolvimento, na medida em que representa um recurso a que o indivíduo

pode recorrer em diferentes momentos da vida frente a inúmeras situações, ao ter de lidar com suas experiências de gratificação e frustração. Desse modo, a autora situa na infância as origens do modo de funcionamento psíquico observado no adulto (KLEIN, 1952/1991c, 1959/1991a).

Em sua teoria das posições, Klein (1952/1991c) aponta que a diferenciação entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva se situa no grau de integração psíquica do qual o sujeito é capaz de dotar os objetos com os quais se relaciona e, em última instância, no grau de integração de seu próprio ego. Nesse sentido, a experiência de suportar a ambivalência que recobre as relações de objeto, no qual coexistem elementos das experiências emocionais que frustram e gratificam o sujeito, indicaria a posição organizadora da personalidade predominante em cada situação vivenciada.

Assim, na posição esquizoparanoide os objetos são percebidos de forma cindida, não sendo ainda possível alcançar uma percepção integrada de seus aspectos, que são dissociados e agrupados como “bons” ou “maus”. Como exemplo desse funcionamento, Klein (1952/1991c) apresenta a relação estabelecida pelos bebês de três a quatro meses com o seio materno, introjetado como “seio bom” e “seio mau” na medida em que é percebido pela criança como provedor de experiências predominantemente gratificadoras ou frustradoras, respectivamente. Nessa situação em que predomina a clivagem entre bom e mau, o bebê ainda não dispõe de recursos para integrar essas diferentes experiências no mesmo objeto (“seio”), ainda que, vistas pelo olhar do adulto, as duas experiências emocionais sejam direcionadas ao mesmo objeto. Desse modo, devido à falta de coesão do próprio ego rudimentar, o bebê em larga medida utiliza de recursos que lhe permitem introjetar apenas aspectos bons ou maus do objeto, o que mantém ativa a cisão, na medida em que, no objeto cindido em dois, coexistem aspectos

frustradores e gratificadores sem que aqueles ameacem a existência destes (KLEIN, 1952/1991c, 1959/1991a). Graças a essa estratégia ordenadora, o bebê é capaz de preservar o bom objeto a salvo da ameaça de aniquilamento, que é produzida pela projeção da destrutividade e do sadismo que provêm do mundo interno do bebê.

É por meio da progressiva introjeção do objeto total que se torna possível, para o psiquismo incipiente da criança, suportar a coexistência de aspectos bons e maus no mesmo objeto. Esse processo se completa com a conquista da posição depressiva, na qual se torna possível a percepção integrada dos objetos com os quais o sujeito se relaciona. É nesse momento de organização libidinal que a integração acontece e, assim, os objetos deixam de ser introjetados como parciais e passam a existir psiquicamente enquanto objetos totais (KLEIN, 1952/1991c). Esse avanço pode ser observado clinicamente nas tentativas da criança de reparar os brinquedos anteriormente avariados por ela, na medida em que a raiva resultante da frustração deixa de ser a única experiência possível com um objeto que, anteriormente, a frustrou (KLEIN, 1955/1991b). Portanto, é na posição depressiva que surge o temor pelos danos causados no objeto pela ação dos impulsos destrutivos, o que desencadeia o surgimento do sentimento de preocupação com o destino do objeto, mobilizando vivências de culpa e a necessidade de reparação dos objetos anteriormente atacados (KLEIN, 1952/1991c; KLEIN, 1959/1991a).

Na vigência da posição esquizoparanoide, temos a predominância da ansiedade persecutória, que leva o indivíduo a se sentir perseguido, ameaçado e atacado. Ele busca defender a integridade ameaçada do ego livrando-o do desconforto gerado pelos ataques maciços, utilizando-se para tanto do leque estreito de defesas que possui, buscando assegurar sua autopreservação. O acúmulo de ansiedade paranoide no psiquismo reforça a necessidade de

manter o objeto amado separado do objeto perigoso, na tentativa de organizar minimamente o cenário caótico no qual o ego está mergulhado. A cisão ou clivagem é o mecanismo básico para efetuar essa manobra, originando a conduta própria da posição esquizoparanoide: cindir os aspectos “bons” e “maus”, se alinhar ao lado do objeto bom e se livrar do mau, projetando-o no objeto.

Nessa operação, o direcionamento de impulsos destrutivos para o objeto mau contribui para reforçar a confiança no objeto bom (SOUZA *et al.*, 2022). Esse mecanismo simples e maniqueísta atua na autopreservação da vida psíquica nascente do bebê. É por meio de uma cisão bem-sucedida, efetuada nos primórdios do desenvolvimento, que a integração será posteriormente fortalecida, mediante as experiências sucessivas de introjeção e reintrojeção dos aspectos bons e maus experimentados nas relações de objeto. Desse modo, uma cisão bem-sucedida no início é considerada precursora do estabelecimento do núcleo do ego integrado que se constituirá mais tarde (KLEIN, 1959/1991a).

Material Analisado

Tipo de material	Livro
Título	<i>Conectadas</i>
Gênero	Ficção juvenil
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, português
Quantidade de páginas	320
Autoria	Clara Alves

No livro *Conectadas*, objeto de análise deste estudo, Clara Alves (2019) apresenta a história de Raíssa e Ayla, adolescentes que se conhecem por meio do jogo on-line

Feéricos. Ao longo da trama, o foco narrativo é alternado entre as duas personagens. O fio condutor da história situa-se no processo gradual de aproximação entre elas, acompanhado da emergência da experiência afetiva, como elemento psíquico que dinamiza o enredo e conecta as personagens. O vínculo, inicialmente estabelecido com a mediação da tecnologia digital de comunicação, paulatinamente é posto à prova diante dos desafios impostos pelo princípio de realidade.

A história se inicia quando Raíssa tinha 14 anos e, exposta a experiências adversas produzidas pelo machismo de outros jogadores de *Feéricos*, que a descreditavam pelo fato de ser uma garota, decide apresentar-se com um *nickname* de gênero neutro no jogo. Seu nome virtual “*smbouthere*” (abreviação para a expressão inglesa “*somebody out there*”, “alguém lá fora”, em tradução livre), não indica gênero e, por meio desse alter ego, Raíssa conhece Ayla (“*aylastorm*” em *Feéricos*).

Na aproximação entre as personagens, que passam a se comunicar por meio de mensagens, ligações de áudio e, posteriormente, videochamadas, Raíssa se apresenta à Ayla como Leo, o nome de seu melhor amigo na vida real, que a auxilia a sustentar a fantasia criada no jogo. Nas situações em que Ayla liga para Raíssa e interage com ela através do recurso de videochamada, é o amigo que aparece na frente da câmera, repetindo as frases que Raíssa lhe transmite, o que dá subsídios para que Ayla acredite que, naqueles momentos, falava com um garoto e não com uma garota.

Tal cenário é mantido por boa parte da narrativa até que, por conta de um evento presencial relacionado ao jogo, Ayla decide encontrar Raíssa, que até aquele momento conhecia por “Leo”. A questão se complexifica durante o evento, quando Leo acompanha Raíssa e passa a interagir pessoalmente com Ayla para manter a ilusão criada pela amiga, a pedido dela. Raíssa se apresenta como irmã de Leo

e, em alguns momentos, interage com Ayla, o que lhe possibilita ressignificar a conexão construída nos meses de interação on-line.

Durante o desenrolar da narrativa, o sentimento que Raíssa nutre por Ayla é permeado por vivências de culpa, vergonha e medo de se revelar. Raíssa relata já ter sentido atração por outra garota anteriormente, porém, diante do receio de encarar aquele sentimento em estado nascente, acabou reprimindo-o, buscando acreditar que se tratava de uma situação isolada e passageira.

Ao encontrar Ayla pessoalmente, Raíssa sente-se ameaçada por seus sentimentos e cogita solicitar ao amigo que encerre o relacionamento com Ayla, o que a pouparia do constrangimento de se identificar como a pessoa com quem ela estava conversando virtualmente até então. Todavia, a força do afeto que havia se desenvolvido naquela altura dos acontecimentos a impede de romper o vínculo, apesar do conflito que enfrentava por manter a relação que havia construído com base em uma inverdade, ao se apresentar com seu avatar. Nesse momento em que a angústia havia atingido seu ápice, Raíssa está indecisa em relação a encarar os eventuais perigos que envolvem a perspectiva da autorevelação. Além disso, a dinâmica de ver Ayla, seu objeto de desejo, interagindo com Leo de forma interessada, gera ciúme e incômodo na protagonista.

Nesse contexto, Leo tem uma conversa decisiva com Raíssa, na qual se dispõe a continuar lhe dando apoio emocional, porém deixando claro que aquela fantasia não poderia ser mantida para sempre e que, tanto a amiga quanto Ayla mereciam uma chance de encarar a realidade para poderem viver aquele sentimento amparado por uma base de verdade. Leo opõe-se à possibilidade de manter a mentira e pressiona Raíssa para que a verdade seja revelada à Ayla.

Da perspectiva de Ayla, há uma vivência de frustração diante do contraste que ela percebe entre o “Leo” virtual

(que na realidade era o avatar de Raíssa) e o Leo da vida real, que não parecia estar tão conectado emocionalmente com ela quanto no ambiente virtual de *Feéricos*. As expectativas da garota, portanto, são arruinadas diante da realidade que se impõe de forma surpreendente, desafiando sua fantasia e suas expectativas. De fato, a reação inesperada de Leo funciona como um gatilho que sinaliza, para Raíssa, que a realidade não correspondia ao clima emocional que imperava no cenário *fake* criado por ela para colorir a relação virtual estabelecida com Ayla. Persistir com a adoção da identidade falsa de “Leo” mostrava-se uma tarefa insustentável.

Assim, durante o evento promovido pela equipe do *Feéricos*, Ayla tem a oportunidade de conhecer a verdadeira Raíssa e, mesmo sem saber do *imbróglio* de sua identidade virtual, acaba se sentindo conectada com ela, tanto que, no final de um dos dias do evento, ela a beija. Antes que Raíssa pudesse explicar à Ayla sobre a farsa mantida até então, ela tem sua identidade virtual inadvertidamente revelada pelo apresentador do evento, que a chama pelo nome do avatar “*smbouthere*” no momento em que anuncia que sua fantasia foi a vencedora do concurso de *cosplay*.

Nesse momento, Ayla descobre a farsa e confronta Raíssa, que expõe seus motivos para ter mentido. Após essa cena impactante, Raíssa e Ayla narram seus processos internos mobilizados pela situação. No caso de Raíssa, o episódio tem, entre outras consequências, uma conversa reveladora que ela decide manter com seus pais a respeito de sua sexualidade, na qual se declara como uma garota lésbica.

Seguindo o conselho de amigas de Ayla, Raíssa lhe envia um presente e uma carta com um pedido de desculpas, destacando a importância de sua relação com Ayla para que ela pudesse entender sua sexualidade e, sobretudo, o significado que o vínculo com ela tinha adquirido em sua vida. Posteriormente, as personagens conversam sobre o

ocorrido e Ayla revela sua dificuldade de se entender como uma garota bissexual. A partir desse acontecimento, ocorre a reconciliação do casal, que escolhe permanecer unido no final da trama.

Análise Crítica

As dificuldades que Raíssa encontra ao lidar com sua sexualidade surgem associadas à dinâmica social e familiar que envolve os processos de constituição da subjetividade na adolescência. Nesse sentido, os conflitos vividos pela personagem colocam em relevo a ausência de espaços seguros e confiáveis para que ela pudesse conversar sobre o assunto, a começar de sua casa:

Toda vez que eu tentava comentar com meus pais sobre ter visto dois homens de mãos dadas, ou duas meninas se beijando, eles desconversavam. [...] Então, com o tempo, aprendi que não devia perguntar sobre aquilo. Nunca. (ALVES, 2019, p. 28)

Além disso, Raíssa ressalta o tom ameaçador com o qual o tema da homossexualidade era abordado por sua família, nas raras vezes em que isso acontecia. Essa negatividade tolhia as possibilidades de que a garota expressasse abertamente suas questões, dúvidas e inquietações, reforçando a noção de que esses assuntos não eram apropriados ou bem-vindos pelos adultos, mesmo que tangenciassem de algum modo a sua identidade em formação. No diálogo a seguir, o tio de Raíssa compartilha com o pai da personagem um episódio no qual se deu a revelação da lesbianidade de uma prima distante:

*– Pra mim isso é falta de uma surra.
– Aí já acho exagero, Jorge. [...] Só é um pouco difícil aceitar. A gente quando tem filhos planeja todo um futuro, pensa nos netos que vão nos dar. [...] A Raíssa aqui pode ser o que ela*

quiser. Mas acho que desse mal a gente não sofre. Não é não, filha? (ALVES, 2019, p. 65)

As ressonâncias afetivas da exposição a comentários de teor moralista e condenatório deste tipo têm consequências deletérias para o psiquismo em processo de formação, qualquer que seja a trajetória de construção subjetiva do sujeito, uma vez que fortalecem preconceitos enraizados no sistema heteronormativo e patriarcal dominante. As palavras emblemáticas do tio e do pai, duas figuras de autoridade que encarnam o poder falocêntrico, reforçam, cada qual à sua maneira e no seu tom particular, o padrão normativo heterossexual, que eles transmitem à filha e sobrinha, apontando-lhe a direção “certa” para a qual ela deveria se encaminhar ao assumir sua posição subjetiva em relação à sexualização psíquica.

A enunciação do discurso lesbofóbico também tem a função de fortalecer o repúdio pelas expressões dissidentes da sexualidade, funcionando como ponto de fixação de um limite que não pode ser ultrapassado por aqueles que se percebem inclinados a confrontar a supremacia atribuída à heterossexualidade. É uma tática dissuasiva que visa não apenas a reforçar a norma, como desencorajar o desvio. Nesse processo de transmissão intergeracional dos valores dominantes de pais para filhos há também uma boa dose de hipocrisia, além de uma configuração das relações de poder que sustentam as iniquidades de gênero. De fato, os efeitos desse tipo de transmissão se fazem perceptíveis ao longo da trama, quando acompanhamos o desenrolar das inquietações de Raíssa, mantidas sob sigilo e totalmente à margem das trocas dialógicas. Raíssa se vê sobrecarregada e solitária com tantas questões que ela se vê obrigada a vivenciar em segredo e busca fugir da constatação de que pode estar se encaminhando na direção de uma orientação

sexual lésbica, guardando para si a experiência de ter se sentido atraída por outra garota na escola.

A única fonte de apoio que a protagonista encontra nesse momento desafiador de sua construção identitária é o melhor amigo e confidente Leo, que acolhe suas angústias e tenta tranquilizá-la:

Levou meses para que eu conseguisse dizer em voz alta que era lésbica. E mais anos para que o Leo conseguisse me fazer acreditar que isso era normal. (ALVES, 2019, p. 29)

“Acreditar que isso era normal” traduz o anseio humano de se enquadrar dentro da presumida normalidade, representada pela adesão aos valores heteronormativos, a fim de escapar das sanções que são aplicadas exemplarmente aos indivíduos que ousam divergir desses preceitos ao optarem por ser fieis a si mesmos, dizendo sim para o que realmente são, sentem e pensam. Nesse contexto de sofrimento, no qual Raíssa percebe as vias obstruídas para que possa confrontar sua própria verdade, podemos entender que Leo representa um objeto bom para a amiga, funcionando como fonte de experiências gratificadoras e um continente confiável no qual ela pode depositar suas necessidades de obter compreensão, aceitação e acolhimento diante de suas dúvidas torturantes.

Apesar de contar com um núcleo familiar estável, organizado e provedor de várias necessidades básicas, os pais parecem ter sido internalizados por Raíssa como objetos maus, que a frustram por não lhe concederem a liberdade necessária para manter um diálogo autêntico e transformador, livre de preconceitos, dogmas religiosos e ideias prontas sobre todas as coisas. Na teoria kleiniana, a relação parcial estabelecida com os objetos, significados como 100% “bons” ou 100% “maus”, como é próprio à posição esquizoparanoide, indica a falta de consistência e

coesão do próprio ego (KLEIN, 1952/1991c). Nesse momento da narrativa, Raíssa mostra-se fragilizada, tendo que administrar um ego cindido, condição representada simbolicamente pela adoção de uma nova identidade no jogo online *Feéricos*. A clivagem interna pode ser vista entre a garota que deseja corresponder aos anseios dos pais e da sociedade, de um lado, evitando com isso ser exposta à dor da rejeição, e de outro a garota que deseja conquistar um espaço no interior de seu eu, no qual possa desenvolver seu amor próprio e seu processo de autoaceitação.

O jogo *Feéricos* aparece como expressão das situações emocionais vividas por Raíssa na relação com seus objetos, o que faz com que a personagem pareça ter um funcionamento dissociado durante a brincadeira virtual, pelo fato de estar submetida a um modelo de funcionamento psíquico cindido, que a fragiliza por ter que camuflar quem ela de fato é. Por outro lado, o recurso ao brincar também revela uma faceta construtiva. O potencial analítico do brincar, postulado de forma magistral por Melanie Klein (1955/1991b), também pode ser identificado nesse cenário angustiante que a narrativa ficcional desenvolve. É por meio do jogo que Raíssa busca encontrar e estabelecer contato com os seus iguais. Afinal, é assim, protegida pelo anonimato, que ela conhece e se apaixona por Ayla, dando início à sua vida afetiva, ainda que pagando o preço de não poder afirmar seu nome/gênero próprio.

Sabemos que o regime do “armário” é um dispositivo frequentemente utilizado em diferentes contextos por pessoas que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+ (SEDGWICK, 2007). No cenário ficcional de *Conectadas*, manter-se dentro do armário pode ser visto como a defesa que Raíssa articulou para poder lidar com suas fantasias e ansiedades persecutórias. Como a posição esquizoparanoide não pode ser sustentada por um tempo prolongado, logo aparecem as fissuras do rígido sistema

defensivo, o que faz com que, em vez de ter propriedades protetivas, a dissociação e a dissimulação acabem incrementando ainda mais a ansiedade persecutória, forçando a protagonista a rever sua postura, levando-a a um reposicionamento.

Assim, sem poder contar com um ambiente permissivo que possibilite desenvolver seus recursos egoicos e utilizá-los de forma amadurecida, Raíssa não consegue tolerar e significar positivamente a experiência de se defrontar com seus afetos ambivalentes, na qual se sente intimidada e ameaçada diante da força de seu sentimento por Ayla. No ato de se ocultar por trás de um avatar, Raíssa encontra uma forma de controlar a imprevisibilidade que caracteriza seu estágio de desenvolvimento. Ela sente urgência em conter a angústia desencadeada, ao mesmo tempo em que deseja dar continuidade à exploração de sua sexualidade através de sua relação com Ayla, utilizando-se de forma vicária o ambiente virtual como uma espécie de escudo protetor. Para tanto, a protagonista se apropria momentaneamente da identidade do amigo, mas sem perder o senso crítico em nenhum momento, buscando responder assim aos desafios da descoberta do primeiro amor em um ambiente digital ostensivamente heteronormativo (lembramos que um dos significados do adjetivo “feérico” é, justamente, ostensivo, ou seja, aquilo que se mostra, que se dá a ver nitidamente).

Vislumbramos nessa escolha de Raíssa um movimento inicial no sentido de tentar se encaixar, artificialmente, no modelo heteronormativo, que preconiza a diferenciação sexual como marcador legitimador das relações afetivo-sexuais (AZEREDO, 2018). O dispositivo do armário, que permite o “se mostrar se escondendo” (SEDGWICK, 2007), é viabilizado pelas regras tácitas do próprio jogo e do ambiente digital. Por outro lado, o uso que Raíssa faz desses recursos também aponta para seus processos identificatórios, que permitem que ela introjete e se

identifique com o objeto bom (Leo), não por acaso conjugado no modo masculino; logo, ele também funciona como representante do poder masculino legitimado pelo sistema patriarcal. Esse processo se revela absolutamente necessário, como um amparo de que ela precisava lançar mão, provisoriamente, na tentativa de organizar seu ego cindido, para que pudesse se sentir menos insegura para prosseguir o trabalho de construção de si mesma.

Podemos supor que Raíssa vivencia um processo de identificação projetiva (ANDRADE, 2009) com Leo, a partir do qual projeta no amigo o sentimento afetuoso que nutre por Ayla, de modo a se defender da ameaça que esse sentimento representa, ao mesmo tempo em que consegue desfrutar vicariamente da proximidade com o objeto amado. Nesse movimento inconsciente, que implica aproximação e distanciamento simultaneamente, Raíssa se identifica com o amigo ao perceber que ele é continente dos conteúdos anteriormente valorizados e projetados por ela. Essa dinâmica intersubjetiva fica destacada na cena em que ela sente ciúmes ao ver Leo e Ayla interagindo, embora, conscientemente, soubesse que o amigo não estava interessado em conquistar a garota:

Toda vez que olhava de esguelha para os dois e via as cabeças juntas e as risadas secretas, meu estômago embrulhava. Claro, eu queria que tudo desse certo, que Ayla não desconfiasse de nada, que Leo não a magoasse, mas... Será que [...] ela estava achando que, pessoalmente, ele era ainda mais interessante?
(ALVES, 2019, p. 136)

No ambiente virtual de *Feéricos*, Raíssa adota o nome do amigo como identidade alternativa e, assumindo como sua, a voz dele (simbolicamente e também de forma prática, durante as chamadas de vídeo com Ayla), ela é capaz de atualizar o sentimento que nutre pela amada e que até esse momento ainda se apresentava como uma ideia insuportável

à sua consciência, devido aos entraves normativos introjetados pela personagem na lida com sua sexualidade heterodissidente.

Depois do primeiro encontro pessoal com Ayla, Raíssa passa a sinalizar, verbalmente, sua consciência de que ela e o amigo tinham identidades diferentes. Essas falas coincidem com a constatação de que Ayla era real, assim como o sentimento que Raíssa nutria por ela. Nesse estágio do relacionamento, ainda mediado pela presença de Leo, o processo de integração psíquica de Raíssa começa a ser demonstrado na narrativa, marcando sua gradual transição rumo à posição depressiva:

Era a Ayla de verdade. [...] Seus olhos puxados e castanho-claros cintilavam de nervosismo ao encarar o Leo. O Leo de verdade, não eu. (ALVES, 2019, p. 126)

Porém, nesse momento da narrativa, Raíssa ainda não verbaliza de forma direta os sentimentos que Ayla lhe desperta, o que ganha espaço mais adiante. No curso da estória, mesmo depois de ter sido beijada por Ayla, Raíssa hesita em contar a verdade para a garota. Apenas posteriormente, ao ser questionada por Ayla após a revelação inesperada de sua verdadeira identidade, Raíssa tenta justificar a farsa que arquitetara, apresentando disposição para encarar a verdade, o que traduz maior integração na sua maneira de externalizar seus sentimentos:

Eu menti porque não esperava que a gente fosse virar amiga, Ayla [...]. E eu continuei a mentir porque quando percebi eu já estava apaixonada por você! [...] Me desculpa se pra você é fácil aceitar isso, mas pra mim não é [...] até conhecer você, eu nunca precisei lidar com nada disso. E não foi fácil, tá bom? Não foi fácil! (ALVES, 2019, p. 252)

Ayla também abre seu coração ao reagir à confissão de Raíssa:

O problema, Ray, [...] é que eu também me apaixonei. Eu só não faço ideia de por quem. (ALVES, 2019, p. 252)

Esse é um dos momentos mais delicados da trama. Diante da resposta de Ayla, que não esconde estar decepcionada com a mentira que sustentou sua relação com Raíssa nos meses de interação online, Raíssa começa a apresentar modos de se relacionar com o objeto (Ayla) que podem ser associados à posição depressiva (KLEIN, 1952/1991c; 1959/1991a). Ao se dar conta do impacto negativo de seu comportamento, Raíssa busca reparar os danos causados por sua atitude, assumindo sua responsabilidade por perpetuar uma mentira, vendo na honestidade a única maneira de não perder o vínculo que construíra com Ayla. Essa disposição a leva a perceber a pessoa amada como fonte majoritariamente gratificadora, ainda que também fosse percebida como ameaçadora devido às dificuldades que ela tinha para se aceitar como uma mulher homossexual.

Então, na tentativa de restaurar o vínculo danificado com o objeto bom e não perder a relação especial e vivificante estabelecida com esse objeto gratificador, Raíssa envia uma carta para Ayla, contando com a ajuda das amigas da garota. Na mensagem, Raíssa expressa sua gratidão pelo tempo que pôde se relacionar com Ayla e ressalta o quanto esse vínculo foi agente catalisador para que ela pudesse vivenciar seu processo de autoaceitação:

Mas depois de tanto tempo reprimindo quem eu era, aquelas horas que passávamos jogando e conversando significavam tudo para mim. E eu morria de medo de que isso acabasse e eu tivesse que voltar ao meu mundinho de faz de conta. [...] O seu beijo me deu forças para te contar a verdade, para me assumir. No fim, você descobriu de outra forma e tudo acabou

desandando, mas isso não invalida o que você me trouxe de bom: percebi que eu precisava parar de mentir sobre toda a minha vida. (ALVES, 2019, p. 286)

O excerto supracitado demonstra, de forma simbólica e ao mesmo tempo didática, o processo de integração do ego de Raíssa e a presença de recursos restauradores para lidar com seus conflitos, graças à introjeção mais estável do objeto bom (ANDRADE, 2009; KLEIN, 1959/1991a). Na carta, Ayla aparece como objeto bom que auxilia Raíssa a mobilizar os recursos necessários para organizar seu ego cindido. É a partir desse processo que Raíssa encara seus receios e passa a lidar com os processos obstrutivos que constrangiam seu amadurecimento, ao impedi-la de vivenciar a plenitude de seus sentimentos por Ayla, em face das normativas sociais que sedimentam a internalização da repressão pelo sujeito (Rich, 1980). Esse desfecho nos parece congruente com o apontamento de Lira e Morais (2020) sobre a necessidade de considerarmos os efeitos da percepção do estigma internalizado por pessoas heterodissidentes, de modo a promover as condições favoráveis aos processos de resiliência.

Considerações Finais

Os conflitos apresentados pelas personagens de *Conectadas* nos possibilitou analisar o processo de autodescoberta da personagem Raíssa, em sua trajetória singular de desenvolvimento. Neste estudo, examinamos os processos internos envolvidos no percurso de construção da subjetividade de uma adolescente que se descobre lésbica dentro de um contexto familiar e sociocultural heteronormativo, amparando nossa análise no arcabouço teórico psicanalítico sustentado pelo pensamento kleiniano.

No itinerário de desenvolvimento da narrativa, vimos que, à medida em que pôde se entender como lésbica, Raíssa

enfrenta os conflitos internos decorrentes de seu pertencimento a um grupo social minoritário que, no seu contexto de vida, é alvo de ostracismo e discriminação. É no ambiente virtual das redes sociais e dos jogos digitais que ela encontra espaço para existir, tomando de empréstimo a identidade de seu melhor amigo Leo, única fonte de apoio que ela identifica como aliado para auxiliá-la a fazer frente às investidas conservadoras de seu entorno e às prescrições normativas com as quais ela se depara em suas relações familiares não suportivas. Nesse ambiente pouco favorável ao desenvolvimento emocional, devido às suas marcas homofóbicas e lesbofóbicas, com pais distanciados dos conflitos que permeiam a realidade do universo adolescente, Raíssa conhece Ayla, por quem se apaixona.

A narrativa se vale do formato ficcional para ilustrar, de forma sensível, o processo de Raíssa na lida com sua sexualidade, destacando a importância de se dispor de fontes de apoio durante a travessia do período turbulento, que pode (ou não) caracterizar a adolescência de uma menina que se descobre lésbica. Segundo a teoria kleiniana, a introjeção de objetos bons constitui uma das condições necessárias para a integração do ego, que até então necessita cindir-se por não suportar os conflitos advindos da coexistência de experiências de frustração e gratificação vivenciadas na relação com um mesmo objeto.

Portanto, mediante o processo de integração progressiva do ego de Raíssa, notamos a emergência de modos de se relacionar próprios da posição depressiva. Com o ego mais integrado, a protagonista pode lidar melhor com seus medos e ameaças vivenciadas anteriormente, o que possibilita que ela flexibilize sua postura defensiva própria da posição esquizoparanoide e busque reparar os danos perpetrados ao objeto interno. Isso fica patente no momento em que ela consegue desnudar suas defesas diante de Ayla, expressando seus sentimentos de gratidão e reconhecimento pela amada,

destacando a importância que a manutenção do vínculo entre as duas tinha assumido em sua vida.

Quando a verdade assume protagonismo, um novo tempo se inaugura no relacionamento de Raíssa e Ayla. Podemos pensar o mesmo em relação ao núcleo familiar das mulheres e dos homens que se identificam como lésbicas, gays e bissexuais. O diálogo familiar baseado na verdade é um componente fundamental para que filhas e filhos possam se lançar com mais segurança à aventura de se inventarem seus contornos identitários, fabricando sua inscrição simbólica no mundo. Essa é uma tarefa que se mostra audaciosa para todas e todos, mas que se revela particularmente desafiadora para adolescentes que, para se afirmarem suas identidades, precisam caminhar a contrapelo de alguns valores familiares e sociais conservadores, os quais ainda são considerados basilares por parte significativa da sociedade.

Referências

ALVES, C. **Conectadas**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2019.

ANDRADE, S. H. **Transferência e contratransferência**. Trabalho original apresentado na Sociedade de Psicanálise de Campo Grande, 2019. Disponível em: <http://www.cursosuad.com.br/tranferencia-e-contratransferencia>.

Acesso em: 21 set. 2023.

AZEREDO, R. F. D. **Maternidade lésbica no Brasil: Uma revisão de teses e dissertações nas Ciências Sociais, Humanas e da Saúde** (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/4463>. Acesso em: 15 set. 2023.

KLEIN, M. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**.

Tradução de Liana Pinto Chaves. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991a, p. 281-287. Original publicado em 1959.

KLEIN, M. A técnica psicanalítica através do brincar: Sua história e significado. In KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Tradução de Liana Pinto Chaves. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991b, p. 149-168. Original publicado em 1955.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Tradução de Liana Pinto Chaves. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991c, p. 149-168. Original publicado em 1952.

LIRA, A. N.; MORAIS, N. A. Psychosocial adjustment profiles of gay and lesbian individuals involved in marital relations: A cluster-based analysis. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 30, e3013, jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3013>

QUAGLIATTO, H. D. S. M.; FREITAS, E. A. R. D.; SOUSA, K. K. D.; CHAVES, L. D. S.; RODRIGUES, R. L.; QUAGLIATTO, T. M. O lugar do analista de crianças: Tecendo as tramas entre o espaço privado da clínica e o público. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 51, n. 4, p. 55-70, out. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X201700400004&script=sci_arttext. Acesso em: 10 set. 2023.

RIBEIRO, M. F. D. R. Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade: Um caleidoscópio de constituições familiares. **Jornal de Psicanálise**, v. 49, n. 91, p. 97-109, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v49n91/v49n91a10.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980. <https://doi.org/10.1086/493756>

SANTOS, C. V. M. D.; GOMES, I. C. *The L Word*: Discussões em torno da parentalidade lésbica. **Psicologia: Ciência e**

Profissão, v. 36, n. 1, p. 101-115, jan. 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000092014>

SEDGWICK, E. K. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, n. 1, p. 19-54, jan. 2007.

SOUZA, C.; SANTOS, M. A. Sutilezas do relacionamento afetivo entre mulheres em *Retrato de uma Jovem em Chamas*. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 1, e86227, jan. 2023a. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n286227>

SOUZA, C.; SANTOS, M. A. Terapia de conversão para jovens lésbicas e gays: Esquadrinhando os danos emocionais sob a lente da análise fílmica. **Revista da SPAGESP**, v. 24, n. 1, p. 128-143, jan. 2023b. <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/47/26>

SOUZA, C.; SANTOS, M. A. “Você deixa de ser uma pessoa com direitos a partir do momento em que fala que é homossexual”: Violência de gênero sofrida no cotidiano por mulheres lésbicas de camadas médias. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 189-201, mai 2023c. <https://dx.doi.org/10.5380/riep.v27i2.86951>

SOUZA, C.; SOUZA-LIMA, A. V. S.; RODRIGUES, E. C. G.; SANTOS, M. A. Apoios recebidos por mulheres lésbicas com câncer de mama e suas parceiras. In J. A. RIBEIRO-GONÇALVES; S. GARCÊS; I. LEAL (Orgs.), **Livro de Atas: 14º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde** (p. 67-74). Funchal, Portugal: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.sp-ps.pt/site/livros/153h>. Acesso em: 12 nov. 2023.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 729-749, dez. 2010. <https://doi.org/10.12957/epp.2010.8910>

Capítulo 9

SUK SUK: A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA LGBTQIAP+

Amanda de Pádua Cruz

Mayra Grava de Moraes

Tatiana de Cássia Ramos Netto

Introdução

As concepções sobre o envelhecimento e a idade adulta mais velha carregam conotações negativas desde a Grécia antiga, as quais foram introjetadas perpetuadas em nível social e cultural (Dardengo; Mafra, 2018; Ríos Hincapié, 2017; Velôso *et al*, 2017). A falta de um reconhecimento do envelhecer como um processo multidimensional e multifatorial, somado a grande quantidade de métodos para o retardamento do envelhecimento que existem atualmente contribui com para o desenvolvimento de uma consciência resistente a respeito da velhice e do envelhecer (Dionigi, 2015; Murakami *et al*, 2014; Velôso *et al*, 2017).

Podemos entender a velhice como uma faixa heterogênea, pois o processo de envelhecimento não é apenas biológico, mas também está associado com à disponibilidade de recursos sociais utilizados e vivenciados no percurso de vida de cada indivíduo (Froni; Santos, 2012; Murakami *et al*, 2014; Santos *et al*, 2019; Wosiack; Berlim; Santos, 2013).

Existem muitos estigmas e preconceitos que envolvem a temática da sexualidade na velhice. Compreende-se que há um declínio natural das funções com o envelhecimento, todavia podemos observar que desde que não haja a

ocorrência de problemas de saúde graves nada impede que o idoso mantenha uma atividade sexual nessa fase da vida (Aguiar; Leal; Marques, 2020). A sexualidade envolve muitos componentes, sendo alguns de ordem pessoal, como o genital e o emocional, e outros de natureza social e cultural. Todos esses elementos estão em constante interação, sendo moldados pelos padrões existentes em uma sociedade e sua cultura (Maia, 2011).

Já a expressão da sexualidade pode ser compreendida por: gestos de carinho, prazer, comunicação, amor entre dois indivíduos que conhecem o corpo um do outro, fantasias, desejo, afeto. E é neste ponto, que a sexualidade na velhice deve ser entendida como uma forma de trazer bem-estar físico e emocional ao idoso (Alencar *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2020; Scardoelli *et al.*, 2017). A expressão sexual do idoso é influenciada por uma série de fatores: psicológicas, biológicas/fisiológicas, econômicas e socioculturais devem ser considerados na promoção da educação sexual dos mais velhos, tendo como uma das estratégias, a educação em saúde (Alencar *et al.*, 2016).

Por sua vez, idosos LGBTQIAP+¹ vivenciam estigmas e preconceitos pela idade e por sua orientação sexual (Araújo; Carlos, 2018; Santos; Ludgleydson; Negreiros 2018; Santos *et al.*, 2020). A sexualidade é uma temática ainda negligenciada no processo de envelhecimento, ainda mais quando é atrelada a pessoas homoafetivas, fazendo com que as manifestações de preconceito em relação ao público LGBTQIAP+, tornem escassas as discussões englobando a velhice como uma fase vivenciada por esse público. Vem acarretando estigmas sociais da velhice LGBTQIAP+, afinal,

¹ Optou-se por utilizar a nomenclatura LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas, Pansexual/Polissexual e mais) por caráter ilustrativo de representatividade de inclusão entendendo que há uma multiplicidade de nomenclaturas.

estes idosos estão alcançando tal fase do desenvolvimento e construindo novos legados, mas vivem à margem da discriminação (Teixeira; Santos; Araújo, 2018).

Apesar de pouco abordado, já se encontram estudos acerca da velhice LGBTQIAP+. A gerontologia LGBT tem criado saberes e discursos sobre a multiplicidade de experiências de envelhecimento quanto a diversidade de desejos, práticas sexuais, identidades de gênero e identidades sexuais dos idosos. A discriminação, a vitimização e o estigma internalizado por idosos LGBTQIAP+ são fatores significativos para problemas de saúde mental que possam vir a surgir. Por isso a importância desse conjunto de análises de velhices e envelhecimentos auxiliam em projetos políticos, teóricos e analíticos, assim como enfoques empíricos variados (Araújo; Carlos, 2018; Henning, 2020).

A sexualidade do idoso ainda é um assunto deixado em segundo plano por pesquisadores, sendo que a maioria dos estudos acerca desta temática são direcionados aos aspectos fisiológicos negativos da sexualidade na velhice (Aguar; Leal; Marques, 2020), e prevalecem em torno da heterossexualidade (Araújo; Carlos, 2018). Para Bortolozzi e Netto (2020) que faz uma análise de materiais disponíveis no Brasil sobre a saúde sexual dos idosos, a comunidade LGBTQIAP+ é invisibilizada também nos documentos disponíveis pelo governo. Contar apenas com representações de um público heterossexual nos documentos é estigmatizar outras formas de vivenciar a sexualidade restringindo as diversas formas possíveis. Por isso se faz necessários esforços para garantir o direito ao exercício da sexualidade no envelhecimento, atendendo as necessidades das pessoas mais velhas, identificando lacunas e potencialidades (Bortolozzi; Netto, 2020) e isso inclui todas as possíveis formas de vivências da sexualidade no envelhecer.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Suk Suk</i>
Nome Traduzido	<i>Suk Suk: um amor em segredo</i>
Gênero	Drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Hong Kong; Chinês
Duração	1h32min
Direção	Ray Yeung

Em *Suk Suk: um amor em segredo* acompanhamos a história de Park e Hoi, os protagonistas são ambos homens, na velhice, vivendo com suas respectivas famílias que são fruto de casamentos heterossexuais. Park possui uma família grande, trabalha como taxista, e demonstra certa dificuldade e resistência a aposentar, já Hoi é pai solteiro e aposentado, eles se conhecem em um parque na cidade de Hong Kong.

O foco do filme é a vivência dessa história de amor, que ainda precisa se camuflar e não pode ser vivenciado com plenitude por ambos. Além disso, acompanhamos paralelamente a história de outros personagens, idosos e gays, que nos possibilita pensar um envelhecer LGBTQIAP+ mais plural, tendo diferentes pontos de representatividade. Como é o caso de Dior e Chui que já não moram mais com suas famílias e terão que ir para instituição de longa permanência.

Suk Suk apresenta de maneira sensível temáticas que ainda são tabus na sociedade, como a sexualidade na velhice e o envelhecer LGBTQIAP+. Além disso trás as dificuldades e dores daqueles que possuem essa dupla identidade, evidenciando uma dupla estigmatização e a não inclusão dessa população na sociedade.

Análise Crítica

Como eixo norteador escolheu-se discutir os efeitos da dupla estigmatização e os impactos que a mesma tem na exclusão de pessoas idosas LGBTQIAP+. A sexualidade está no campo social e cultural das sociedades, sendo modelada em grande medida pelos padrões existentes na cultura de uma sociedade, essa cultura por sua vez está inserida em um determinado período histórico. Os padrões sociais e culturais por sua vez são aprendidos durante a socialização do indivíduo (Maia, 2011). Tendo em vista a importância da contextualização social e cultural, é preciso analisar os padrões existentes da sociedade de Hong Kong para entender o filme como um todo.

Desde a reforma legislativa de 1991, o governo de Hong Kong assumiu um papel passivo na proteção legal de pessoas LGBTQIAP+. Resultando em um progresso fragmentado que não tratou da discriminação diária vivida por esse público em Hong Kong (Chia; Barrow, 2016). Como decorrência dessa passividade do governo vemos no filme pessoas já idosas ainda sofrendo com a estigmatização de ser uma pessoa LGBTQIA+ somadas às questões do envelhecimento.

Um grupo para gays idosos realizado em um centro comunitário, frequentado por Hoi, participa de uma sessão pública lutando em prol da construção de uma residência de longa permanência para homens gays como uma forma de finalmente poder vivenciar a própria sexualidade sem preconceito. Dior, um dos membros do grupo fala durante a sessão pública, e relata que por muito tempo pessoas LGBTQIAP+ tiveram que se esconder por diversos motivos, como: carreira, família, pais, e por isso viveram suas vidas como pessoas heterossexuais.

Entretanto, mesmo tendo cumprido todas as supostas “obrigações” da vida, ainda não podem ser quem realmente

são, não tendo um espaço de moradia inclusivo para pessoas LGBTQIAP+. É importante ressaltar o papel das instituições sociais na legitimação e perpetuação dessas normas de gênero, ao pressupor a heterossexualidade como a única forma de comportamento e identidade (Antunes et al, 2021; Silva; Barbosa, 2016).

Durante os encontros do grupo, um dos idosos comenta que jamais iria para um “asilo”, a menos que a família o obrigasse. Entretanto, o mediador do grupo lembra que alguns dos idosos do grupo haviam se assumido há muitos anos, e foram rejeitados por suas famílias e vivem por conta própria há muito tempo, como é o caso do próprio Dior e de Chuí. Envelhecer é visto cada vez menos como algo inevitável e natural da vida e passa a ser compreendido como responsabilidade do sujeito e com isso recai sobre ele todos os problemas que possam advir desse envelhecimento (Moreira; Nogueira, 2008; Silva, 2019).

A falta de inclusão fica cravada na memória com uma das cenas mais visualmente poéticas do filme, quando Hoi leva Chuí até seu apartamento. Ao entrarem no apartamento Hoi se propõe a fazer compras e cozinhar para Chui, ele que por sua vez nega a proposta. Hoi então resolve abrir a janela dizendo que o apartamento está com cheiro de mofo, Chui adormece no sofá. Hoi senta ao lado de Chui e fica observando os detalhes do apartamento que é aparentemente velho e com problemas estruturais. Um dos detalhes deste apartamento que nos é apresentado em um dos quadros desta cena, é uma bandeira LGBTQIAP+ que agora se movimenta com a brisa que entra pela janela. De maneira quase que simbólica podemos entender como a dupla estigmatização afeta o suporte social de pessoas idosas LGBTQIAP+, se pensarmos a bandeira simbolizando as pessoas excluídas, e o vento como a inclusão, Hoi vai até o apartamento dar suporte ao amigo, abre a janela, a bandeira pode voltar a resplandecer.

Figura 1. Cena minuto 52:41.



Fonte: SUK SUK, 2019.

Além das questões de moradia observamos também a dupla estigmatização e exclusão dessa população nos espaços públicos, tendo em vista que o único espaço frequentado pelas personagens, no qual podem vivenciar sua sexualidade, é a sauna. A exclusão no espaço urbano das populações LGBTQIAP+, e as demais intersecções que compõem as comunidades, ocorre como decorrência dessa população ter sido e ainda ser alvo de discriminação e violência em diferentes recortes no processo de viver a/na cidade (Alves; Duarte, 2021).

A sauna é um local comum de encontro entre Hoi e Park, neste local podem vivenciar tanto um relacionamento sexual quanto amoroso, e para outros idosos LGBTQIAP+ também. Além disso, é um local de lazer e socialização para essas pessoas, com exceção do grupo de idosos gays frequentando por Hoi no centro comunitário, esse parece ser o único local no qual esses idosos podem socializar sem esconder sua identidade. Em uma das cenas, aqueles que frequentam a sauna, se juntam em uma mesa para comer, os

assuntos da mesa são dos mais diversos, desde uma fofoca sobre um rapaz que entrou na sala escura da sauna com um monte de outros homens, até uma receita de chá para ajudar no tratamento de Gota.

Figura 2. Jantar na Sauna.



Fonte: Suk Suk, 2019.

Identificamos que as relações sociais nas quais podem expressar sua orientação sexual são restritas, e essa restrição também ocorre nas relações familiares. Tanto Park, quanto Hoi nunca falaram sobre sua orientação sexual para a família, apesar de o filme dar a entender que a esposa de Park e o filho de Hoi sabem. No caso de Park, a esposa é a pessoa mais próxima dele, e é evidente que possuem divergências e uma relação desgastada, além disso é possível observar que a esposa tem ideias conservadoras, essas ideias ficam claras quando ela fala do novo genro. O mesmo acontece com o filho de Hoi, é perceptível as divergências e a relação desgastada, e é quase que como se o filho o visse como um peso, tendo em vista que todos os diálogos entre eles são ríspidos, por vezes sugerindo um conflito intergeracional.

Ao contrário de outros idosos LGBTQIAP+, Hoi e Park ainda tem a família como um suporte, entretanto fica claro que ambos não sentem abertura com as famílias sobre a

questão da sexualidade. É importante salientar que se carece de avaliações acerca dos aspectos positivos que contribuem para que haja um envelhecimento saudável. Por outro lado, podemos citar alguns fatores de proteção que corroboram para tal, tais como: participação em atividades de lazer, manutenção de relações sociais, suporte social e o apoio familiar (Fontes, 2015; Foroni; Santos, 2012; Nascimento; Calsa, 2016; Silva Júnior et al 2019).

Considerações Finais

O longa-metragem traz a narrativa de pessoas idosas, fora da heteronormatividade, buscando formas de conviver com o estigma sexual e preconceito. O filme toca em assuntos extremamente importantes e relevantes de discussão nos dias atuais, apesar de tratar sobre alguns tipos de exclusão, o filme não traz de forma aprofundada questões de exclusão formal-legal, socioeconômica, política, civil, tendo um maior foco na exclusão social que essas pessoas sofrem.

Há várias questões psicossociais envolvidas enquanto causas que levam pessoas mais velhas a residirem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). É fato que em sua maioria essas instituições apresentam modelos disciplinares com regras rígidas, anulam o direito de expressar a subjetividade e os diversos desejos vivenciados por esse público. Por vezes, neste ambiente, são privados de vida social, afetiva e sexual. As instituições de longa permanência existentes preconizam por alas femininas e masculinas e a expressão da sexualidade ainda que de forma heteronormativa é invisibilizada e os idosos vistos como assexuados. Para além dessa discussão, o filme nos leva a refletir sobre o direito de garantia de existência da sexualidade do idoso bem como na segurança de seus direitos ao residir numa ILPI que incluía toda a diversidade

envolta na sexualidade do idoso, sem resistências, preconceitos e tabus.

Deste modo, compreende-se que ao abordar com mais ênfase essa temática como o filme fez, pode-se contribuir para o debate social e político, usando cada vez mais personagens para a expressão desses grupos minoritários fortalecendo assim movimentos pelos direitos LGBTQIAP+ com foco na anulação de discursos carregados de padrões sócio-normativos, para a produção de representações mais fluídas.

Muitas são as narrativas de amor que giram em torno de pessoas jovens, cisgênero, heterossexuais, brancas e ocidentais, diferentemente Suk Suk traz uma representatividade quase nunca explorada pela mídia. Como sugestão a comunidade acadêmica as autoras acreditam ser de extrema importância um maior número de pesquisa sobre a assistência à saúde de pessoas idosas LGBTQIAP+ residentes em ILPIs, pois pode contribuir para reestruturação desse tipo de serviço, subsidiar a criação de políticas públicas e estratégias de formação dos profissionais de saúde, auxiliando na inclusão social dessa população.

Referências

AGUIAR, R. B. LEAL, M. C. C. MARQUES, A. P.O. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(6):2051-2062, 2020.

ALENCAR, D. L. MARQUES, A. P. O. LEAL, M. C. C. VIEIRA, J. C. VIEIRA, M. Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2016; 19(5):861-869.

ALVES, P. M. DUARTE, T.S. **As múltiplas estratégias territoriais da comunidade lgbtqi+: o medo e o re-existir no espaço urbano do município de pelotas/rs**. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021.

Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78879>>. Acesso em: 21 junho 2023.

ANTUNES, C.V. VERSIANI, F, SANTOS, C. M, CARVALHO, N. A. “Eu tento não me esconder, nunca”: estratégias utilizadas pelos profissionais gays e lésbicas para minimizar os estigmas sexuais nos espaços de trabalho. **Sex, Salud Soc.** Rio de Janeiro. (37):e21205. 2021.

ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 8, n. 1, p. 188-205, 2018.

CHIA, J. L.; BARROW, A. Inching towards equality: LGBT rights and the limitations of law in Hong Kong. **Wm. & Mary J. Women & L.**, v. 22, p. 303, 2015.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018

DIONIGI, R. A. Stereotypes of Aging: Their Effects on the Health of Older Adults. Hindawi Publishing Corporation. **Journal of Geriatrics Volume**. Article ID 954027. 2015.

FONTES, A. P.; FATTORI, A.; D’ELBOUX, M. J. GUARIENTO, M E. Resiliência psicológica: fator de proteção para idosos no contexto ambulatorial. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de janeiro, v. 18, n. 1, p. 7-17, Mar. 2015.

FORONI, P. M.; SANTOS, P. L. Fatores de risco e proteção associados ao declínio cognitivo no envelhecimento: revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Promoção à Saúde**, Fortaleza, v. 25, n. 3, p. 364-373. 2012.

HENNING, C. E. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 35, p. 133–158, maio 2020.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e Sexualidade**: na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

MURAKAMI, E.; ARANHA, V. C.; FRANÇA, C. C.; BENUTE, G. R. G.; LUCIA, M. M. C. S.; FILHO JACOB, W. Ser nonagenário:

a percepção do envelhecimento e suas implicações. **Psicologia Hospitalar**, 12 (2), p. 65-82. 2014.

NASCIMENTO, M. C.; CALSA, G. C. **Resiliência e idosos: Revisão da produção acadêmica brasileira, 2000-2015**. Revista Kairós Gerontologia, 19(1), pp. 255-272. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. 2016.

NETTO, T. de C. R. **Saúde sexual e envelhecimento: revisão da literatura e apontamentos sobre a prevenção**. 2020. 230 folhas. (Tese de doutorado). Programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e aprendizagem. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2020.

RÍOS HINCAPIÉ, H.C. M. Envejecimiento: desgaste de identidad y los grupos como método para su fortalecimiento. **Poiésis**, v. 1, n. 33, p. 9-14. 2017. DOI: <https://doi.org/10.21501/16920945.2491>

SANTOS, J. V. O.; LUDGLEYDSON, F.A.; NEGREIROS, F. Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, p. 57-69, 2018.

SANTOS, S. C. dos; SOUZA, M. A. S. de; PEREIRA, J. da S.; ALEXANDRE, A. C. S.; RODRIGUES, K. F. A percepção dos idosos sobre a sexualidade e o envelhecimento / Elderly perception about sexuality and aging. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 3486-3503, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n2-180.

SCARDOELLI, M. G. C.; FIGUEIREDO, A. F. R.; PIMENTEL, R. R. S. **Mudanças advindas do envelhecimento: sexualidade de idosos com complicações da diabetes mellitus**. Ver enferm UFPE on line., Recife, 11(Supl. 7):2963-70. 2017.

SILVA JUNIOR, E. G.; EULÁLIO, M. C.; SOUTO, R. Q.; SANTOS, K.L.; PIMENTEIRA, R. L. M.; LACERDA, A. R. A capacidade de resiliência e suporte social em idosos urbanos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 7-16, jan. 2019.

SILVA, J. R.; FRANÇA, L.D.; ROSA, A.; NEVES, V.R.; SIQUEIRA, L. D. Health care for LGBTI+ elders living in Nursing Homes. **Rev Bras Enferm**. 74(Suppl 2). 2021.

SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, p. 129-154. set.-dez. 2016.

TEIXEIRA C.K.P.; OLIVEIRA SANTOS, J. V.; FERNANDES DE ARAÚJO, L. Representações Sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia. **Psicogente**, v. 21, n. 40, p. 297-320, 2018.

VELÔSO, T. M. G.; FILHO OLIVEIRA. P.; HENRIQUES, H. D. B.; HENRIQUES, H. I. B.; MEIRA, M. C. Descrições sobre a velhice: a identidade terceira idade em depoimento de idosos. **stud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 79-97, 2017.

Capítulo 10

ANOREXIA NERVOSA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS INSPIRADAS PELO FILME O MÍNIMO PARA VIVER

José Eugênio Valério Pereira
Thaís Yumi Shirane
Bruna Bortolozzi Maia
Érika Arantes de Oliveira-Cardoso
Manoel Antônio dos Santos

Introdução

Transtornos Alimentares (TAs) são psicopatologias caracterizadas por graves alterações no comportamento alimentar, que se apresentam clinicamente como modificações comportamentais no ato de se alimentar, mais que vão muito além da desregulação dos hábitos alimentares (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Essas alterações provocam desequilíbrios no funcionamento fisiológico, bem como rupturas e prejuízos importantes no plano relacional e do desenvolvimento psicossocial. Os padrões alterados envolvem uma preocupação excessiva relacionada à imagem inconsciente do corpo, que se manifesta na forma de pensamentos obsessivos em torno do peso e formato corporal, que levam o paciente a adotar comportamentos compensatórios, tais como restrição da ingestão alimentar, uso de laxantes e diuréticos, indução de vômitos e prática excessiva de exercícios físicos orientados para a redução drástica do peso (GIL *et al.*, 2022; OLIVEIRA-CARDOSO; SANTOS, 2019; SANTOS; VALDANHA-ORNELAS; LEONIDAS; OLIVEIRA-CARDOSO, 2020; SANTOS *et al.*, 2021).

As perturbações da conduta alimentar podem ser entendidas como manifestações de sofrimento psíquico marcadas pela atuação violenta dos impulsos e pela intensidade das cargas afetivas que se manifestam pela via corporal, comprometendo o funcionamento do ego (GIL *et al.*, 2022; MIRANDA, 2005; LEONIDAS; SANTOS, 2023; SANTOS *et al.*, 2020). A Anorexia Nervosa (AN), um dos tipos mais conhecidos de TAs, geralmente tem início na adolescência, provavelmente por estar relacionada a um momento-chave do desenvolvimento da sexualidade feminina (LEMOS, 2005).

Após a puberdade, a menina se defronta com os desafios da sexualidade genital, o que suscita angústias diante do corpo sexuado, que podem levar à recusa em tornar-se mulher. O repúdio à sexualidade/feminilidade está relacionado à intensidade com que a pulsão sexual emerge nesse estágio do desenvolvimento, que se segue ao término do período de latência. Com a reedição e as demandas de redescrição dos afetos ligados ao complexo de Édipo, reaparecem antigas fraturas de experiências não simbolizadas nas etapas anteriores do desenvolvimento psicosssexual, evidenciando que a psique ainda não está completamente alojada no corpo. Esse estado de não integração obstrui a fruição do prazer em todas as esferas, incluindo funções básicas, como o comer, o falar e o compartilhar a vida com o outro, afetando a capacidade do indivíduo de amar e se vincular.

Para adentrar a complexidade dos TAs, o exame de obras ficcionais constitui um exercício interessante por meio do qual é possível estabelecer certas conexões com o que se observa na prática clínica. Neste estudo optou-se pela análise de uma narrativa cinematográfica, que tem como protagonista uma adolescente que convive com sintomas de um quadro grave de AN.

O cinema, assim como outras manifestações artísticas, contribui tanto para a popularização como para a sensibilização do público leigo diante de determinadas problemáticas de saúde mental, promovendo uma aproximação indireta e mediada pela linguagem simbólica com o campo do sofrimento humano. Nessa direção, filmes que abordam as perturbações do comportamento alimentar podem ser ferramentas poderosas para estimular discussões que permitam uma abordagem mais compreensiva e destituída de preconceitos e intolerância em face das manifestações humanas que divergem dos parâmetros normativos.

Frente ao exposto, o presente estudo se propõe a tecer reflexões inspiradas pela teoria psicanalítica sobre a obra cinematográfica *O mínimo para viver* (*To the bone*).

Fundamentação teórica

A interpretação psicanalítica do desenvolvimento emocional é categórica ao afirmar que a problemática dos TAs não se restringe à materialidade concreta da alimentação, na medida em que as funções de cuidado desde o início da vida estão atreladas às diversas significações e dimensões fantasmáticas que a função alimentar mobiliza no funcionamento psíquico, no corpo da criança e no outro que dela se ocupa (FERNANDES, 2003). Por esse motivo, ao se deparar com os fenômenos do campo dos TAs, importa compreender a relação que os sujeitos acometidos estabelecem com a alimentação e o cuidado. Sentidos atribuídos ao alimento e à alimentação estão estreitamente vinculados às relações interpessoais iniciais, bem como às funções de cuidado materno e paterno (LEONIDAS; SANTOS, 2023).

Para compreender o sofrimento de Ellen, personagem principal de *O mínimo para viver*, este estudo recorre às

contribuições winnicottianas acerca dos processos de constituição psíquica. Winnicott elaborou uma construção teórica acerca do processo de desenvolvimento emocional fundamentada nos modos de ser que o indivíduo apresenta ao se relacionar com o ambiente (FULGENCIO, n.d.; SANTOS, 1999).

Winnicott propõe três estágios de desenvolvimento emocional: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. O processo de crescimento pessoal compreende um movimento que parte de um momento inicial de não integração e caminha gradualmente para diferentes estágios de integração, que evoluem da dependência absoluta inicial em relação ao ambiente até um estado de relativa independência, caracterizada por relações de interdependência entre pessoas adultas. Esses graus de integração progressiva do *self* aparecem em todas as fases do ciclo vital (FULGENCIO, n.d.; ROCHA, 2006; SANTOS, 1999).

Winnicott sistematiza três condutas maternas que contribuem para a integração da criança: o *holding*, o *handling* e a apresentação de objetos. O *holding* caracteriza-se pelo ato de amparar ou segurar o bebê, amparando e embalando o corpo do lactente, abrigando-o de possíveis agressões e abrandando as consequências das falhas ambientais. Já o *handling* é oferecido por meio do manejo da criança nos momentos de cuidado de suas necessidades básicas; esse tipo de cuidado é o que permite a acomodação da psique no corpo. A apresentação de objetos é voltada à construção de um caminho facilitador do contato do bebê com a realidade compartilhada, fornecendo-lhe a experiência emocional de ser reconhecido como um sujeito digno de existir (FULGENCIO, n.d.; WINNICOTT, 1975/1971). Com base nesses conceitos, Winnicott destaca o papel da mãe suficientemente boa, que é aquela capacitada a se adaptar às demandas do bebê ao lhe oferecer cuidados,

atenção e amor na justa medida de suas necessidades (BARRETO; TOSTA, 2017; SANTOS, 1999).

Material Analisado

Tipo de material	Filme
Título original	<i>To the bone</i>
Nome traduzido	O mínimo para viver
Gênero	Drama
Ano	2017
Local de lançamento e idioma original	Estados Unidos Inglês
Duração	1h47min
Direção	Marti Noxon

O *mínimo para viver* explora um tema ainda mal compreendido por grande parte da população: os TAs. A personagem Ellen (interpretada por Lily Collins), que em um determinado momento decide ser chamada de Eli, é uma jovem de 20 anos que está lidando não apenas com seus persistentes sintomas, mas também com seu sentimento de culpa por acreditar que contribuiu para o suicídio de outra jovem ao compartilhar seus desenhos de corpos esquilidos em uma rede social.

Ao longo do enredo, são expostos os padrões perturbados de funcionamento da família de Eli, composta por sua mãe Judy e a companheira dela, Olive (interpretada por Brooke Smith), sua madrasta Susan (Carrie Preston), que se mostra mais presente e preocupada com Eli do que seu pai Jack, que sequer aparece no filme, e sua irmã Kelly (Liana Liberato). Entre sucessivas idas e vindas de uma sequência de internações e tratamentos fracassados, Eli se encontra no limiar entre a vida e a morte. Diante dessa situação crítica, sua madrasta propõe uma última tentativa de tratamento.

A jovem se mostra inicialmente resistente ao apelo de Susan, mas diante da falta de opções, especialmente porque sua mãe, Judy, não parece disposta a cuidar dela, Ellen acaba por aceitar a proposta de tratamento. Ela conhece a clínica “Limiar”, dirigida pelo Dr. Beckham (interpretado por Keanu Reeves), que oferece um método terapêutico considerado diferenciado, baseado em princípios comportamentais e centrado no desejo da pessoa de viver. O médico estabelece condições específicas para os pacientes permanecerem na clínica, como a proibição de falar sobre comida, considerando o tema não benéfico para o tratamento. Além disso, destaca a importância do protagonismo do paciente na condução de seu próprio tratamento. A aceitação na clínica é condicionada à disposição do paciente em encarar a internação como um compromisso para seguir vivendo.

Na clínica, Ellen se depara com um sistema de segurança rigoroso, fundamentado em vigilância constante e que estabelece restrições e contingências claras para seus comportamentos. O enquadramento ideológico é muito forte e há um preço a ser pago pelo descumprimento das regras estabelecidas pelo Dr. Beckman. Tão logo é admitida na clínica, a enfermeira Lobo (interpretada por Retta) explica à Elie que não é permitida a posse de objetos cortantes, nem tomar comprimidos sem autorização médica, pois podem ser disfarces utilizados para o consumo de remédios, laxantes ou drogas. Além disso, a saída da clínica só é autorizada mediante a acumulação de pontos, os quais são obtidos ao se cumprirem tarefas que demonstram bom comportamento ou que contribuem para o avanço do tratamento. A convivência entre os pacientes é estimulada, tanto durante as sessões de psicoterapia em grupo quanto nos momentos compartilhados durante as refeições. Uma das regras estritas é a presença obrigatória de todos à mesa durante as refeições, mesmo que a pessoa não queira se alimentar.

O filme retrata de maneira impactante as dificuldades enfrentadas por pessoas diagnosticadas com TAs. A narrativa revela um cenário desafiador que entrelaça diversas camadas e níveis de fragilidade pessoal, tanto física quanto psicológica. A protagonista, apesar de ter um corpo extremamente magro e fragilizado, continua a sentir necessidade de manter seus comportamentos compulsivos, como fazer exercícios abdominais em um ritmo frenético e medir repetidamente seu bíceps na esperança de que ele se ajuste perfeitamente à circunferência delineada pelo fechamento de sua mão. Sua colega de quarto, Pearl (interpretada por Maya Eshet), está tão debilitada que precisa de uma sonda nasogástrica para se alimentar com uma dieta líquida. Anna (interpretada por Kathryn Prescott) esconde um saco de vômito debaixo da cama. Tracy (personagem vivida por Ciara Bravo) está constantemente interessada em testar métodos compensatórios para evitar o ganho de peso. Kendra come descontroladamente apenas um tipo de alimento: pasta de amendoim. Megan acaba perdendo seu bebê durante o tratamento.

Eli acaba criando um vínculo intenso com outro paciente, o bailarino Luke, que aparenta ser o mais estável entre todos os internos da clínica, embora esteja lidando com suas próprias dores por não poder voltar à dança devido ao seu estado de desnutrição.

Análise Crítica

O enredo de *O mínimo para viver* revela um cenário impactante, onde corpos esqueléticos moldados por jejuns prolongados e purgações constantes flertam com a sombra da morte. A protagonista Ellen/Eli externaliza sua doença não apenas em seu corpo magro e debilitado, mas também por meio de sua maneira de se apresentar ao mundo, optando por usar roupas escuras, monocromáticas e,

principalmente, largas e folgadas. Três possíveis razões podem explicar sua escolha por peças que disfarçam sua forma física: esconder a magreza aparente, ocultar as mudanças corporais associadas à feminilidade pós-adolescência e servir como uma forma de tentar desaparecer por repudiar a própria imagem.

Esse anseio por desaparecer também se reflete na dinâmica familiar, onde os laços afetivos entre os membros parecem empobrecidos, evidenciando a falta de espaço para o crescimento emocional da personagem. No lar do pai, ela é alocada em um quarto improvisado na garagem, repleto de ferramentas e objetos sem uso. Já na casa da mãe, ela é acomodada em uma barraca do lado de fora, reservada para hóspedes. Como resultado, seu lugar na família é marcado por vivências dolorosas de solidão e isolamento.

Conforme a trama se desenrola, a protagonista demonstra uma vontade irrefreável de se punir por estar viva, negando suas próprias necessidades de afeto e se percebendo como um problema para a família. Ela expressa esse desconforto a Judy: *Desculpe por não ser mais uma pessoa, sou um problema.*

Assim, não é de se estranhar que, desde o início da narrativa, a personagem demonstre clara resistência aos cuidados terapêuticos, evidenciada pela interrupção do tratamento e posterior abandono de uma clínica onde recebia assistência. Sua recusa em tentar um novo método terapêutico na clínica do Dr. Beckham também merece ser destacada. A resistência ao tratamento é comum entre pacientes com TAs, já que o objetivo terapêutico envolve justamente alcançar aquilo que elas mais temem: a recuperação de peso. Essa dificuldade em manter a adesão ao tratamento resulta em frequentes interrupções, boicotes e adoção de estratégias astuciosas para burlar as regras estabelecidas pelo plano terapêutico.

Essa dinâmica recorrente suscita sentimento de frustração e impotência nos profissionais de saúde, familiares e pessoas de seu entorno. Isso é evidenciado nas cenas que envolvem a família de Eli. A mãe se recusa a manter contato com a filha, a madrasta se mostra desanimada ao constatar a aparência esquelética da enteada e o pai, ausente durante todo o filme, se faz “presente” pela ausência, omissão e esquiva de suas responsabilidades parentais. Essas vicissitudes fragilizam o ambiente familiar, minando a confiança nos vínculos, contribuindo para a cristalização da desesperança de Eli frente aos laços sociais (BRUNSTEIN *et al.*, 2015).

Em vários momentos, Eli flerta continuamente com a morte, seja ao persistir em suas condutas disfuncionais, mantendo seu peso extremamente baixo, seja por meio de seus desenhos, com os quais tenta dar expressão à sua dor. Essas ilustrações supostamente influenciaram o suicídio de uma leitora de seu Tumblr.

O contato estreito com o tema da morte é outro elemento comumente observado em pacientes com TAs que, embora estejam vivas, não estão verdadeiramente vivendo (SANTOS *et al.*, 2021). Eli cultiva a morte também ao se punir e rejeitar a si mesma. Só tolera a vida enquanto esta se manifesta na iminência da morte ou por meio da autopunição, que Eli se inflige para dar vazão ao repúdio e desamor que sente por si própria. No entanto, diante da proximidade concreta do final da vida, como ficou patente no caso do aborto espontâneo de Megan, Eli se desestabiliza emocionalmente.

O método terapêutico do Dr. Beckham se baseia na esperança de que pessoas doentes ainda desejem viver e, eventualmente, ultrapassem a barreira do ceticismo nos vínculos e busquem ou aceitem o tratamento. Isso é resumido por uma fala da psicóloga durante uma sessão de terapia em grupo: *Não é sobre ser “magro o bastante”*. O que

vocês querem é uma anestesia para aquilo que não querem sentir. Assusta, mas só você pode decidir o que é bom e sobreviver.

A vontade de viver é constantemente desafiada em pacientes com AN, na medida em que elas lutam diariamente para impedir aquilo que alimenta a própria vida, no sentido não só de garantir sua sobrevivência, como também de dispor de vitalidade para enfrentar os desafios e contradições inerentes ao viver. O atordoamento de Eli diante do aborto de Megan revela que há uma parte de sua personalidade que ainda deseja viver e que se assusta com a possibilidade da morte.

Isso também é evidenciado na cena em que o Dr. Beckham leva seus pacientes a um estúdio, fazendo-os enfrentar a água que cai como uma chuva torrencial. *Alguém me diga por que estamos aqui?* Luke responde à provocação do Dr. Beckham: *Porque estamos vivos.* Esse momento expressa um sentimento que muitas vezes se mantém camuflado por trás da cascata de pensamentos catastróficos que assolam o paciente com TAs e que ficam invisibilizados pela radicalidade da recusa em se alimentar.

Eli parece ter de lidar constantemente com uma imagem de si mesma desconexa e fragmentada. Não apenas a representação de seu corpo físico está despedaçada, mas sua própria existência no mundo exterior também parece fraturada. Para ela, desaparecer é uma opção viável, uma vez que se percebe como uma pessoa indigna de estar viva, sentindo-se um fardo para seus familiares. De fato, ela carrega um peso insustentável, imersa em vivências de culpa por acreditar que causa sofrimento às pessoas de seu convívio.

Isso fica evidente na cena da terapia familiar, na qual Kelly expressa que “tudo” gira sempre em torno dos sintomas de Eli, reforçando a ideia de uma família adoecida, na qual a dinâmica vincular gravita em torno do sofrimento

do membro afetado, alimentando assim a doença. Em contrapartida, Eli, por meio de seu sofrimento interminável, também mantém a estabilidade disfuncional da família.

A fragilidade das relações familiares é habilmente retratada nessa sessão de terapia familiar, na qual todas as figuras femininas do círculo de Eli estavam presentes: Judy com sua companheira Olive, a madrasta Susan e sua irmã Kelly. É um momento permeado pela troca de acusações e explicitação de conflitos interpessoais que não estavam diretamente relacionados a Eli. As ofensas disparadas por todos contra todos tinham por função defender interesses individuais e reforçar o posicionamento de cada membro da família. O objetivo que os reunia na terapia familiar – auxiliar o membro familiar adoecido, foi rapidamente esquecido. No entanto, Kelly se destaca nesse contexto, por manter uma postura diferenciada; como mencionado pelo Dr. Beckham, ela é a única pessoa autêntica, que não busca apenas defender suas próprias crenças e reforçar seu egoísmo.

Em famílias afetadas pelos TAs, é comum observar vínculos fragilizados entre pais e filhas, marcados por conflitos não resolvidos, sentimentos ambivalentes e desafios na comunicação (GANDER; SEVECKE; BUCHHEIM, 2015; LEONIDAS; SANTOS, 2015, 2022). Essa dinâmica se reflete na vida da protagonista, cujo pai é mencionado, mas nunca aparece em cena, e a mãe declara não estar em um bom momento para lidar com os problemas da filha. A ausência do pai na vida de Eli é um ponto notável. Testemunhos ao longo do filme sugerem que o pai constantemente justifica sua negligência e desinteresse pela filha, alegando questões de trabalho e delegando a Susan as responsabilidades parentais de cuidado e proteção.

A imaturidade e falta de preparo emocional do pai para assumir o papel paterno são achados comuns em famílias que têm um membro acometido por TA. Nesses contextos, é perceptível uma dinâmica familiar caracterizada por mães

excessivamente invasivas e controladoras, e pais pouco envolvidos nos cuidados ou francamente ausentes das obrigações familiares (LANE, 2002). Essa atitude negligente é frequentemente apontada na literatura. Por esse motivo é crucial, durante o tratamento, evitar reforçar uma postura tolerante em face da omissão de responsabilidades do cuidado parental por parte da figura paterna (COSTA, 2014).

Observa-se na literatura uma extensa discussão sobre a dinâmica mãe-filha nos casos de TAs, porém, o vínculo paterno é pouco abordado, embora se reconheça a importância do pai na mediação das relações familiares e no suporte para o cuidado (COSTA, 2014). Assim, embora o foco recaia frequentemente nos problemas do vínculo entre mãe e filha, devido à escassez de informações concretas sobre o vínculo paterno, admite-se que a distância e fragilidade dos laços dificultam a comunicação entre pai e filha, prejudicando a resolução de conflitos, o que aumenta o risco de desenvolvimento dos TAs (BOTTA; DUMLAO, 2002).

No contexto do relacionamento materno-filial, a dinâmica entre Eli e sua mãe é caracterizada principalmente pela renúncia materna, à medida que a mãe inicia um novo relacionamento amoroso e abdica de suas responsabilidades de cuidado, delegando-as à nova companheira do pai, Susan. A narrativa sugere que as fragilidades da relação mãe-filha precederam a separação conjugal e remontam aos primeiros estágios do desenvolvimento de Eli. De fato, Judy admite não ter sido capaz de prover os cuidados necessários quando Eli era bebê, por ter desenvolvido depressão pós-parto.

O medo que pacientes com AN sentem de seus próprios corpos pode ter suas raízes psíquicas na internalização de uma imagem de si distorcida, que os leva a acreditarem que são seres malévolos, em decorrência da incorporação oral de um objeto mau poderoso, resultando no abandono do próprio eu ao tentar controlar a ação desse objeto mau dentro de si. Por meio dos processos

patológicos de identificação, é produzida uma equação simbólica na qual o corpo próprio é igualado a um aspecto parcial da mãe (SELVINI-PALLAZOLI, 1974). Nessa perspectiva, a pessoa com TA sente que é dominada pela ideia obsessiva de “não comer”, através da qual ela ataca o corpo da mãe introjetada ao agredir o próprio corpo, numa tentativa de esvaziá-lo para esvaziar-se dela. No entanto, isso acarreta maior dependência e confusão de limites, o que leva a tentar manter o controle não apenas sobre a alimentação, mas também sobre as relações e a vigilância familiar (MIRANDA, 2003).

A distorção da imagem corporal é equiparada ao objeto mau e à dificuldade em reconhecer as necessidades corporais (BRUNSTEIN *et al.*, 2015). Isso ilustra a natureza disfuncional das interações e dos vínculos primários baseados nos cuidados familiares durante a infância, contribuindo para uma constituição subjetiva fragilizada, o que intensifica o desamparo psíquico, acentuando a vulnerabilidade (JEAMMET, 2003).

O funcionamento psíquico encontrado em pessoas com TAs é frequentemente influenciado por intensas fantasias persecutórias, resultantes do uso excessivo de mecanismos de cisão e projeção. Esses mecanismos desequilibram as defesas, enfraquecem os desejos orais e empobrecem as relações com os objetos, fragilizando o ego diante do acúmulo de cisões e projeções cada vez mais violentas (LEONIDAS; SANTOS, 2023). Essa dinâmica se reflete em distorções nas representações psíquicas do próprio eu (*self*), do corpo e dos objetos, que funcionam como defesas contra angústias primitivas e a falta de integração corporal.

Vistos sob essa ótica, os sintomas representam uma “pseudo-solução” arranjada para compensar as falhas no estabelecimento da autonomia, permitindo organizar uma existência frágil por meio de uma preocupação obsessiva com o controle diário do peso. Por conseguinte, a restrição

alimentar atua na organização da dinâmica psíquica desses indivíduos que enfrentaram dificuldades precoces na constituição do *self*, já que as preocupações com comida, forma e peso corporal proporcionam uma sensação de organização minimamente funcional diante de um *self* frágil e parcamente integrado (BRUNSTEIN *et al.*, 2015; GROOT; RODIN, 1998).

No filme, observamos que Eli, ao se sentir ameaçada por um ambiente desfavorável ao seu desenvolvimento, elabora uma forma de proteção do seu ego que resulta na formação de um falso *self*, uma espécie de armadura contra a ameaça de aniquilação do verdadeiro *self*. As falhas contínuas nos cuidados parentais refletem as insuficiências e descontinuidades do ambiente, já que os pais não se sentem capazes de prover o apoio psíquico necessário para a sobrevivência da filha. Conforme postulado por Winnicott (1936/2000), a inibição do comportamento alimentar, como observado na anorexia, é resultado de uma experiência instintiva empobrecida, com pouco amadurecimento emocional.

Pode-se inferir que Judy não conseguiu atingir o patamar de “mãe suficientemente boa” em sua relação com Eli, falhando não apenas no fornecimento do alimento, desde o leite materno no período de amamentação, como também na criação de um ambiente emocional seguro e acolhedor para atender às demandas afetivas da filha (COSTA, 2014). Essa dinâmica provavelmente contribuiu para a distância física e emocional evidenciada pela protagonista em todas as suas relações interpessoais.

Quando o investimento materno falha, seja por excesso ou por insuficiência, o corpo se vê invadido pela impotência e sobrecarregado pela extrema dependência desse objeto primário (FERNANDES, 2006). Assim, o surgimento do falso *self* desempenha um papel crucial, permitindo a sobrevivência em um ambiente desestruturado e hostil.

Contudo, torna-se uma defesa empobrecida e desvitalizante quando tende a se perpetuar indefinidamente, levando a uma reação emocional condicionada pelo ambiente (SOUZA; SANTOS, 2009). Isso compromete a espontaneidade, fonte da criatividade primária e do viver autêntico. O comportamento rígido e o controle rigoroso sobre a alimentação e o corpo refletem a expressão desse falso *self* estereotipado, com o qual a protagonista busca, no controle rígido sobre o corpo, recuperar o domínio sobre sua vida (SANTANA; HOPPE, 2015).

Na tentativa inútil de manter controle sobre si mesma e os acontecimentos de sua vida, a pessoa com TA direciona suas angústias e conflitos psicológicos para a preocupação com o peso e a imagem corporal, principalmente durante as refeições. No desenrolar do filme, uma cena crucial acontece durante uma conversa com o Dr. Beckham, na qual a protagonista comunica que decidiu mudar seu nome, deixando de se identificar como Ellen para adotar o nome Eli. Essa mudança aparentemente simples de nome reverbera profundamente em sua vida. A troca para “Eli” inicia um processo de integração, diminuindo as angústias de fragmentação e as confusões entre interior e exterior, *self* e não *self*, real e imaginário (KELNER, 2004). Isso sugere um início de um processo de reconstrução da identidade.

A alteração no nome é acompanhada por um gesto materno de acolhimento, quando a mãe decide alimentar Eli com uma mamadeira, suprimindo de alguma forma a ausência que marcou o início do desenvolvimento da filha. Esse gesto simbólico reflete um avanço rumo a maior integração da personalidade da protagonista. Há um progresso notável na aceitação do tratamento, indicando um desejo de viver. Assim, o falso *self* começa a ceder espaço gradualmente, abrindo caminho para o verdadeiro *self*, diminuindo o risco de desintegração devido a um ambiente reiteradamente carente na oferta dos cuidados necessários para seu crescimento.

Pacientes com AN frequentemente apresentam entraves em seu desenvolvimento afetivo-sexual, que podem se manifestar na infantilização do comportamento (LEONIDAS; SANTOS, 2020b), como exemplificado pela personagem Pearl, que se veste, fala e age como uma criança. A protagonista também revela dificuldades na integração dos aspectos imaturos de sua personalidade, evidenciadas pela inibição em questões relacionadas à sexualidade, como fica patente no desconforto que experimenta ao trocar um beijo com Luke. As roupas largas usadas por Eli servem para esconder as características corporais que denotam sua maturidade sexual, como o desenvolvimento dos seios, adequado à sua idade, e das curvas que delinham o corpo da mulher.

De acordo com Leonidas e Santos (2020b), as dificuldades em aceitar os impulsos sexuais e integrar a feminilidade, considerando as mudanças físicas da adolescência, são proeminentes no funcionamento psíquico de mulheres com TAs. Lemos (2005) associa tanto a bulimia quanto a anorexia a uma dificuldade na elaboração psíquica das relações parentais, representando uma recusa da feminilidade por meio do sofrimento e do prazer, expressos de maneira diferente. Na bulimia, o prazer está no excesso alimentar, enquanto que na anorexia é buscado na resistência à fome.

As primeiras experiências do bebê, em especial em torno da função alimentar, moldam os primeiros contornos de sua relação com os pais, exigindo um investimento emocional no cuidado. De acordo com Leonidas e Santos (2023), o leite materno é o primeiro alimento e simboliza a conexão emocional com a mãe, proporcionando sensações de bem-estar, afeto, acolhimento e conforto. Eli parece ter uma necessidade intensa, porém não reconhecida, de afeto, cuidado, acolhimento e proteção, algo que deveria ter sido estabelecido na infância com a mãe. No entanto, esses cuidados não foram recebidos nem da mãe de Eli, nem de

seu pai. Isso deixa a personagem desprovida de atenção e cuidado, e faz com que ela não se sinta merecedora de qualquer apreço.

No contexto do desmame precoce, a criança interioriza a sensação de abandono e, assim, pode evitar tanto o contato físico (como é perceptível em momentos nos quais ela abraça com apenas um braço), como o contato emocional (como é observado quando Eli evita as investidas de Luke, que mostra interesse por ela). Mais adiante no filme, em uma conversa com Luke, Eli expressa a preocupação que a atormenta: *Você não tem medo de começar a comer e não conseguir mais parar?*. Essa fala ilustra uma fantasia relacionada à voracidade despertada pelo alimento, sinalizando o medo de perder o controle caso se entregasse a um desejo incontrolável.

No entanto, quando finalmente ocorre o encontro entre mãe e filha, iniciado por Judy ao oferecer uma mamadeira a Eli, a filha inicialmente recusa, mas depois pede: *Mãe, por favor, me alimente*. Esse pedido simboliza uma busca por aspectos simbólicos do leite materno, como a sensação de segurança e de continuidade de sua existência. Judy, ao reconhecer a falha inicial em fornecer os cuidados necessários, se esforça em oferecer à filha o que subjaz ao ato de alimentar: desenvolvimento emocional, confiabilidade no ambiente, dimensões temporais e espaciais, a construção de um corpo investido emocionalmente e coesão psicossomática (DERONZIER, 2010). Eli é recolhida por Judy, como num ato de *holding*, diante do qual, após muito tempo de restrição alimentar, ela finalmente está em condições de aceitar receber o provimento materno. Esse gesto marca a regressão emocional aos primeiros momentos de vida.

Eli aparenta se aproximar da posição depressiva, integrando as duas faces de sua mãe, o que é essencial para que ela possa reconhecer a si mesma. Após ser alimentada,

Eli tem um sonho no qual vê sua imagem de maneira nítida, enxergando-se de maneira integral e não mais fragmentada. Esse encontro com sua própria identidade não distorcida a faz indagar: *Meu Deus, essa sou eu?* E, seguidamente, ela afirma: *Sou eu.* Ao acordar, ela expressa um profundo alívio, reforçando a percepção de que não desejava a morte, mas sim ser cuidada.

A cena do adormecimento da protagonista no deserto é simbólica, representando o vazio que permeia sua existência, marcada por ausência e privação. Contudo, ao despertar, ela avista uma cidade ao longe e expressa sua alegria ao perceber que não está mais no deserto. Esse momento retrata a transição de Eli de um local árido para um território capaz de sustentar a vida, encontrando uma razão para viver, afastando-se do vazio e da iminência da morte por inanição.

Winnicott (1994/1963) salienta a importância do vazio na formação do desejo de receber e aceitar algo dentro de si, apontando que as dificuldades enfrentadas por pacientes com TAs surgem do horror ao vazio, que gera um terror insuportável e aumenta sua vulnerabilidade. A defesa contra esse desconforto é a tentativa de controlar o vazio, seja por meio da recusa em comer, seja preenchendo-o compulsivamente.

No desfecho, ao retornar para a casa do pai, Eli abraça Kelly e Susan com os dois braços, demonstrando receptividade ao afeto e seu cuidado com elas. Nas cenas finais, ao se despedir da madrasta e da irmã, Eli veste roupas claras e mais justas, contrastando com as peças escuras e largas do passado. Essa mudança na aparência reflete uma transformação interna: as roupas anteriores poderiam simbolizar a dor aprisionada de uma existência opaca, enquanto que as roupas mais justas e claras representam uma transformação, que mostra a evolução emocional da personagem.

Ao final, Eli veste um traje branco e um casaco de lã, sugerindo paz e liberdade provenientes da clareza em relação às suas necessidades, indicando uma abertura emocional. O casaco de lã, utilizado para proporcionar calor e aconchego, representa o afeto recebido, utilizado para a construção de uma segunda pele. Isso ecoa a sensação de proteção e cuidado semelhante ao acolhimento caloroso oferecido a um bebê nos braços da mãe. Eli expressa, assim, a sensação de ser nutrida emocionalmente pelos laços afetivos recentes. Esses símbolos indicam não apenas sua aceitação na família de Kelly e Susan, como também a integração de sua autoimagem.

Considerações Finais

A análise do filme permitiu abordar os TAs, especialmente a AN, quadro reconhecido pela restrição severa de calorias e pelo medo extremo de ganhar peso. A narrativa acompanha a protagonista, que adota comportamentos que não apenas a conduziram à extrema magreza, como impedem sua recuperação, agravando seu estado de desnutrição incompatível com a manutenção da vida.

A representação cinematográfica da história da jovem com anorexia é interessante ao trazer à tona questões frequentemente negligenciadas, oferecendo uma visão de um sofrimento que acomete pessoas como Ellen/Eli. O filme ilustra de forma didática os desafios e ajuda a compreender a condição psicopatológica. Pode-se criticar o fato de o filme retratar métodos evasivos aos tratamentos especializados, de qualquer modo, isso traduz uma realidade relatada pela literatura (SANTOS *et al.*, 2021).

A trajetória de Ellen/Eli destaca os desafios intrínsecos tanto para os indivíduos diagnosticados quanto para suas famílias. Pessoas com TAs não se limitam à restrição ou compulsão alimentar. A complexidade subjacente a esses

transtornos vai além do que geralmente se imagina. Por isso, é importante disseminar informações sólidas para desmistificar o tabu que cerca esse tema. Apesar de ser uma obra ficcional, *O mínimo para viver* traduz elementos similares ao que se observa na vida real.

As perturbações na percepção corporal e a relação com o peso e a forma são amplamente exploradas ao longo da trama. No entanto, fica evidente que as repercussões do transtorno vão muito além da sintomatologia, afetando tanto a paciente quanto seu universo relacional. O sofrimento humano se desdobra na intersecção entre o singular e o coletivo, entre experiências únicas e vivências compartilhadas. Por isso, faz-se necessário compreender a sintomatologia em sua complexidade e diversidade, demandando uma compreensão abrangente dos fatores emocionais, sociais, culturais e familiares envolvidos (TANIS, 2009).

Nessa perspectiva, os TAs podem ser vistos como uma expressão de uma história sem palavras, tendo o corpo como cenário e o meio familiar como tablado da encenação (BARROS; JAEGER, 2004). Destaca-se a importância da família nesse processo. Ela pode se tornar uma família adoecida quando se sustenta com o adoecimento do familiar. Em contraposição, ela pode funcionar como fonte de apoio para o sujeito adoecido. Vale ressaltar, entretanto, que não se pretende adotar uma postura culpabilizadora da família, mas compreender o sofrimento e o adoecimento psíquico situados em determinado contexto, que acaba por envolver não apenas o sujeito adoecido, como também as pessoas ao seu redor e, conseqüentemente, seus familiares.

As conexões estabelecidas com o filme *O mínimo para viver* mostraram-se valiosas, fornecendo uma referência útil para explorar as múltiplas esferas da vida que são afetadas pelo transtorno, tanto na perspectiva do indivíduo que o vivencia quanto de seu círculo social. O objetivo da análise do filme não foi simplificar a complexidade dos TAs, já que

estes quadros requerem uma atenção que vai muito além de um olhar superficial. Múltiplos aspectos relacionados ao inconsciente e a dores profundas necessitam ser considerados nesse contexto. A psicanálise oferece uma contribuição relevante para esse campo e pode orientar possíveis abordagens clínicas de tratamento psicológico.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARRETO, A. X.; TOSTA, R. M. Onde está a criança? Um caso de amadurecimento precoce e falso *self*. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v.37, n.93, p. 171-185, 2017. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=946/94654179002>

BARROS, C. A. S. M.; JAEGER, M. A. Família magra, família purgativa. In: MELLO FILHO, J.; BURD, M. (Orgs.). **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 285-298.

BOTTA, R. A.; DUMLAO, R. How do conflict and communication patterns between fathers and daughters contribute to or offset eating disorders? **Health Communication**, v.14, n.2, p.199-219, 2002. http://dx.doi.org/10.1207/S15327027HC1402_3

BRUNSTEIN, M. G.; MOSER, C. M.; SANTOS, A. C. F. Abordagem psicodinâmica dos transtornos alimentares. In: EIZIRIK, L. C.; AGUIAR, R. W.; SCHESTATSKY, S. S. (Orgs.), **Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos**. Porto Alegre: Artmed, 2015, p. 668-687.

COSTA, L. R. S. **Relação pai-filha no contexto dos transtornos alimentares: uma perspectiva winnicottiana**. 2014. (Dissertação em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2014.

DERONZIER, D. “Appétit et troubles émotionnels”: ses apports à la compréhension des troubles d’alimentation et à la théorisation du développement affectif primaire de Donald W. Winnicott. **Revue Française de Psychanalyse**, v.74, n.1, p. 71-88, 2010. <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2010-1-page-71.htm>

FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERNANDES, M. H. **Transtornos alimentares: anorexia e bulimia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FREUD, S. O ego e o id [1923]. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, L. (n. d.). Descrição do processo de desenvolvimento emocional do ponto de vista de Winnicott, p. 1-48. (Trabalho não publicado). https://www.academia.edu/8092553/descr%C3%A7%C3%A3o_do_processo_de_desenvolvimento_emocional

GANDER, M.; SEVECKE, K.; BUCHHEIM, A. Eating disorders in adolescence: attachment issues from a developmental perspective. **Frontiers in Psychology**, v.6, p. e1136, 2015. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01136>

GIL, M.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SANTOS, M. A. Momentos marcantes do grupo de apoio a familiares de pessoas com anorexia/bulimia. **Psicologia em Pesquisa**, v.17, p. 1-39, 2023. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2023.v17.35596>

GIL, M.; SIMÕES, M. M.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; PESSA, R. P.; LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Percepção de familiares de pessoas com transtornos alimentares acerca do tratamento: uma metassíntese da literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.38, p. e38, 2022. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38417.pt>

GROOT, J.; RODIN, G. Coming alive: the psychotherapeutic treatment of patients with eating disorders. **The Canadian**

Journal of Psychiatry, v.43, n.4, p. 359-366, 1998. <https://doi.org/10.1177/070674379804300403>

JEAMMET, P. Desregulações narcísicas e objetos na bulimia. In: B. BRUSSET et al. (Orgs.). **A bulimia**. São Paulo: Escuta, 2003. p. 103-136.

KELNER, G. Transtornos alimentares: um enfoque psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, v.27, p. 33-44, 2004. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n27/n27a05.pdf>

LANE, R. C. Anorexia, masochism, self-mutilation and autoeroticism: the spider mother. **Psychoanalytic Review**, v.89, n.1, p. 101-123, 2002. <https://doi.org/10.1521/prev.89.1.101.23405>

LEMONS, I. Bulimia e anorexia: patologias da falta e do excesso. **Mental**, v.3, n.5, p. 81-89, 2005. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200007&lng=pt&tlng=pt

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Percepção do apoio social e configuração sintomática na anorexia nervosa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.40, n.1, p. 1-14, 2020a. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207693>

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Eating disorders and female sexuality: current evidence-base and future implications. **Psico-USF**, v.25, n.1, p. 101-113, 2020b. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250109>

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Saldo não liquidado do legado transgeracional: o processo de separação-indivuação na gênese precoce dos transtornos alimentares. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v.25, n.2, p. 10-19, 2022. <https://doi.org/10.1590/1809-44142022-02-02>

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Cuidados maternos primários e gênese dos transtornos alimentares na perspectiva de mães de jovens com anorexia e bulimia. **Psico-USF**, v.28, n.3, p. 435-448, 2023. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712023280302>

MIRANDA, M. R. **Anorexia nervosa e bulimia à luz da psicanálise: a complexidade da relação mãe-filha**, 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Núcleo de Psicanálise. São Paulo, 2003.

MIRANDA, M. R. Distúrbios da alimentação, anorexia, bulimia e compulsões: história de segredos e paixões. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n.3, p. 27-34, 2005.

OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SANTOS, M. A. Avaliação psicológica no contexto dos transtornos alimentares. In BARROSO, S. M.; SCORSOLINI-COMIN, F.; NASCIMENTO, E. (Orgs.). **Avaliação psicológica: contextos de atuação, teoria e modos de fazer**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2019, p. 165-186.

PADOAN, C. S.; GASTAUD, M. B.; EIZIRIK, C. L. Objetivos terapêuticos para psicanálise e psicoterapia psicanalítica: Freud, Klein, Bion, Winnicott, Kohut. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v.15, n.3, p. 53-70, 2013. <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v15n3a06.pdf>

ROCHA, M. P. **Elementos da teoria winnicottiana na constituição da maternidade**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTANA, M. R. M.; HOPPE, M. M. W. A relação materno-filial na anorexia nervosa: um estudo psicanalítico. **Diaphora**, v.2, n.1, p.17-25, 2013. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/81/81>

SANTOS, M. A. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.12, n.3, p. 603-625. 1999. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300005>

SANTOS, M. A.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; PESSA, R. P.; MORAES, R. B.; OLIVEIRA, W. A.; ARAÚJO, J. S.; PERES, R. S.; LEONIDAS, C. O que ela tem de ruim na cabeça dela? Processo grupal de orientação psicanalítica com familiares de pacientes com anorexia e bulimia. In: SANTEIRO T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. J. (Orgs.). **Clínica de**

grupos de inspiração psicanalítica: teoria, prática e pesquisa.

Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. p. 392-415. <http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/publicacoes.php>

SANTOS, M. A.; VALDANHA-ORNELAS, E. D.; LEONIDAS, C.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. (2020). Adolescentes intransigentes: Revisitando as psicoterapias no contexto da anorexia e bulimia. In AMPARO, D. M.; MORAIS, R. A. O.; BRASIL, K. T; LAZZARINI, E. R. (Orgs.), **Adolescência: Psicoterapias e mediações terapêuticas na clínica dos extremos**. Brasília: TechnoPolitik. p. 51-74.

SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. Grupo terapêutico para jovens com fobia social. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 19, n.2, p. 269-280, 2009. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v19n2/o8.pdf>

TANIS, B. Algumas pontuações em torno das raízes socioculturais das compulsões. **Ide**, v.32, n.49, p.177-191, 2009. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v32n49/v32n49a19.pdf>

TO THE BONE. Direção: Noxon, M. Produção de Curtis, B., Miller, K., Lynn, J. United States of America: Netflix, 2017.

WINNICOTT, D. W. O apetite e os problemas emocionais [1936]. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas** (D. Bogomoletz, Trad). Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 91-111.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso [1963]. In: WINNICOTT, C.; SHEPPHERD, R; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott** (J. O. A. Abreu, Trad). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade** [1971]. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso *self* [1960]. In WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação** (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 128-139.

Capítulo 11

VELHA PARA ISSO? ESTEREÓTIPOS SOBRE ENVELHECIMENTO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Adriano Nicolau Selpis
Marcela Pastana

Introdução

Quando pensamos sobre o envelhecimento e a velhice, como são as imagens vislumbradas? Você já pensou sobre isso, já imaginou o passar do tempo, viver o processo de envelhecimento, pensou como será ter envelhecido? Quais sentimentos são despertados em você ao imaginar o envelhecer? É diferente quando pensa na experiência de outras pessoas, próximas ou distantes? E quando pensa em si?

As imagens em torno do envelhecimento serão o tema de discussão deste capítulo, considerando os atravessamentos de múltiplas influências: além dos marcadores etários e dos fatores biológicos, pretendemos considerar os fatores históricos e culturais, econômicos e políticos, o desenvolvimento técnico-científico, as crenças e valores, as questões associadas à sexualidade, ao gênero e outros marcadores relacionados às diferenças entre as experiências subjetivas e sociais de envelhecer. Reconhecendo que não é possível esgotar os elementos em torno do tema, o que pretendemos é defender a importância de uma reflexão ampla sobre as condições que favorecem e aquelas que prejudicam uma compreensão sobre a velhice em seus aspectos reais, como as experiências são de fato vividas e significadas em suas diversas possibilidades, considerando como é um momento da vida em que também

são importantes as escolhas, o cuidado, a autonomia, a valorização das expressões subjetivas, das relações e dos projetos de vida¹.

Diante da proposta acima, partiremos da seguinte questão: quais podem ser os elementos presentes (e ausentes) em nossas referências culturais e que possibilitam (ou dificultam) identificações com a velhice e a maneira como as pessoas se imaginam (ou evitam se imaginar) envelhecidas?

Visitar a nossa história é um ponto de partida que pode colaborar com reflexões e para compreendermos a formação de estereótipos e preconceitos sobre a velhice. Publicado em 1970, o clássico livro “A Velhice” foi escrito pela filósofa francesa Simone de Beauvoir que nele registrou sua pesquisa sobre as relações humanas com a velhice, desde antigos povos até as civilizações daquela década. A autora conclui que as pessoas idosas tiveram mais condições de subsistir nas sociedades ricas do que nas pobres, nas sociedades sedentárias do que nas nômades, que nem sempre a magia e a religião intervinham em seu favor, e sim ratificavam os costumes e tradições impostos pelas necessidades quando, por exemplo, antigos povos nômades que não cultivavam para sua subsistência e também os sedentários mas não obtinham alimentos suficientes para todas as pessoas, tinham como praxe de seus costumes e crenças a não obrigação de poupar pessoas idosas que poderiam ser deixadas para trás por não conseguirem acompanhar o agrupamento que precisa se deslocar, ou até mesmo de serem deixadas em locais para morrer, como no cume de montanhas geladas, lançadas em barcos ao mar, ou

¹ As discussões apresentadas na introdução foram construídas com base no trabalho de conclusão de curso em Psicologia: “Velhice, saúde psíquica e subjetividade: Uma perspectiva de valorização do cuidado” (Selpis, 2021), desenvolvido pelo primeiro autor com a orientação da segunda autora.

ainda, dentro de casa mas desassistidas para morrer de fome e frio.

Beauvoir (2020) verifica maior proteção à velhice quando os pais criavam seus filhos (as) com amor, proximidade, proteção e alimentos, assim constituindo relação recíproca de cuidados, reconhecimento e deveres. Por fim, a autora nos convida a refletir sobre ideias de velhice, sobre os interesses que os influenciam e denuncia a violência que persiste em nossos dias, se não mais justificadas por rituais e crenças, agora por uma sociedade conivente e cúmplice.

No quadro 1, compilou-se contextos da relação humana com a velhice ao longo da história, de acordo com a pesquisa de Simone de Beauvoir.

Quadro 1. Contextos e relações com a velhice.

Contexto	Como se relacionou com a velhice
vos antigos - Exemplos de exaltação ao vigor da juventude e o temor à velhice	Povos antigos realizaram festas mortuárias e rituais nos quais enterravam vivas, e voluntariamente, pessoas com sinais iniciais de envelhecimento visando regenerar o poder (e vigor) principalmente de seus líderes. As pessoas se submetiam aos rituais crendo sobreviver na eternidade com a mesma idade que partissem deste mundo, evitando a velhice.
Povos antigos - Exemplos de valorização da manutenção da tradição e do conhecimento	A memória e o conhecimento das pessoas idosas são valorizados para manter tradições culturais e religiosas em antigos povos, e para orientar atividades que requerem experiência a ser transmitida, como nas construções, por exemplo.

	Quando a técnica se dissocia da magia, permanece o prestígio na contribuição cultural.
Grécia antiga	O chefe da Polis era assistido por um Conselho de anciãos; A República de Platão enalteceu a sabedoria acumulada pela educação que deveria iniciar na adolescência – “Os mais idosos devem mandar e os jovens, obedecer”.
Roma antiga	O acúmulo de bens (terras, casas, ações em companhias financeiras que financiavam obras públicas) garantia o prestígio de homens idosos romanos; O voto de idosos tem mais peso do que dos outros cidadãos; O poder páter-famílias, quase sem limites, conferia à homens idosos direitos sobre pessoas assim como nas coisas: matar, mutilar, vender; Filho que agredisse seu pai seria rejeitado na sociedade e declarado à morte; Jovem para casar pedia autorização/consentimento do pai e do avô.
Cristianismo	Os Papas, geralmente são idosos, com grande prestígio, exigindo-se costumes austeros (a idade contribuindo para atribuir caráter sagrado e praticar a virtude); Criação de hospitais e asilos como símbolo de caridade para acolher pessoas idosas, assim como, a doação de esmolas também considerada como um dever cristão.
Renascimento	Séc. XVI exalta o corpo belo, principalmente da mulher, sendo a

	velhice detestada, especialmente a mulher idosa.
Burguesia	<p>A propriedade e a prosperidade fundam-se em contratos e não exigem força física, e assim, idosos podem tornar-se poderosos pelo acúmulo de riquezas;</p> <p>Exalta-se a virtude, contos morais e as famílias com novas relações de cuidado para crianças e pessoas idosas;</p> <p>Pessoas idosas consideradas livres das paixões violentas e como pessoas serenas e sábias;</p> <p>As crianças veem pessoas idosas como um (a) companheiro (a) divertido/a;</p> <p>O filho poderia ocupar posição social superior ao pai, mas apoiado por ele (solidariedade recíproca);</p>
Revolução industrial	<p>O trabalho não protegido, exploração da mão de obra de homens, mulheres e crianças;</p> <p>As pessoas idosas, quando sobrevivem, perdiam o emprego e viviam em condição de miséria;</p> <p>Leis tentam garantir renda e cuidados às pessoas idosas com seus familiares obrigados a cuidar deles (as) para não serem levados à tribunais, e que, muitas vezes anteciparam sua morte;</p>
Capitalismo	<p>Conservam-se obrigações civis às pessoas, independentemente de sua idade, porém pessoas idosas são vistas como um peso orçamentário;</p> <p>Aposentadoria traz consigo sentimentos ambíguos pela descontinuidade de ocupação socialmente reconhecida, a</p>

	desqualificação o empobrecimento, como se a pessoa que deixou de trabalhar, deixasse também de ter um lugar no mundo.
--	---

Fonte: Selpis (2021) com base em Beauvoir (2020).

Ao lermos sobre os contextos históricos acima citados, em especial sobre a exclusão e negação da velhice, pode parecer algo distante e superado, porém, a literatura chama nossa atenção para o fato de que não é raro atualmente depararmos com pessoas idosas que se sentem desvalorizadas e invisibilizadas em decorrência de como são tratadas pelas pessoas próximas e/ou pela sociedade como um todo. Um exemplo é como muitas se veem e se descrevem a partir das atividades e profissões de quando eram mais jovens, pois encontram dificuldade de encontrar para si um lugar simbólico e reconhecido socialmente devido à ausência de funções produtivas e de consumo valorizadas e incentivadas pela sociedade do capital (Beauvoir, 2020; Lima et al., 2022; Pachá, 2018; Silva; Pocahy, 2022).

Diferentes condições e histórias de vida, de saúde, educação, convivência familiar, social e cultural, entre outros fatores, repercutem na nossa velhice que é experienciada de forma subjetiva e heterogênea. Precisamos considerar também a influência dos padrões e relações com o gênero que repercutem no modo de ser idosa (o) na sociedade de seu tempo (Da Silva et al., 2022; Goldenberg, 2016; Lima et al., 2022; Maximiano-Barreto et al., 2019; Medeiros, 2019).

As intersecções entre os padrões de gênero e os padrões geracionais têm forte impacto no que é transmitido socialmente como passível de aceitação, reconhecimento e valorização. Quando consideramos os ideais culturais que situam a juventude como sinônimo de prazer e felicidade, enquanto o envelhecimento é associado a representações negativas ou invisibilizado, é importante identificarmos

também como essa idealização do ser jovem ganha contornos diferentes quando o que está em questão são as representações em torno do envelhecimento dos homens e das mulheres. Ideais sobre o corpo, sobre a aparência, sobre a boa forma, os relacionamentos e a sexualidade se desdobram dessa intersecção entre gênero e geração de uma forma que é relevante nos atentarmos.

Alguns exemplos podem ser encontrados na pesquisa realizada por Mirian Goldenberg (2016), em que mulheres idosas foram avaliadas pejorativamente por relacionamentos amorosos com pessoas jovens e por usarem roupas com decote ou minissaia, enquanto homens idosos não foram reprovados por relacionamentos amorosos com pessoas jovens, nem por suas vestimentas, mas, por sua vez, são mais cobrados por corresponder a um padrão de produtividade e lucidez.

De acordo com Goldenberg (2016), Brasil e Estados Unidos são os países que mais fazem cirurgia plástica estética e aplicação toxina botulínica, o Brasil é também o maior mercado consumidor de tinta loira do mundo. A mesma pesquisadora promoveu grupos de discussão e perguntou como é este momento da vida para mulheres na faixa etária de 40 a 70 anos. As respostas recebidas referem à tristeza pela diminuição do vigor físico e flacidez corpórea, dificuldade para emagrecer, facilidade para engordar, dores no corpo e pelos olhares e elogios que não são mais dirigidos a elas.

Há padrões de comportamentos que, se atribuídos e esperados das pessoas idosas, também podem ser fonte de sofrimento e desrespeito à subjetividade, pois, o envelhecer não transforma as pessoas em seres angelicais, não anula seus desejos, não lhes outorga forças e resiliência para toda e qualquer adversidade que a vida possa ter, tampouco lhe reveste de sabedoria que as impeça de cometer erros ou serem enganados (as). Como salienta Beauvoir (2020), quando são ignorados os desejos, qualidade e defeitos que

conservamos na velhice, ridiculariza-se o amor, os ciúmes e a sexualidade.

Sobre a invisibilização da sexualidade na velhice, Lima *et al.* (2022, p. 9) afirmam: “a sexualidade se faz presente ao longo de todo o desenvolvimento humano, porém a presença dos diferentes tabus sociais acaba reprimindo as possibilidades de manifestações de prazer na velhice”.

É a partir da importância das reflexões sobre as relações socialmente constituídas e os papéis sociais que são desempenhados, esperados, impostos e negados a nós que selecionamos o material midiático que será tema de nossa análise neste capítulo, o anúncio publicitário *Velha pra isso*, que apresentaremos a seguir.

Material Analisado

Tipo de material	Anúncio publicitário
Título original	Velha pra isso
Nome traduzido	Não há
Gênero	Documentário
Ano	2016
Local de lançamento e idioma original	Brasil, português
Duração	01min11seg
Direção	Bel & Ju (Corazon Filmes)

Trata-se de uma campanha da linha Chronos (linha de produtos para a pele do rosto) da empresa de cosméticos brasileira Natura. O vídeo da campanha, veiculada em 2016, encontra-se atualmente disponível no Youtube².

No vídeo são mostrados depoimentos de sete mulheres. As imagens são acompanhadas da narrativa transcrita abaixo:

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PrXBMh6o2ts>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

Vânia, 73 anos, possui o corpo todo tatuado e é fã de Heavy Metal.

Vânia, você está velha pra isso.

Jacira, 64 anos, voltou a estudar e se reencontrou na gastronomia.

Jacira, você está velha pra isso.

Edneide, 53 anos, foi casada por 31 anos e separou ao se apaixonar por uma mulher.

Edneide, você está velha pra isso.

Cláudia, 40 anos, decidiu pela sua primeira gestação e sem um parceiro.

Cláudia, você está velha pra isso.

Priscila, 37 anos, largou a carreira ao descobrir seu amor pela dança.

Priscila, você está velha pra isso.

Mariana, 27 anos, é virgem por opção.

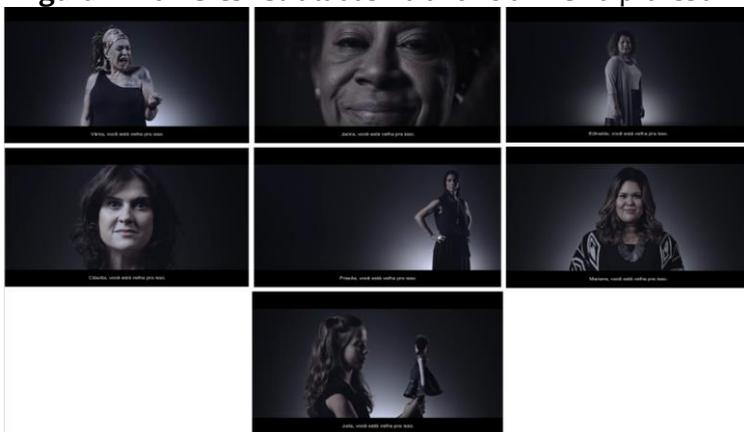
Mariana, você está velha pra isso.

Júlia, 11 anos, brinca de boneca.

Júlia, você está velha pra isso”.

A sequência de imagens na figura abaixo corresponde às capturas de tela de momentos das cenas em que a frase “você está velha pra isso” é dita para cada uma das mulheres retratadas.

Figura 1. Mulheres retratadas no anúncio “Velha pra isso”.



Fonte: Captura de imagens do vídeo “Velha pra isso”.

Enquanto passam mais imagens das mulheres retratadas, algumas frases são trazidas, de forma escrita: “As mulheres passam a vida sendo julgadas pela idade. Até quando você vai ouvir isso? Quem define a idade certa para você?”. Como finalização, é dito pela voz que narra que a marca acredita que “Velho, só o preconceito”.

Análise Crítica

Ser julgada velha demais para gostar de tatuagens e de um estilo de música; velha demais para começar um novo curso; velha demais para se separar, se apaixonar por outra pessoa e/ou se apaixonar por uma mulher; velha demais para engravidar; velha demais para mudar de carreira; velha demais para nunca ter tido uma relação sexual; velha demais para um brinquedo.

O anúncio foi escolhido por retratar como os julgamentos baseados em estereótipos sobre qual seria uma idade adequada podem culminar em experiências de discriminação, falta de reconhecimento, desvalorização e

deslegitimação em diferentes dimensões da vida, e que a associação entre o “ser velha demais” como algo negativo é transmitido desde muito cedo, até mesmo quando o que está em questão é um padrão normativo sobre qual seria a idade para brincar de boneca.

O conteúdo dos julgamentos mencionados no anúncio é ilustrativo do quanto pode haver um aprendizado cultural de que, à medida em que as pessoas se tornam mais velhas, mais possibilidades e mais escolhas podem ser alvo de recriminações, restrições ou mesmo impedimentos, como se o passar do tempo exercesse uma espécie de pressão para o quanto urgente é a necessidade de as pessoas se adequarem aos padrões e expectativas da sociedade em que vivem.

Há um caráter repressivo nesses padrões e expectativas, como podemos notar a partir da discussão realizada por Ana Cláudia Bortolozzi (2002, p. 15) ao se referir ao conceito de repressão sexual:

Várias são as regras que nos oprimem diariamente. Embora não estejam consolidadas na forma de leis, há pressões sociais reais, que se traduzem em obrigações para os indivíduos: ter que ser heterossexual, casar-se com tal idade (especialmente as mulheres), ter filhos após o casamento (para a construção de uma família feliz), ser bela (incluindo aí um corpo escultural), ter que sentir orgasmos, ter ereção e um bom desempenho sexual, etc.

Mas não percebemos essas regras como repressivas, embora soframos, diariamente, com essas imposições sociais, seja pela existência da cobrança, ou pela culpa pessoal e a sensação de desajuste, porque a cobrança e a regra foram internalizadas. (...)

Assim, a repressão sexual, basicamente, é definida por um conjunto de regras, valores, atitudes e concepções gerais sobre a sexualidade impostas às pessoas, numa sociedade e cultura determinadas, acompanhadas da ameaça do isolamento e punições, tanto físicas quanto psicológicas, como a pena de não “ser feliz para sempre”. Aliás, ser feliz

tem diferentes sentidos para diferentes pessoas e, quase sempre, o esquecimento dessa verdade é uma das faces da repressão sexual na atualidade.

Ser feliz tem diferentes sentidos para diferentes pessoas... O anúncio escolhido toca como, em diferentes momentos da vida, a pessoa pode perceber aquilo que deseja, que prefere, que escolhe, que sente prazer como algo que está em desacordo com o que é culturalmente transmitido como adequado. O fato de serem mulheres e as idades é ilustrativo sobre como as questões de gênero e de geração precisam ser consideradas quando analisamos as fortes influências que os padrões normativos podem ter e os sofrimentos que podem gerar.

A seguir, dialogaremos sobre tais contextos citados envolvendo padrões socialmente valorizados, estereótipos, idealizações, sexualidade, gênero e velhice, porém, em que pesem a importância do tema abordado, não podemos nos furtar de que há também motivações e anseios que são mercadológicos para a indústria de cosméticos responsável que, ao mesmo tempo em que visa romper com tais preconceitos também atrela a campanha à sua linha de produtos comercializados para retardar o envelhecimento e/ou promover rejuvenescimento.

Padrões, estereótipos e idealizações

Há um conjunto de características socialmente valorizadas ou repreendidas e transmitidas continuamente pela nossa cultura, de maneira que, podem parecer tão naturais a ponto de dificultar o reconhecimento da diversidade humana de ser e contribuir com estereótipos sobre a velhice, por vezes pejorativos.

De acordo com o dicionário Michaellis (2023) o estereótipo se caracteriza por uma concepção baseada em

ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, uma ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, um padrão formado de ideias preconcebidas sobre determinado assunto.

Outra importante discussão é feita por Da Silva *et al.* (2022) e Medeiros (2019) sobre as expectativas e padrões socialmente impostos para mulheres e homens que envelhecem sob ação coercitiva que tenta disciplinar seus corpos e seus desejos.

Destacamos que não há problemas se uma mulher aos 73 anos gostar de tatuar seu corpo e de ouvir Heavy Metal, sequer se um homem idoso desejar aprender crochê; se uma pessoa idosa deseje voltar a estudar e iniciar uma nova profissão.... Porém, ao mesmo tempo em que são muitas as possibilidades humanas de ser, de se desenvolver e ter projetos em quaisquer períodos da vida, também não defendemos aqui a idealização da velhice como a melhor idade para se realizar tudo o que não fizemos, como se não existissem problemas, dificuldades, sofrimento e perdas, pois, a própria idealização “da melhor idade” pode ser outra fonte de sofrimento.

Padrões acerca dos relacionamentos

Em outra cena, a campanha refere sobre julgamento social direcionado a uma mulher com 53 anos de idade (Edneide) que rompeu com casamento de 31 anos ao se apaixonar por outra mulher.

Há mulheres (e homens, também) que convivem em um casamento edificado pela idealização do amor, pela manutenção da uma unidade familiar dita tradicional pelo seu valor social atribuído, e em especial, porque de acordo com Medeiros (2019, p. 450) “por muitos anos, as mulheres

foram socializadas para o exercício do papel de mãe virtuosa, dona de casa prendada e obediente ao marido”.

Chamamos a atenção para marcadores tão enraizados e naturalizados a ponto de a própria campanha reproduzi-lo: Quando descrevem “Edneide 53 anos, casada por 31 anos até se apaixonar por uma mulher” – sem mencionar se o casamento foi com um homem ou com outra mulher – a campanha também reproduz um ideal implícito da união heterossexual e normativa que representaria o casamento.

Em outra história narrada, Cláudia, é uma mulher que aos 40 anos decide pela sua primeira gestação, não compartilhada com um parceiro, contrapondo recomendação de idade para engravidar e o que Medeiros (2019) cita configurar um dos papéis socialmente aceitáveis para a mulher: cuidadora da casa, de filhas (os) e do marido, que por sua vez, seria o chefe da família e provedor.

Tentar padronizar ou normatizar a constituição de uma família em qualquer direção representaria desrespeito à diversidade de ser, de executar projetos de vida e de nossa capacidade de existir independente de nossa idade, gênero e de estar, ou não, em um relacionamento conjugal.

Sexualidade e Gênero

Falar sobre sexualidade extrapola a atividade sexual, diz respeito também às nossas múltiplas possibilidades de significar nossos corpos, de viver, de sentir e de expressar nossos desejos, afetos, prazeres, identificações e vínculos que estabelecemos em nossa história de vida (Da Silva et al., 2022; Silva; Pochay, 2022; Fávero; Freitas, 2019), porém, os diálogos sobre sexualidade por vezes são silenciados e reprimidos em tom de proibição, como algo privado, vergonhoso e como se o silêncio de alguma forma protegesse.

Da Silva *et al.* (2022) destacam que a sexualidade é inerente à vida humana, é uma necessidade tanto do ponto de vista fisiológico quanto emocional e que integra a nossa personalidade. Por isso defendemos a importância do diálogo sobre sexualidade com crianças, pessoas jovens, adultas, idosas, pessoas com e sem deficiência, respeitando o seu momento de desenvolvimento e a sua compreensão sobre o tema.

Culturalmente, pode parecer que as pessoas idosas não preservam seus desejos sexuais e erotismo, assim colaborando para a manutenção do estereótipo no qual as pessoas idosas seriam assexuadas e para a repressão de suas manifestações de prazer (Da Silva *et al.*, 2022; Lima *et al.*, 2022; Silva; Pocahy, 2022; Maximiano-Barreto *et al.*, 2019).

Há sim pessoas idosas, e não idosas, que naturalmente se reconhecem como assexuadas, porém aqui destacamos o contraponto de acordo com Lima *et al.* (2022 p. 9) sobre como a nossa sociedade reprime manifestações de prazer na velhice, e “Prega-se a ideia de que a sexualidade tem prazo de validade [...]”.

Tatiana Netto (2012) na dissertação "Sexualidade e envelhecimento na percepção de pessoas idosas" afirma:

Nos vemos diante de uma sociedade entrelaçada por ideias e atitudes preconceituosas diante da velhice, que ainda insistem em relacionar essa etapa da vida com improdutividade, dependência, doenças, desprazeres, ou ainda a uma etapa assexuada da vida. (...) Cabe simplesmente ao idoso optar como exercer a sua sexualidade, tendo autonomia e liberdade diante dos seus desejos (Netto, 2012, p. 122).

Outro ponto importante para considerarmos é o gênero. Qual pode ser sua repercussão na sexualidade e nas expressões de como ela pode ser vivida ou negada?

O gênero contempla a divisão culturalmente estabelecida e aprendida de forma contínua e intensa, sobre representações entre o que é reconhecido como algo de feminilidade ou de masculinidade. Pode parecer natural a expectativa de que as mulheres sejam responsáveis pelos cuidados domésticos, cuidados com as crianças e pessoas idosas, serem recatadas... Pode parecer natural a expectativa de que os homens não demonstrem medo ou sensibilidade, não chorem, expressem raiva, sejam paqueradores... Estes são, como referem Da Silva *et al.* (2002, p. 143) exemplos de um conjunto de “papéis impostos socialmente”.

Assim, além dos estereótipos e padrões que já dificultam o reconhecimento e a manifestação da sexualidade na velhice, somam-se marcadores sociais de gênero que tornam ainda mais difícil para mulheres idosas vivenciar a plenitude de sua sexualidade e seus desejos.

São tais expectativas e imposições implícitas de papéis sociais que não por acaso constituem pano de fundo de outras cenas e preconceitos relatados na campanha:

Mulheres que conquistam uma carreira reconhecida no trabalho e abrem mão pelo prazer de dançar pode não corresponder aos ideais de produtividade socialmente valorizados e de ser uma pessoa feminina e discreta;

Como pode uma mulher, cuja expectativa socialmente valorizada é a de ser escolhida para casar-se e cuidar da casa e dos filhos, manter-se virgem por opção?

Como pode uma menina “já com seus 11 anos” ainda brincar de boneca? O que poderia acontecer se Júlia quisesse brincar de bombeira, de astronauta, de piloto de Fórmula 1?

Finalizamos destacando a importância de espaços de diálogo e educação sobre sexualidade e gênero para enfrentamento de manifestações como a frase “você está velha pra isso” dita em tom de desaprovação, carregada de sentido pejorativo e preconceituoso, tentando furtar o

reconhecimento do lugar social de direito da velhice subjetiva e plural.

Considerações Finais

Quando uma pessoa faz uma escolha, se envolve em alguma atividade ou demonstra interesse por algo e escuta que “está velha para isso”, o que essa expressão significa? Ao que a palavra “velha”, aqui, remete? Um primeiro elemento a ser identificado é o teor pejorativo, que faz com que “estar velha” se associe com algo indesejado, desajustado, uma inadequação. Um segundo elemento é o teor normativo, já que a indicação “para isso” é colocada na direção de demonstrar uma invalidação ou reprovação, como se houvesse um modelo correto a ser seguido do que alguém pode fazer, ser ou sentir e em qual idade. A ponto de mesmo que o estigma em questão seja principalmente em torno do envelhecimento, ser possível até mesmo no início da infância que alguém escute sobre não ser aceitável que faça algo por “estar velha (o)”.

O primeiro elemento - o teor negativo atribuído à palavra “velha” - demonstra a relevância do debate sobre as representações negativas em torno do envelhecimento e da velhice, como nos estigmas que pesam em como tantas pessoas veem a si mesmas e são vistas, com a compreensão do envelhecimento como um pesaroso declínio e a naturalização da invisibilização dos direitos, da autonomia e dos desejos das pessoas idosas. Quando ser feliz, fazer escolhas e aproveitar a vida são associados a um ideal de juventude, é necessária a análise das influências desses ideais nos julgamentos, discriminações e exclusões que trazem sofrimento para tantas pessoas.

O segundo elemento - o teor normativo - diz respeito a quão repressiva pode ser a transmissão de padrões, das expectativas sociais sobre limites e restrições acerca do que

as pessoas podem ou não podem ser, sentir, pensar, fazer, desejar, gostar... Tais padrões são fontes de julgamentos e discriminações que exercem uma força tão significativa justamente por se associarem às crenças acerca do que alguém deve corresponder para poder receber atenção, reconhecimento, valorização.

Ao longo deste capítulo, com reconhecidas limitações, tentamos identificar alguns dos elementos e condições que podem se influenciar mutuamente afetando a maneira como a velhice, as questões de gênero e a sexualidade são percebidas, permitidas e vivenciadas.

Chamamos a atenção para a utilização do termo "velha (o)" por vezes presente no cotidiano em tons pejorativos e depreciativos como relacionado a algo que remeta à descontinuidade, incompatibilidade, de ausência de reconhecimento simbólico e também de perda de sua funcionalidade social. Há sim pessoas idosas que precisarão de mais cuidados, como há outras que cuidarão de nós, mas padronizar, em qualquer direção, é também um ato de violência contra a diversidade humana, a pessoa idosa e a nós mesmos (as).

Ressaltamos a importância da convivência intergeracional e de espaços de diálogo e educação que favoreçam o respeito à nossa subjetividade humana na velhice reconhecida com toda a sua diversidade de ser, desejar, errar, planejar, sentir prazer, medo... Velhice na qual se espera não seja furtado de nós o direito de fazer escolhas em detrimento de estereótipos e preconceitos.

Finalizando, destacamos que o anúncio publicitário selecionado colabora para despertar inquietudes e importantes questionamentos sobre os padrões normativos, estereótipos socialmente destinados às pessoas idosas e o atravessamento pelas questões de gênero socialmente constituídas que podem resultar em preconceitos, sofrimento e repressão à velhice plural, subjetiva e real.

Referências

- BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. Tradução de Maria Helena Franco Martins.
- BORTOLOZZI, A. C. Educação Sexual e a Repressão. Em: **Sexualidade na infância: manual para educadores**. São Paulo: Gradus Editora, 2022, p. 13-24.
- DA SILVA, G. O., CASTRO, B. R., FARIA, L. B. B., CARDOSO, A. V., ROCHA, L. S., CHARIGLIONE, I. P. F. S. O que sabemos sobre Gênero e Sexualidade na Velhice? Uma Revisão Sistemática. **Revista de Psicologia Da IMED**, 14(1), 141–156, ago. 2022. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/4492>. Acesso em: 12 fev. 2023. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4492>.
- FÁVERO, M., FREITAS, R. Sexualidade na Velhice. Em: CARVALHO, G. D. de, FÁVERO, M., GOMES, V., SANTOS, V. M. M (Org). **Dicionário de educação sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidades**. Florianópolis: Editora UDESC, 2019, p. 281-292.
- GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Conferência da série Café Filosófico. Campinas, CPFL Cultura: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3-7dozQozU>. Acesso em: 16/02/2023.
- LIMA, F. P. S. de, DUTRA, L. N. L., NOVAES, L. F., FERNANDES, I. S., BRECH, G. C., & SALLES, R. J. Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. **Research, Society and Development**, 11(9), 01–12, jul 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31519>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31519>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- MAXIMIANO-BARRETO, M. A., ANDRADE, L., CAMPOS, L. B. de, PORTES, F. A., & GENEROSO, F. K. A Feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, 8(2), 239–252, out

2019. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2019v8n2p239-252>. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/6076>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MEDEIROS, L. F. de. A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: uma reflexão teórica. **Cadernos Saúde Coletiva**, 27(4), 448–454, out 2019. <https://doi.org/10.1590/1414-462x201900040316>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/cMhBSTyr6qcRFJfwNZQKH3M/?lang=pt> Acesso em: 12 fev. 2023.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. **Estereótipo**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estere%C3%B3tipo>. Acesso em: 16/02/2022.

NATURABROFICIAL. **Velha pra isso**. Anúncio publicitário de campanha da linha Chronos. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PrXBMh6o2ts>.

NETTO, T. C. R. **Sexualidade e envelhecimento na percepção de pessoas idosas**. 2012. 140 f. Dissertação de mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/97447>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

PACHÁ, A. M. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

SELPIS, A. N. **Velhice, saúde psíquica e subjetividade: Uma perspectiva de valorização do cuidado**. 2021. 61 p. Trabalho de conclusão de curso (monografia) graduação em Psicologia. Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – IMES, São Manuel, 2021.

SILVA, D. V.; POCAHY, F. A. Envelhecimento, gênero e sexualidade: modos de pesquisar, modos de subjetivar. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, 11(1), 39–58, abr. 2022. <https://doi.org/10.9771/re.v11i1.45570>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45570>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Adriano Nicolau Selpis. Psicólogo. Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP/FMB). Assessor Administrativo junto ao Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria da UNESP/FMB. Áreas de atuação principais: Psicologia do Envelhecimento. Diversidade e Inclusão. Saúde Coletiva.
E-mail: adriano.selpis@unesp.br

Amanda Brandane Minari. Graduanda do curso de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq) e do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-USP/CNPq. Áreas de atuação: Gênero e Sexualidade, Psicanálise, Dupla Maternidade, Saúde da População LGBTQIAPN+.
E-mail: amandaminari@usp.br

Amanda de Pádua Cruz. Graduanda em Psicologia. Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado). Áreas de atuação: Psicologia Clínica Comportamental, Inclusão Escolar, Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista, Sexualidade e envelhecimento e Plantão Psicológico.
E-mail: amandapaduacruz@gmail.com

Andre Gellis. Psicólogo, formado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis (1988), Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP (1994-2000). Professor Assistente Doutor,

lotado junto ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Bauru. Atua na graduação no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP (Bauru) e na Pós-Graduação no Curso de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras (FCLar) da UNESP (Araraquara). Possui experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: Clínica Psicanalítica, Teoria e Técnica da Psicanálise, Psicanálise e Sexualidade.

E-mail: andre.gellis@unesp.br

André Villela de Souza Lima Santos. Psicólogo, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq) e do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO). Bolsista de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Supervisor do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (REMA-EERP-USP). Áreas de atuação: Estudos em masculinidades, Psicologia Existencial-Fenomenológica, Diversidade Sexual e de Gênero, misoginia on-line.

E-mail: andvillela@gmail.com

Bianca Longhitano. Mestre pelo programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela UNESP de Bauru. Graduada em psicologia pela mesma universidade. Coordenadora e membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESec). Áreas de interesse: Sexualidade, Gênero, Educação Sexual, Relacionamentos. E-mail: bianca.longhitano@unesp.br

Bruna Bortolozzi Maia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq) e do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO). Bolsista de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Psicóloga voluntária e supervisora do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (GRATA-HC-FMRP-USP). Áreas de atuação: Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar, Transtornos Alimentares, Psicanálise das Configurações Vinculares, Gênero e Sexualidade, Saúde da População LGBTQIAPN+. E-mail: bruna.b.maia@usp.br

Érika Arantes de Oliveira-Cardoso. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Coordenadora do Lutos e Terminalidades: Grupo de Pesquisa e Intervenção (LUTE-FFCLRP-USP). Supervisora do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (GRATA-HC-FMRP-USP). Áreas de atuação: Luto, Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar, Transtornos Alimentares, Onco-hematologia, Gênero e Sexualidade, Saúde da População LGBTQIAPN+. E-mail: erikaao@ffclrp.usp.br

George Miguel Thisoteine. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”

(Unesp) no campus de Araraquara. Bacharel em psicologia pela Unesp (2018). Atua como psicólogo clínico em São Paulo e é professor do curso de psicologia na Faculdade Campos Salles (São Paulo - SP). Possui experiência nas áreas: psicanálise freudo-lacaniana, análise de discurso e educação sexual.
E-mail: georgemtcmf@gmail.com

Isabela de Oliveira Fogaça. Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) no campus de Bauru. Estagiária na frente de Acolhimento do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial. E atualmente realiza uma pesquisa em nível de iniciação científica intitulada “Análise de categorias referentes às concepções de sexual e de sexualidade presentes no Seminário 10 de Jacques Lacan”.
E-mail: isabela.fogaca@unesp.br

José Eugênio Valério Pereira. Graduando do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq) e do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO). Áreas de atuação: Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar, Transtornos Alimentares, Psicanálise das Configurações Vinculares, Gênero e Sexualidade, Saúde da População LGBTQIAPN+.
E-mail: jose.eugenio.pereira@usp.br

Juliana Alves Messias da Silva. Graduanda no curso Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) - Campus de Rio Claro. Concursada como Auxiliar de Ação Educativa no município de Piracicaba, atuando na educação infantil.
E-mail: juliana.alves@unesp.br

Letícia Carolina Boffi. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCL-RP) na Universidade de São Paulo (USP) como Bolsista PROEX/CAPES. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCL-RP) na Universidade de São Paulo (USP). Co-cordenadora do VIDEVERSO - Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (LEPPS-FFCLRP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-FFCLRP-CNPq). Realiza pesquisas na área dos Estudos de Gênero; Saúde da População Transexual; Homens Trans e Transmasculinidades. E-mail: leticiaboffi@gmail.com

Manoel Antônio dos Santos. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Coordenador do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO). Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-1A do CNPq. Supervisor do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (REMA-EERP-USP). Supervisor do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (GRATA-HC-FMRP-USP). Áreas de atuação: Psicologia da Saúde, Gênero e Sexualidade, Saúde da População LGBTQIAPN+, Psicologia Hospitalar, Psico-Oncologia, Luto, Morte e Morrer, Repercussões psicológicas das doenças crônicas não-transmissíveis. E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Marcela Pastana. Psicóloga. Mestre e Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professora do curso de Psicologia do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel. Atua como pesquisadora nas áreas de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual.

E-mail: marcelapas@gmail.com

Mariana Ribeiro de Castro. Arquiteta e urbanista. Mestre em psicologia ambiental pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Integrante do Laboratório de Estudo das Relações Pessoa-Ambiente (LERHA) da Universidade de Fortaleza. Áreas de atuação principais: Psicologia Ambiental, Design Sensorial, Desenho Universal e Arquitetura Inclusiva.

E-mail: marianacastorc@gmail.com

Marianne Ramos Feijó. Psicóloga. Docente nos Cursos de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Pós-Doutora pela Unifesp e Doutora pela PUC-SP. Supervisora do Centro de Psicologia Aplicada da Unesp, Bauru. Áreas de atuação principais: Práticas Sistêmicas, Narrativas e Colaborativas, Família, Trabalho, Orientação Profissional, para Carreira e para a Qualidade de Vida.

E-mail: marianne.r.feijo@unesp.br

Mayra Grava de Moraes. Docente do curso de Psicologia do Unisagrado. Mestre e Dra em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Unesp de Bauru. Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Unesp de Bauru, em Psicologia pelo Unisagrado e em Pedagogia pela Unifal. Especialista em Educação a distância pela Univesp.

E-mail: mayragravam@gmail.com

Nelson Iguimar Velerio. Psicólogo. Professor Adjunto / Docente e pesquisador junto aos Cursos de Graduação e Pós Graduação (lato e stricto sensu); Coordenador do Curso de Especialização em Intervenção Familiar Sistêmica da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP. Mestre e Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCampinas. Áreas de atuação: psicologia clínica e da saúde (terapia cognitivo comportamental; psicodrama; terapia familiar sistêmica).
E-mail: nelsonvalerio@famerp.br

Paloma Gonçalves Nunes. Graduanda no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Concursada como Monitora Escolar no município de Americana, atuando na etapa I da educação infantil.
E-mail: paloma.nunes@unesp.br

Táhcita Medrado Mizael. Psicóloga. Pesquisadora de pós-doutorado na University of South Australia. Mestra e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em gênero e sexualidade pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Áreas de atuação principais: preconceito racial, questões raciais, equivalência de estímulos, gênero, sexualidade, feminismo, Teoria das Molduras Relacionais (RFT) e autismo.
E-mail: tahcitammizael@gmail.com

Tamires Giorgetti Costa. Doutoranda (2023) e Mestra em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem UNESP, Bauru (2021). Graduada em Psicologia, pela Universidade do Sagrado Coração (2018). Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de interesse: Psicologia do desenvolvimento, Aprendizagem e Educação Sexual.
E-mail: tamires.giorgetti@unesp.br

Tatiana de Cássia Ramos Netto. Psicóloga. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Unesp-Bauru). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração – Unisagrado - Bauru. Áreas de atuação: Saúde sexual, sexualidade e envelhecimento. Psicologia Clínica Comportamental e Plantão Psicológico.
E-mail: taty_psy@yahoo.com.br

Thaís Yumi Shirane. Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq) e do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (GRATA-HC-FMRP-USP). Áreas de atuação: Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar, Transtornos Alimentares; Psicanálise e Arte, Psicanálise das Configurações Vinculares.
E-mail: thais.shirane@usp.br

SOBRE AS ORGANIZADORAS E O ORGANIZADOR

Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

Gabriel Câmara Branco. Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) na faculdade de ciências, Bauru. Estagiário em Clínica Psicanalítica de adultos. Áreas de atuação principais: psicanálise lacaniana, psicanálise e sexualidade.
E-mail: g.branco@unesp.br

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho. Psicóloga. Bolsista Capes de doutorado em Educação Escolar na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCLAr). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual, Inclusão e Diversidade.
E-mail: leilane.spadotto@unesp.br

SOBRE O GEPESEC

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESEC) foi fundado no ano de 2006 pela Professora Assoc. Ana Cláudia Bortolozzi, junto à Faculdade de Ciências da UNESP *campus* Bauru. Realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão em Sexualidade e Educação Sexual, das quais participam discentes do curso de Graduação em Psicologia e dos Programas de Pós-graduação em “Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem” (UNESP Bauru) e em “Educação Escolar” (UNESP Araraquara), entre outros/as alunos/as e pesquisadores/as associados/as de outras áreas do conhecimento. O grupo reúne uma extensa produção coletiva, publicada na “Coleção Sexualidade e Mídias”¹, na qual analisa diversos aspectos da Sexualidade e da Educação Sexual presentes em filmes e outras mídias. Além disso, apresenta relevante protagonismo na produção de saberes e práticas em Sexualidade e Educação Sexual², bem como, na difusão destes por meio de eventos e de publicações como esta.

Os encontros de estudo e pesquisa do GEPESEC são realizados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Sexual (LASEX), inaugurado em 2012 no *campus* da UNESP Bauru, possibilitando a reunião de orientandos/as e demais interessados/as no estudo e pesquisa de áreas da sexualidade e correlatas.

Para acompanhar o grupo e ter mais informações sobre reuniões de estudo e publicações, sigam nossas redes sociais ou entre em contato conosco:

¹ Publicados pela Pedro & João Editores (São Carlos-SP).

² Publicados pela Padu Aragon Editor (Araraquara-SP).



@gepeseccunesp

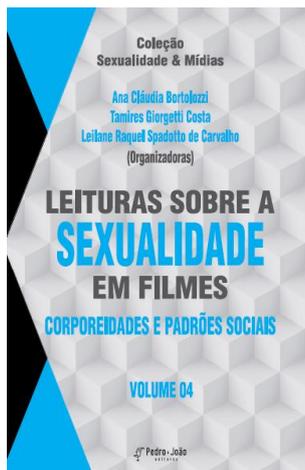
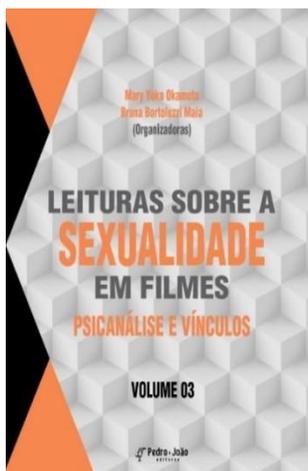
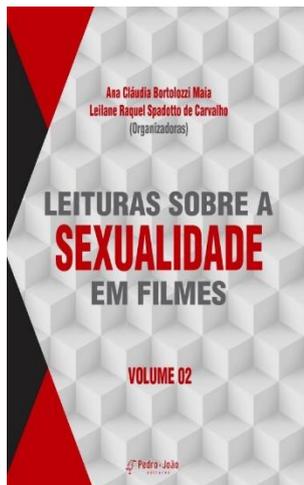
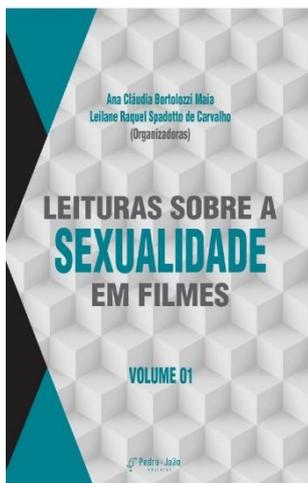


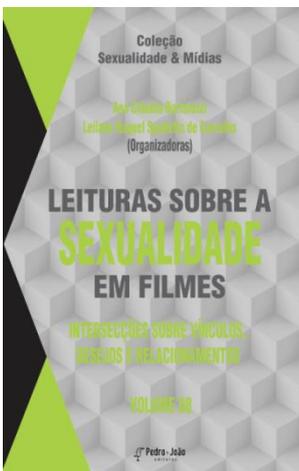
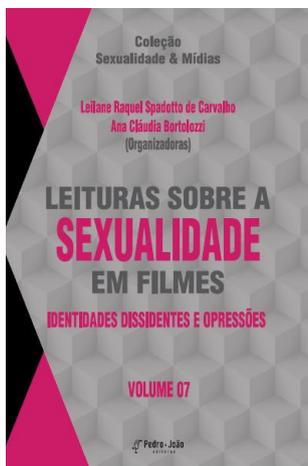
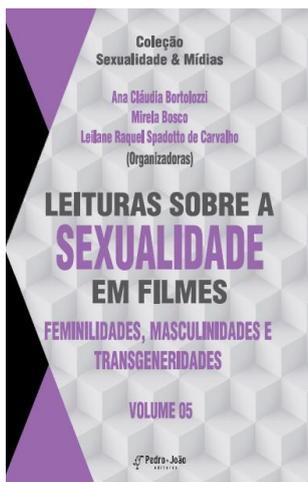
<https://www.facebook.com/gepesecc>

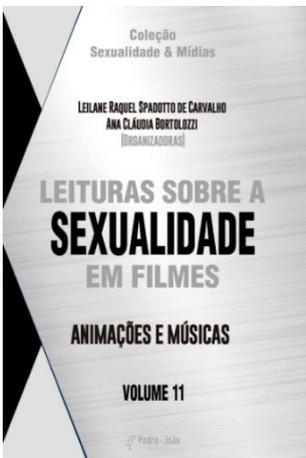
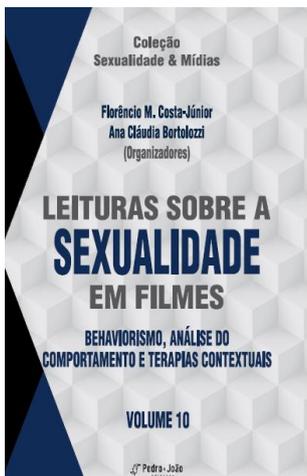
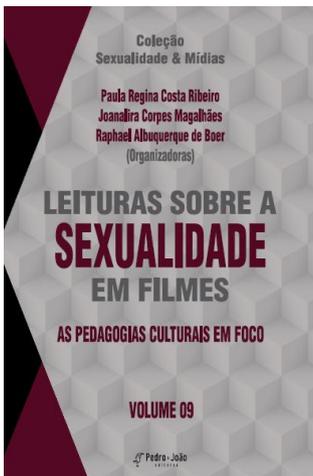


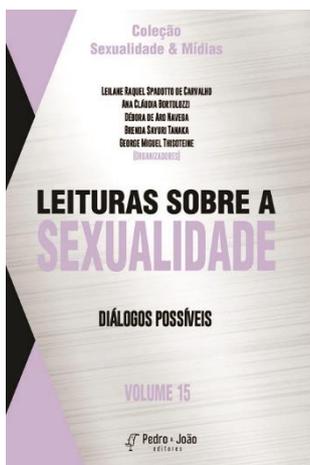
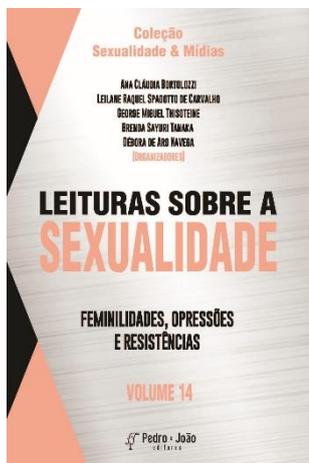
pesquisagepesecc@gmail.com

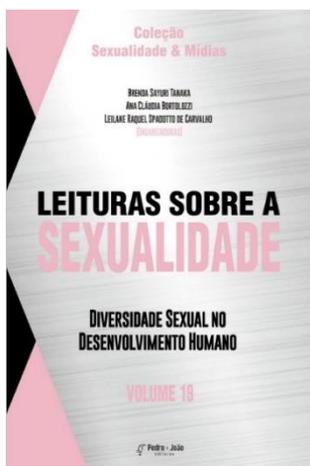
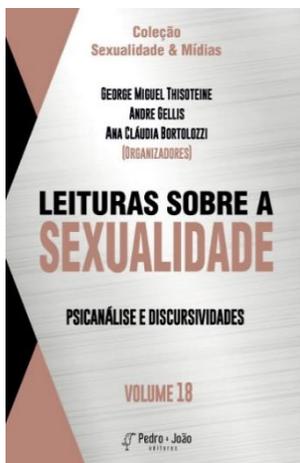
OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS











O Volume 20 da Coleção Sexualidade & Mídias traz diferentes capítulos que discutem a temática de gênero em seu sentido amplo em diferentes gerações. Questões como: orientação sexual, identidade de gênero, raça, classe e corpo são destacadas e analisadas em filmes e seriados, sobretudo em um período do desenvolvimento humano tão importante e carente de estudos sobre sexualidade, como o do envelhecimento humano.

